



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – UEPB
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA-UEFS
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
CIÊNCIA.**

ELIANE DE MOURA SILVA

**O ENSINO NO GRUPO ESCOLAR VIDAL DE NEGREIROS (GEVN)
NAS DÉCADAS DE 1940 A 1960**

ELIANE DE MOURA SILVA

**O ENSINO NO GRUPO ESCOLAR VIDAL DE NEGREIROS (GEVN) NAS
DÉCADAS DE 1940 A 1960**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, da Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana e Universidade Estadual da Paraíba, como obtenção do grau de Doutora em Ensino, Filosofia, e História das Ciências, na área de concentração de Ensino de Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia G. de Mattos

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586e Silva, Eliane de Moura.
O ensino no Grupo Escolar Vidal de Negreiros
(GEVN) nas décadas de 1940 a 1960 [manuscrito] /
Eliane de Moura Silva.– 2012.

137 f. : il. color.

Digitado.

**Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia,
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-
Graduação e Pesquisa, 2012.**

“Orientação: Profa. Dra. Carmen Lúcia Guimarães
de Mattos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro,
Departamento de Educação”.

1. Grupo Escolar. 2. Cultura Escolar. 3. Cadernos
Escolares. 4. Ensino de Matemática I. Título.

21. ed. CDD 370.9

ELIANE DE MOURA SILVA

**O ENSINO NO GRUPO ESCOLAR VIDAL DE NEGREIROS (GEVN)
NAS DÉCADAS DE 1940 A 1960**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, da Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana e Universidade Estadual da Paraíba, como obtenção do grau de Doutora em Ensino, Filosofia, e História das Ciências, na área de concentração de Ensino de Ciências.

Aprovada em: 14 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos
Orientadora – UERJ



Prof. Dr. Aurino Ribeiro Filho
Membro Interno – UFBA



Prof^a. Dr^a. Filomena Maria Gonçalves Moita
Membro Externo - UEPB



Prof^a. Dr^a. Paula Almeida de Castro
Membro Externo – UEPB



Prof^a. Dr^a. Cesar Augusto Castro
Membro Externo – UFMA

Dedico esta tese à minha coragem,
aos meus filhos e netas que me fazem respirar a vida,
ao meu companheiro, pela distância conivente,
à dona Noêmia que me permitiu aprender com ela e a partir dela.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que não me deixou desistir.

À professora Dra. Carmen de Mattos, por aceitar a orientação e pela maestria com que rondou a produção da pesquisa e todo o processo de construção da tese.

À Universidade Estadual da Paraíba e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, pela iniciativa do projeto de qualificação de professores e as condições favoráveis postas à realização do DINTER – Doutorado Interinstitucional - UEPB/UFBA/UEFS.

Ao professor Dr. Olival Freire, Coordenador do DINTER-UEPB/UFBA/UEFS, pelo que representa frente a essa conquista.

À minha família, especialmente a Pedro, pela singular expressão: “Vai estudar Eliane”, aos meus filhos, Elisângela, Elisana e Érick, pelo crédito inabalável.

À minha amiga, professora Maria Divanira Arcoverde pelo acolhimento carinhoso, pela presença e pela escuta em todos os meus chamamentos.

Ao mestre, ícone dos escolares campinenses, professor José Urânio das Neves, pelo apoio incondicional quando das minhas dificuldades com a matemática.

À professora Dra. Paula Castro, pela parceria na empreitada no último ano de trabalho.

Às amigas, Laércia B. Medeiros e Carol Cavalcanti, pelos apoios que me vitalizavam os ânimos.

À Nara pela companhia suave, fundamental e cuidadosa.

À Vanuza, Hélio, Bruno, Hussein e Thúlio pela disponibilidade e pelas ações compartilhadas que se converteram em fundamental apoio.

A todas e todos os meus colegas da UEPB que demonstravam preocupação e interesse pela resposta, reveladora de amizade solidária à pergunta. Quando vais concluir?

RESUMO

SILVA, M., E. *O ensino no Grupo Escolar Vidal de Negreiros (GEVN) nas décadas de 1940 a 1960*. 2012. 138f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, Bahia, 2012.

A tese intitulada “O ensino no Grupo Escolar Vidal de Negreiros (GEVN) nas décadas de 1940 a 1960” apresenta um estudo sobre os grupos escolares como gênese da Escola Primária Pública Brasileira. O delineamento e a escolha pelo objeto de pesquisa percorrem a história do GEVN, inaugurado na década de 1940, no município de Cuité na Paraíba. A busca desse conhecimento se deu em duas direções: uma que se pretendeu por dentro da escola quando se analisou materiais didáticos e documentos relacionados ao funcionamento do GEVN. Em destaque os cadernos escolares da antiga professora Noêmia Campos, as memórias por meio das narrativas das outras professoras, sujeitos da pesquisa. Outra direção foram as fontes documentais oficiais que legislaram sobre a escola primária pública, como parte integrante do Sistema Nacional de Ensino, no contexto da história da Educação Primária no Brasil. A abordagem qualitativa de pesquisa de cunho histórico subsidiou o processo de coleta de dados junto às instituições, lócus e participantes da pesquisa, as antigas professoras do GEVN. Foram então definidos o objetivo geral e objetivos específicos e as questões de pesquisa com a seguinte descrição: Como objetivo geral optou-se por analisar o modelo de ensino no GEVN, a partir dos cadernos escolares da antiga professora Noêmia Campos e das narrativas. Esta opção se deu em função de ser esta a professora que possuía um maior acervo material referente à sua época de atuação como docente, além de, em sua trajetória pessoal e profissional, ter acompanhado o GEVN desde a inauguração do mesmo, até a sua aposentadoria, período em que vivenciou diferentes mudanças que ocorreram nos processos educacionais entre as décadas de 1940 a 1960, especialmente aquelas relacionadas ao município de Cuité – PB. Definiu-se como objetivos específicos: 1) caracterizar a criação do Grupo Escolar Vidal de Negreiros, como instituição escolar de um Sistema Nacional de Ensino no contexto da história da Educação Primária Pública no Brasil; 2) analisar o modelo de ensino no GEVN, nas décadas de 1940 e 1960, a partir de cadernos escolares e narrativas das professoras; 3) identificar o modelo dos grupos escolares como escola primária e o seu desenvolvimento em seus percursos interno, no dia a dia do fazer escolar instituído, e externamente identificar a relação desta escola com as normas e legislações postas por meio de seus instituidores. Como resultados essa tese alcançou o conhecimento sobre a institucionalização da escola pública primária, focado na cultura da escola e na cultura escolar dos grupos escolares no Estado da Paraíba. Desta forma, pretendeu-se contribuir para o desenvolvimento de estudos em Educação que objetivem um conhecimento dos processos educacionais sobre a temática.

Palavras - chave: Grupo Escolar. Cultura Escolar. Cadernos escolares. Ensino de Matemática

ABSTRACT

SILVA, M., E. The teaching in the primary school of Vidal Negreiros (GEVN) in the decades from 1940 to 1960. 2012. 138f. Thesis (Doctorate in Education, Philosophy and History of Science) - Federal University of Bahia, State University of Feira de Santana, Salvador, Bahia, 2012.

The thesis entitled "The teaching in the Primary School of Vidal Negreiros (GEVN) in the decades from 1940 to 1960" presents a study on primary schools as the genesis of the Public Primary Education in Brazil. The choice for this research subject covers the history of GEVN opened in 1940 in the city of Cuité, Paraíba State. The pursuit of such a background occurred in two ways: one search was carried out in the school by analyzing instructional materials and documents related to the functioning of GEVN. More specifically, the focus of this investigation was on the notebooks which belonged to former teacher Noêmia Campos, on memories present in the narratives of other teachers who participated in the present research, as well as on official documentary sources that have legislated on the public elementary school, as part of the National System of Education in the context of the history of Primary Education in Brazil. The qualitative approach to the historical research supported the process of collecting data from institutions, locus, the research participants, i.e., the former teachers of GEVN. Subsequently, both the general and specific objectives were defined as well as the research questions, with the following description: the general objective is to analyze the teaching model in GEVN, from the notebooks of the former teacher Noêmia Campos and the narratives. Such a choice was based on the fact that this professional had a greater collection of materials related to her time as a teacher, and that, in her personal and professional path, Noêmia Campos had accompanied the GEVN from its inauguration until her retirement, when different changes in educational processes occurred between the decades from 1940 to 1960, especially those related to the municipality of Cuité – PB. The specific objectives underlying this study are: 1) to point out the creation of the primary school of Vidal Negreiros as a school institution from the National System of Education in the context of the history of Public Primary Education in Brazil; 2) to analyze the teaching model in GEVN from decade 1940 to 1960, based on notebooks and teachers' narratives; 3) and to identify the model of elementary schools as part of the primary education and its development into its internal paths as an institutionalized school, in addition to identify externally the relationship of this school with rules and laws laid by its founders. As results of this thesis it reached the knowledge about institutionalization of primary public school focused on culture of school and school culture of primary school at Paraíba State. Thus, it is intended to contribute to other studies in the field of education which aim at a deeper knowledge of the educational processes regarding the public elementary education, that is, primary schools.

Keywords: Primary School. School Culture. School Notebooks. Teaching of Mathematics

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Nota sobre a Instrução Pública da Paraíba.....	27
Figura 02	Prova de matemática do 2º ano, elaborada pela professora Noêmia Viana Campos.....	28
Figura 03	Notas parciais dos alunos da professora Noêmia Viana Campos	30
Figura 04	Médias anuais.....	31
Figura 05	1ª edificação onde funcionou o GEVN – Cuité-PB.....	47
Figura 06	Prédio do GE Thomaz Mindello - 1º Grupo Escolar do Estado da Paraíba.....	48
Figura 07	Foto das primeiras professoras e administradoras do Grupo Escolar Vidal de Negreiros.....	53
Figura 08	Ficha Funcional de uma professora do GEVN.....	54
Figura 09	Ata de Exames de Promoção.....	57
Figura 10	Caderno de produção pedagógica - nº 04.....	64
Figura 11	Símbolos nacionais impressos nos cadernos dos alunos.....	94
Figura 12	Caderno didático para resolução de problemas.....	97
Figura 13	Capa e contra-capa do livro Aritmética Elementar.....	98
Figura 14	Índice do livro Aritmética Elementar Ilustrada de Antônio Trajano – 119ª edição, 1945.....	100
Figura 15	Horário de aulas semanal.....	102
Figura 16	Divisão de disciplinas por carga horária.....	102
Figura 17	Carta aos alunos escrita pela professora Noêmia Viana Campos	105
Figura 18	Tabuada.....	106
Figura 19	Problema de matemática.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Perfil de antigas alunas, professoras e gestoras do GEVN.....	23
Quadro 02	Categorias e sub-categorias.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNS/MS	Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde
DVD	Digital Versatile Disc, em português, Disco Digital Versátil
DINTER	Doutorado Interinstitucional
E. E. E. F	Escola Estadual de Ensino Fundamental
FURNe	Fundação Universidade Regional do Nordeste
GEVN	Grupo Escolar Vidal de Negreiros
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
NETEDU	Núcleo de Etnografia de Educação
PROPED	Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
URNe	Universidade Regional do Nordeste
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	14
1	ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	19
1.1	Desenvolvimento da pesquisa.....	20
1.2	Locus.....	21
1.3	Sujeitos.....	22
1.4	Instrumentos.....	26
1.5	Processo de análise de dados: a análise de conteúdo na pesquisa qualitativa.....	33
1.6	Apresentando as análises.....	36
2	CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA NO BRASIL: OS GRUPOS ESCOLARES.....	40
2.1	Contexto político-educacional dos sentidos e significados da educação escolar.....	41
2.2	A formação dos professores e a peculiaridade dos grupos escolares.....	44
2.3	Das Escolas Isoladas aos Grupos Escolares na Paraíba: o Grupo Escolar Vidal de Negreiros (GEVN).....	47
2.4	História dos Sujeitos do GEVN.....	52
2.5	Concepções e modelo de ensino no GEVN.....	60
3	INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA: CULTURA ESCOLARE CULTURA DA ESCOLA.....	66
3.1	A cultura e o ensino de Matemática.....	73
4	OS CADERNOS ESCOLARES, MEMÓRIAS E FONTES DOCUMENTAIS: O MODELO DE ENSINO NO GEVN.....	78
4.1	Sobre a experiência docente.....	78
4.2	A professora Noêmia Campos.....	81
4.3	Sobre o modelo de ensino no GEVN: os cadernos escolares.....	88
4.4	O modelo de ensino: os cadernos da professora Noêmia Campos.....	92
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109

Post script - Trajetória acadêmico-profissional e inserções político-sociais.....	112
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICE 1 - Material Didático do ensino da Matemática utilizado pelos alunos	120
APÊNDICE 2 - Material didático de formação e apoio a prática do professor do Grupo Escolar Vidal de Negreiros – 1943	121
APÊNDICE 3 - Material utilizado pelos professores	122
APÊNDICE 4 - Cadernos escolares catalogados	127
APÊNDICE 5 - Livros Teóricos de apoio pedagógico utilizados pela professora Noêmia	128
ANEXO 1 – Aprovação pelo Comitê de Ética	130
ANEXO 2 – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	131

INTRODUÇÃO

A tese intitulada “O ensino no Grupo Escolar Vidal de Negreiros (GEVN) nas décadas de 1940 a 1960” apresenta o estudo sobre os cadernos escolares, memórias e fontes documentais no contexto da história da Educação primária no Brasil. A abordagem qualitativa de pesquisa de cunho histórico subsidiou o processo de coleta de dados junto às instituições, locus e participantes da pesquisa, as antigas professoras do GEVN.

O delineamento e a escolha pelo objeto de pesquisa percorrem a história do GEVN, inaugurado na década de 1940, no município de Cuité na Paraíba. Foram então definidos como objeto de pesquisa, objetivo geral e específicos e as questões de pesquisa com a seguinte descrição.

O objeto de pesquisa direcionou-se para os cadernos escolares, memórias e fontes documentais sobre o Grupo Escolar Vidal de Negreiros nas décadas de 1940 a 1960. Entende-se que pela análise desse material foi possível contextualizar historicamente os processos de escolarização relacionados ao GEVN que contribuíram para a Educação primária, especialmente no Estado da Paraíba.

Como objetivo geral optou-se por analisar o modelo de ensino no GEVN, a partir dos cadernos escolares e das narrativas, da professora Noêmia Campos. Esta opção se deu em função de ser esta a professora que possuía um maior acervo material referente à sua época de atuação como docente, além de, em sua trajetória pessoal e profissional, ter acompanhado o GEVN desde a sua inauguração, vivenciando diferentes mudanças que ocorreram nos processos educacionais entre as décadas de 1940 a 1960, especialmente aquelas relacionadas ao município de Cuité – PB. Dentre as mudanças, destaca-se a inauguração de um grupo escolar em uma cidade do interior do Estado. Ainda que outras professoras tenham participado da pesquisa, a professora Noêmia é a única que possui fontes documentais e materiais pedagógicos do seu período de atuação como docente no GEVN.

Portanto, teve-se como objetivos específicos: 1) caracterizar a criação do Grupo Escolar Vidal de Negreiros, como instituição, no contexto da história da Educação primária no Brasil; 2) descrever o modelo de ensino no GEVN, nas décadas de 1940 a 1960, a partir dos cadernos escolares e das narrativas da professora Noêmia Viana Campos; 3) analisar fontes documentais e narrativas de antigas professoras sobre o modelo de ensino do GEVN.

Cada um dos objetivos específicos, em complementaridade, foi realizado para prover dados para o entendimento do objeto da pesquisa, sejam por fontes documentais, orais ou pedagógicas.

Foram ainda definidas as questões de pesquisa, direcionando o trabalho para atender ao objeto e objetivos propostos. Como questões: 1) Como foi instituída a educação primária a partir dos grupos escolares?; 2) Como as fontes documentais, as memórias e narrativas das antigas professoras informam sobre o modelo de ensino no GEVN? e 3) De que forma a narrativa e os cadernos da professora Noêmia Campos contribuem para o entendimento de um modelo de ensino como cultura escolar do GEVN?

Com este delineamento justifica-se a realização de uma pesquisa de doutorado para informar sobre os processos que culminaram na institucionalização da Educação Primária Pública no Brasil a partir da criação dos grupos escolares. Os resultados desse estudo podem contribuir para novas pesquisas que buscam compreender os fatos históricos relacionados à Educação pública primária e prover novos dados sobre como a trajetória profissional e a história de vida de antigos professores é relevante para a contextualização do modelo de ensino utilizado em diferentes épocas para a condução da aprendizagem dos alunos. É, ainda, necessário destacar como se dava a formação dos professores que atuavam nas instituições de ensino primário, além de serem majoritariamente mulheres destinadas à profissão docente.

Além disso, ao conduzir um estudo sobre um grupo escolar localizado no interior do Estado da Paraíba contribuiu para informar de que modo o GEVN, sua inauguração reconfigura o processo de escolarização local possibilitando o acesso de alunos à Educação Primária, além de oferecer oportunidade aos professores recém - habilitados para a função, (curso primário completo) como foi o caso da professora Noêmia Campos – participante da pesquisa.

A professora Noêmia Campos atuou no GEVN e possui um repertório pessoal e profissional integrado à própria história deste grupo. Em seus anos de atuação, desde 1943 até sua aposentadoria, Noêmia contribuiu para a formação de inúmeros alunos, além de integrar o corpo de funcionários que desempenhavam diariamente a função formadora – social e cognitiva – esperada pela sociedade dos grupos escolares, quando de sua criação em diferentes estados brasileiros.

Esse período pode ser caracterizado como de efervescência político, cultural, educacional e social configurando um novo momento para a Educação Primária no Estado da Paraíba. O entendimento sobre a necessidade de conduzir à escolarização um número crescente de alunos de diferentes classes sociais leva a que o modelo de ensino, observado nas práticas pedagógicas dos grupos escolares, seja idealizado a partir de situações próprias do cotidiano destes alunos. O que ficou evidenciado nas análises das atividades da disciplina de Matemática, relacionadas a vendas, compras e trocas envolvendo as operações básicas da aritmética, prática também do ensino da disciplina Língua Portuguesa. Ambas as disciplinas representavam o ideário, em muito prevalecente na escola dos anos 2000, sobre ser necessário aos alunos das séries iniciais, o conhecimento das habilidades de contar, ler e escrever.

Por tais entendimentos, estudar os grupos escolares, em destaque, o GEVN, possibilitou a identificação de um momento histórico significativo da educação primária. Assim, buscou-se com essa tese descrever o modelo de ensino do GEVN e sua cultura através das memórias, narrativas, materiais didáticos e documentos regulatórios dos grupos e do município de Cuité, cidade do interior do estado da Paraíba.

Pelo exposto, cabe observar a pertinência desta tese a área do conhecimento do Programa de Doutorado Interinstitucional entre o Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Trata-se de um projeto do Ministério da Educação (MEC) sob os auspícios da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Insere-se nos estudos desenvolvidos pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, na linha de pesquisa História das Ciências e Ensino de Ciências e, ainda, na produção do grupo de pesquisa Etnografia e Exclusão em Educação, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos, do Núcleo de Etnografia de Educação (netEDU), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Ressalta-se que a temática desta tese atende, ainda, a proposta geral dos Programas e Linhas de Pesquisa, conforme os objetivos destacados a seguir:

[...] os estudos históricos e filosóficos podem ter um papel importante em pesquisas sobre o ensino e a aprendizagem, como mostram as investigações sobre o modelo da mudança conceitual e a aprendizagem significativa. Nessa linha de pesquisa, encontram-se projetos que têm como objeto as relações entre história, filosofia e ensino das ciências, sendo desenvolvidas propostas para o ensino fundamental, médio e superior, bem como para a divulgação científica e formação continuada de professores. A linha “Ensino de Ciências” apresenta cinco campos temáticos: I) Investigações teórico-conceituais sobre as relações entre história, filosofia e ensino das ciências; II) Pesquisas sobre produção de materiais educacionais (livros, roteiros de experiências, montagens experimentais, mapas conceituais, exposições etc.); III) Pesquisas sobre o uso de abordagens de ensino contemplando as dimensões históricas e filosóficas das ciências; IV) Investigações sobre formas de avaliação não-convencionais (mapas conceituais, entrevistas etc.); V) Investigações empíricas sobre concepções da natureza da ciência de alunos e professores (UFBA, 2011, grifo nosso).

Os trechos grifados, na citação acima, indicam os caminhos percorridos para a composição e adequação da tese, ora apresentada. Além disso, destaca-se que a pesquisa desta tese foi desenvolvida de acordo com os preceitos éticos que orientam os estudos com seres humanos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UEPB, de acordo com a Resolução 196/96 CNS/MS. O projeto foi submetido e aprovado pelo supracitado Comitê tendo todos os participantes assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ambos os documentos encontram-se em anexo).

Pelo exposto essa tese apresenta-se com a seguinte estrutura, além da Introdução: 1) Abordagem metodológica ressaltando a escolha da pesquisa qualitativa, de cunho histórico, o desenvolvimento da pesquisa, o perfil dos sujeitos, o lócus, os instrumentos utilizados, o processo de análise e os resultados no formato de categorias que são apresentados nos capítulos seguintes relacionando as fontes documentais, orais e materiais pedagógicos com o objeto da pesquisa; 2) O contexto histórico da Educação Primária no Brasil: os grupos escolares informam sobre o processo de construção dos grupos escolares em suas intersecções políticas, sociais e educacionais com ênfase na criação do GEVN no município de Cuité – PB entre décadas de 1940 a 1960; 3) Institucionalização da escola pública: cultura escolar e cultura da escola destaca teórico-conceitualmente à análise sobre os aspectos culturais relacionados aos grupos escolares. Esta análise auxiliou no entendimento das categorias por informar sobre o contexto de criação dos grupos escolares, especialmente, o ensino de Matemática, ambos referenciados pela institucionalização da Educação Primária Pública no Brasil e 4). Os cadernos

escolares, memórias e fontes documentais: o modelo de ensino no GEVN que destaca a importância da trajetória profissional e a história de vida docente da professora Noêmia Campos, para o entendimento sobre o modelo de ensino proposto para a disciplina e aprendizagem dos alunos. Busca, ainda, identificar como se dava, a partir das memórias da professora Noêmia, a formação e atuação docente no GEVN. Feitas as considerações e recomendações, referências, apêndices e anexos, encerra-se a tese com um relato em *Post Script* sobre a trajetória acadêmico-profissional e inserções político-sociais desta doutoranda para a escolha do objeto e desenvolvimento desta pesquisa.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam informar e formar novos profissionais sobre o processo de institucionalização da Educação Primária Pública como referência para uma escola para todos direcionada para formar cidadãos críticos.

1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Neste capítulo apresenta-se o referencial utilizado para a realização da pesquisa que compõe os dados desta tese, destacando no desenvolvimento da pesquisa os locais e os materiais acessados durante as visitas as instituições públicas do Estado da Paraíba, a definição do locus de estudo – GEVN – o perfil dos participantes, os instrumentos de coleta de dados, o processo de análise e os resultados da pesquisa.

O referencial da pesquisa qualitativa foi utilizado para conduzir esta pesquisa pela possibilidade em compreender, narrar e significar os eventos sociais de diferentes formas e épocas. A partir desse referencial, analisaram-se as experiências individuais e coletivas dos sujeitos, de modo que estas estivessem relacionadas às instituições, memórias, materiais e documentos escolares com ênfase nas décadas de 1940 a 1960.

Para tal, foi utilizada a abordagem histórica para compor o cenário da criação do GEVN, como instituição, no contexto da história da Educação Primária no Brasil. Este cenário é tangenciado pelas memórias de antigas professoras e, em destaque, a professora Noêmia Campos que contribuíram para o entendimento sobre o modelo de ensino do GEVN da época em estudo. Da mesma forma, como serviu de suporte para a busca e análise em documentos e cadernos escolares que ilustram o modelo de ensino como cultura escolar do GEVN.

Ao definir as contribuições da abordagem histórica, na composição de trabalhos com as características desta tese, Alberti (2005, p.18) destaca que esta “privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”. A autora acrescenta, ainda, que “trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam”.

Meihs e Holanda (2007, p.17) também destacam seu uso “como um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documento, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos”. Para os autores a História “é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva” que pode ser experienciada a partir do acesso e análise das fontes históricas.

Neste estudo, os acontecimentos históricos foram analisados a partir das fontes documentais que continham informações do objeto de estudo – cadernos escolares, memórias e fontes documentais sobre o Grupo Escolar Vidal de Negreiros (GEVN) nas décadas de 1940 a 1960. Sobre o uso das fontes Schaffrath (2006) cita Ragazzini (2001, p.243) para destacar a relevância destas nas pesquisas de base histórica. Para Ragazzini as fontes são vestígios testemunhos que respondem às perguntas que lhes são apresentadas. Destaca, ainda, que a fonte é o único contato possível com o passado, ela está lá, provém do passado mas, ao ser interrogada e interpretada pelas formas de conhecimento do presente, deixa de ser passado e torna-se uma ponte com o presente, uma testemunha capaz de nos proporcionar conhecimentos sobre o passado.

Justifica-se a opção por este referencial metodológico pelo foco em resgatar o processo histórico de institucionalização do GEVN, as memórias, os cadernos escolares e as fontes documentais oficiais referentes a uma determinada época e sujeitos. Cabe destacar que o recorte do estudo para as décadas de 1940 a 1960 relaciona-se, em linhas gerais, com o acervo disponível e sujeitos que pudessem contribuir para a compreensão do objeto desta pesquisa. Destaca-se que este período foi o de atuação das antigas professoras no GEVN.

1.1 Desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa iniciou-se no ano de 2008 com visitas a locais que pudessem conter as fontes documentais para compor os dados sobre o GEVN. Estes locais incluem setores públicos, localizados na cidade de João Pessoa-PB, sendo eles: 1) o Setor de Arquivo da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba; 2) a Fundação Espaço Cultural; 3) o Instituto Histórico e Geográfico e, 4) a Biblioteca Central da UFPB nos quais foram encontrados documentos de grupos escolares referentes à livros de matrícula, ficha funcional de professores, fotografias, recortes de jornais com notícias sobre o Ensino Primário e a criação dos grupos escolares no Estado da Paraíba. Foram ainda realizadas visitas a antigos grupos escolares que, atualmente, em sua fachada apresentam a indicação tanto de grupo escolar como de Escola Estadual de Ensino Fundamental (E. E. E. F) nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Cabedelo e Cuité.

Com base no material coletado nestas visitas, constatou-se que o GEVN – localizado no município de Cuité – dispunha de um acervo documental, em bom estado de conservação, que possibilitou a obtenção de dados históricos. Além deste material, foi possível localizar, através da atual Gestão, professoras que atuaram no GEVN. Dentre estas, destacou-se a professora Noêmia Campos, por dispor de um acervo com materiais (didáticos – livros, cadernos de aula), fotografias e recortes de jornal sobre o GEVN que contribuíram para a coleta e análise dos dados sobre o objeto da pesquisa.

O contato com a atual direção do GEVN foi feita em 2008, tendo recebido a doutoranda para a apresentação do projeto de pesquisa e com possibilidade de articular um processo colaborativo para atingir os objetivos definidos para a composição da tese. Em contato com a direção da escola, o atual diretor Zezito, antigo aluno do GEVN – sinalizou o interesse em colaborar com o estudo e disponibilizou o acesso aos documentos que compõem o acervo da escola.

No acervo do GEVN foram identificadas e catalogadas, atas de reuniões, fichas funcionais das professoras, fichas de matrícula, fotografias, livros didáticos, dentre outros materiais. Todo esse acervo foi cedido para digitalização e cópia integrando o banco de dados digital que foi arquivado em computador e mídia DVD.

1.2 Lócus

O locus do estudo para a obtenção de fontes documentais, com base na pesquisa histórica, foi o GEVN. A escolha se deu pela possibilidade de ser esta instituição a que possuía dentre materiais do recorte temporal desta tese, sujeitos que atuaram no GEVN neste mesmo período – décadas de 1940 a 1960. Portanto, optou-se por este grupo escolar para a realização do estudo pela possibilidade de acessar antigas professoras que pudessem, com a memória de sua trajetória profissional, conferir sentido ao que fora coletado. Foram agendadas, além do GEVN, visitas às casas das mesmas para apresentar o projeto, verificar se estas dispunham de materiais da época de atuação no grupo e realização de entrevistas com as mesmas.

O acesso ao GEVN foi viabilizado por um contato inicial com a secretaria do grupo e, posteriormente, com a atual gestão. Foram realizadas vinte visitas ao grupo para a coleta do material entre os anos de 2008 e 2010.

Pelo exposto, o GEVN foi definido como o locus de estudo para a coleta de dados sobre os cadernos da professora, livros, memórias e fontes documentais das décadas de 1940 a 1960.

1.3 Sujeitos

Foram sujeitos da pesquisa sete mulheres que, em diferentes anos, atuaram no GEVN nas funções – alternadas – de aluna, professora e gestora. Informa-se que estas permitiram que fossem utilizados seus nomes e imagens na apresentação desta tese. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participação na pesquisa e a concessão de imagens e outros materiais (Termo anexo a essa tese, bem como a Aprovação no Comitê de Ética).

No GEVN, atuando como professoras foram: Noêmia Viana Campos, Myrthes Venâncio dos Santos, Maria Albani de Lima Fonseca e Gelda de Paula Costa. Como gestoras foram: Marília Fonseca Limeira e Maria Camélia Pessoa.

Dentre estas, quatro foram alunas do Ensino Primário no GEVN – Marília Fonseca Limeira, Maria Albani de Lima Fonseca, Maria Divanira de Lima Arcoverde e Gelda de Paula Costa – tendo retornado para o exercício das funções de gestão e docência, exceto Maria Divanira.

A seleção destas sete participantes relacionou-se com a possibilidade de fornecer dados para a pesquisa pela trajetória pessoal e profissional relacionadas ao GEVN. Dentre elas, destacou-se a trajetória profissional de Noêmia Campos tanto pela dedicação ao grupo, desde a sua criação, quanto por possuir um acervo enriquecido com dados históricos e educacionais relacionados à educação primária no GEVN. Ainda que a professora Myrthes tenha atuado no grupo desde 1946, a mesma, durante as visitas realizadas para a pesquisa, informou não possuir materiais relacionados à sua atuação no GEVN.

Decorre daí a opção por utilizar o acervo de documentos e cadernos da professora Noêmia. Cabe destacar que o acervo utilizado para a análise do modelo de ensino do GEVN, em sua maioria, foi produzido, pela própria professora Noêmia, ao longo de sua trajetória profissional.

Abaixo se apresenta o quadro com o perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa informando sobre sua formação, atuação no GEVN, bem como um breve relato retirado das entrevistas realizadas durante a pesquisa. Optou-se por utilizar a

nomenclatura de antiga professora por se entender que a vivência profissional de professoras as acompanha em outros momentos de suas trajetórias, não sendo possível separá-las das memórias que possuem sobre o tempo em que atuaram diretamente na escola e na sala de aula. Mesmo na condição de professoras aposentadas, estas são lembradas por sua atuação e pela contribuição que deram para a formação de seus alunos.

Quadro 01- Perfil de antigas alunas, professoras e gestoras do GEVN

Noêmia Viana Campos 	• Nasceu no município de Cuité – PB em fevereiro em 1920; • Iniciou sua atividade no GEVN no ano de 1943; • Em 1951 terminou seus estudos de normalista, fazendo parte da turma pioneira; • Lecionou no GEVN até 1969; • Foi professora, inclusive do exame de admissão; Em suas narrativas a prof^a Noêmia Viana relatou suas experiências e dedicação que teve ao Magistério, principalmente no GEVN, explanando sua metodologia e formas de avaliação: <i>“A minha escolha para essa profissão se deu pela admiração que nutria por duas professoras do Curso primário. Admirava tanto as professoras Lourdes Almeida e Elça de Carvalho que decidi que quando terminasse meus estudos eu iria ser professora. E, até hoje, eu seria professora, se fosse possível.”</i>
Marília Fonseca Limeira 	• Nasceu em Cuité – PB em março de 1942; • Foi aluna da professora Noêmia Viana no GEVN; • Preparou-se para o teste do Exame de Admissão para o Instituto América; • Fez o curso Normal e em seguida o curso de Supervisão; • Voltou ao GEVN como supervisora. • Exerceu a função de diretora do GEVN; A professora Marília Fonseca relatou guardar boas lembranças do tempo de aluna, como por exemplo, a merenda que era feita com a colaboração dos estudantes. <i>“Cada um levava um tipo de verdura e ali se juntava tudo que era recolhido para fazer a sopa que logo seria distribuída a todos.”</i>
Myrthes Venâncio dos Santos 	• Nasceu em Cuité em 09 de outubro de 1927; • Foi aluna do GEVN; • Realizou todos os seus estudos em Cuité, inclusive o Curso Normal, concluído no Instituto América; • Começou a lecionar aos dezenove anos, dedicando-se integralmente a sua profissão; De acordo com a professora Myrthes Venâncio, a administração do GEVN ficava a cargo da direção, que observava o trabalho dos professores. Relatou ainda, que tinha muito entusiasmo em tudo que fazia e desenvolvia. Segundo ela: <i>“Se fosse possível, ainda hoje estaria ensinando.”</i>

Maria Albani de Lima Fonseca 	- Nasceu em Nova Floresta, distrito de Cuité, no dia 08 de agosto de 1943; - Fez as primeiras séries em Nova Floresta e o 4ª ano primário e o 1º Ano Complementar no GEVN; - Aluna da professora Myrthes no GEVN; - Fez o Exame de Admissão; - Concluiu o Curso Normal no Instituto América; - Aos dezoito anos voltou ao GEVN como professora; A professora Maria Albani relata que <i>“aprendeu não só conteúdos, mas valores éticos e morais. Queria ir além, mas naquela época as dificuldades eram grandes, estudar em Universidade era para os ricos”</i>.
Maria Camélia Pessoa 	- Nasceu em Cuité em 1927; - Estudou no GEVN; - Foi aluna da primeira turma do Instituto América; - Fez o Curso Normal e o Curso de Supervisão; - No GEVN exerceu o cargo de diretora; A professora Camélia relata que durante o período em que foi diretora o corpo docente era exclusivamente formado por professoras e contou que: <i>“Buscava estreitar as relações entre a escola e os pais dos alunos e ex-alunos em função da melhoria da qualidade do ensino.”</i>
Mª Divanira de Lima Arcoverde 	- Nasceu no distrito de Nova Floresta em 31 de janeiro de 1942; - Cursou a quarta série no GEVN; - Foi aluna da professora Mirtes Venâncio. Segundo a professora Maria Divanira <i>“Os conteúdos de Matemática eram repassados com muita exigência, com relação à tabuada e problemas que exigiam o raciocínio lógico. Os livros não eram doados pelo Estado e os pais arcavam com despesas de livros, cadernos e fardamento. No GEVN os alunos faziam atividades cívicas, culturais e esportivas, com “jogos de baleada e vôlei”</i>.
Gelda de Paula Costa 	- Nasceu em Cuité em 16 de agosto de 1946; - Estudou no GEVN todas as séries do Ensino Primário; - Concluiu o Curso Normal no Instituto América; - Depois de “diplomada”, voltou para o GEVN; Em uma de suas narrativas a professora Gelda de Paula diz que: <i>“O corpo docente era formado apenas por mulheres e havia também a figura de Inspetora de alunos. Havia comemorações de datas cívicas e além das quatro séries do Curso Primário, os alunos faziam o Primeiro Ano Complementar”</i>.

FONTE: Entrevistas concedidas à pesquisadora (2010).

A organização dos sujeitos, encontrados para oferecer explicações sobre o modelo de ensino do GEVN, seguiu a atuação destas mulheres como alunas,

professoras e gestoras, entendidas em seus diferentes momentos de participação no contexto educacional do grupo e, desse modo, enriquecendo os resultados do estudo. Nesse sentido, o cotidiano compartilhado pela memória das antigas professoras, alunas e gestoras é, de acordo com Meihy e Holanda (2007, p.27).), “o resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras, segundo pressupostos articuladores de construção de identidades decorrentes de suas memórias expressas em termos comunitários” .

Para Castellanos (2007, p. 15), a memória enquanto narrativa oral pode ser utilizada para revelar novos campos de investigações. Pode-se através das reminiscências e das memórias como professores e alunos desvelar tanto os discursos não ditos dos sujeitos silenciados, como também, reviver os discursos oralizados ou emudecidos dos não vivos, “que gritam nos subterrâneos do esquecimento e pedem através de nossas memórias, serem no mínimo, ouvidos; se não forem entendidos”.

Chartier (1996) afirma que a verdade da história provém da interface entre componentes do passado por meio de seus vestígios documentais e o espírito do historiador que a reconstrói, buscando conferir-lhe inteligibilidade. Há, pois, necessariamente, correlação e reciprocidade entre o sujeito e o objeto da história que está sendo narrada. De modo que o evento ocorrido há muito tempo pode estar fisicamente preservado, mas nem sempre pode conter o todo ou a parte daquele instante. Ele pode tornar-se um elemento de significação quando confirmado pela memória subjetiva daquele que vivenciou em parte, ou no todo, o evento.

Para isso, Ecléa Bosi (2003) propõe primeiro, obter informações objetivas sobre o assunto de que irá falar o depoente, assim não estaremos antecipando as coisas que serão relatadas. A autora destaca que se deve efetuar uma conversa prévia para que se adquiram informações a respeito do tema a ser tratado, enfim criar laços de amizade. Os laços de amizade são por demais importantes, no sentido de que seja criando uma relação de confiança na tarefa que vão juntos partilhar e construir numa reciprocidade entre quem fala e quem escuta.

Conforme a autora tudo deve ser anotado e registrado num diário que sempre será relido e ouvido. Ela sugere ainda que ouvir as entrevistas depois de realizadas é descobrir a riqueza dos silêncios, das reticências, daquilo que não se pretendia transmitir, mas passou assim mesmo. Desta forma, ela ressalta a importância

[...] das hesitações e dos silêncios. Os lapsos e as incertezas das testemunhas são selo de autenticidade. A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproxima da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis (BOSI, 2003, p. 64).

Nesta perspectiva, a memória possibilita a reinvenção de um passado em comum possibilitando novos olhares e permitindo que homens e mulheres entendam muito mais o presente, isto significa abrir novas possibilidades não apenas do presente, mas também para o futuro. Halbwachs (1990) complementa essa ideia e coloca que a reconstituição da memória coletiva é um elemento fundamental para a vida social, no sentido tanto da continuidade quanto da transformação da sociedade.

Identificados os sujeitos, passa-se ao destaque dos instrumentos utilizados para o acesso aos dados.

1.4 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para compor os dados desta pesquisa, foram:

- a) **Fontes documentais:** regulamentos, decretos, normas, leis, reformas, jornais da época, formulários de matrículas, fichas individuais das professoras, fichas de avaliação, livros de ponto, atas, cadernos de registros das professoras e horário com a divisão de tempo das aulas por disciplina.
- b) **Material didático:** livros didáticos, livros de apoio pedagógico.
- c) **Material produzido pela professora Noêmia:** cadernos de exercícios e de lições, planos de aulas, elaboração de provas e cartas aos alunos.
- d) **Fontes orais:** entrevistas abertas e individuais com as antigas professoras, alunas e gestoras do GEVN. As entrevistas foram realizadas privilegiando a espontaneidade no relato das participantes, permitindo que as mesmas buscassem suas vivências relacionadas ao GEVN. Foram gravadas em áudio e vídeo na residência das participantes nos anos de 2010 e 2011.

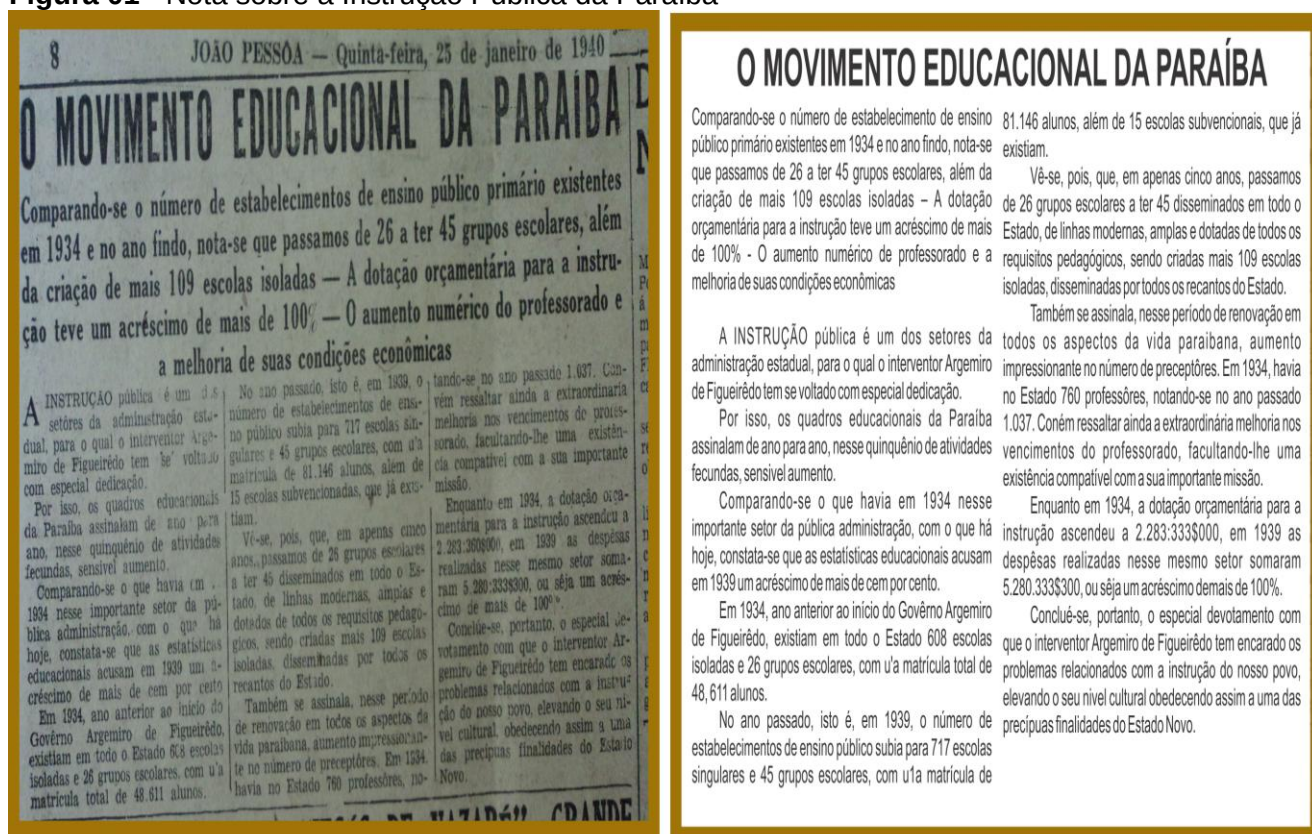
Para compor as fontes documentais foram eleitos os regulamentos, decretos, normas, jornais da época, formulários de matrículas, fichas individuais das professoras, fichas de avaliação, livros de ponto, atas, cadernos de registros das professoras, horário com a divisão de tempo das aulas por disciplina e horário semanal. Cada uma destas fontes foi devidamente analisada para compor o cenário

da história da educação primária na Paraíba, que teve como modelo por muitas décadas os grupos escolares.

A análise consistiu na leitura e catalogação das fontes documentais, identificando de que modo estas constituíram informações sobre o modelo de ensino como cultura dos grupos escolares e o contexto de implantação das políticas educacionais para a criação dos Grupos Escolares do estado da Paraíba. Os regulamentos, decretos, normas e jornais da época auxiliaram na elaboração do capítulo 3 da tese, identificando, na linha do tempo, as mudanças ocorridas na educação primária.

A figura 01 traz a matéria do Jornal “A União”, João Pessoa, quinta-feira, 25 de janeiro de 1940, referente ao “Movimento Educacional da Paraíba”.

Figura 01 - Nota sobre a Instrução Pública da Paraíba



FONTE: Arquivo Fundação Espaço Cultural – FUNESC. Disponível em acervo digital desta tese.

O Jornal “A União” é um órgão de comunicação oficial do Estado da Paraíba. Na nota acima, encontra-se uma notícia sobre o aumento do número de implantação de grupos escolares no início da década de 40. Por outro lado, Pinheiro (2002) confirma que esta década se insere no contexto político de aumento de criação dos

grupos escolares. Percebeu-se, portanto, que há entre a notícia do jornal, e os documentos oficiais analisados, uma afirmação sobre a ampliação do modelo de escola primária na Paraíba naquele período. A notícia ao expor uma opinião sobre a educação primária também faz uma espécie de prestação de contas das ações governamentais do setor da educação estadual no período de gestão do interventor Argemiro de Figueiredo.

As figuras a seguir possibilitaram exemplificar o modelo de ensino diretamente relacionadas ao cotidiano da sala de aula e ao funcionamento do grupo escolar, tendo sido analisados formulários de matrículas, fichas individuais das professoras, fichas de avaliação, livros de ponto, atas, cadernos de registros das professoras, provas, atas de exames final, exercícios e os horários.

Figura 02 - Prova de matemática do 2º ano, elaborada pela professora Noêmia Viana Campos

Prova do 2º ano

Matemática

- 1- Risque o número maior
320 - 107 - 276 - 415
- 2- Escreva em algarismos o número que vem antes de 300. 299
- 3- Qual é o lugar que o zero ocupa em:
80?unidades
507?dezenas
- 4- Complete, em ordem crescente
3 - 6 - 9 - 12 - 15 - 18 - 21 - 24... 45
- 5- Escreva em algarismos romanos de 10 até 40.

IIª Parte

Rosália comprou para por nos cabelos, uma fita por CR\$ 22,00, uma caixa de pó por 48,00

12

Prova do 2º ano

Matemática

- 1- Risque o número maior
320 - 107 - 276 - 415
- 2- Escreva em algarismo o número que vem antes de 300.
299
- 3- Qual é o lugar que o zero ocupa em:
80?.....unidades
507?.....dezenas
- 4- Complete, em ordem crescente
3 - 6 - 9 - 12 - 15 - 18 - 21 - 24... 45
- 5- Escreva em algarismos romanos de 10 até 40.

IIª Parte

Rosália comprou para por nos cabelos, uma fita por CR\$ 22,00, uma caixa de pó por 48,00

Gastou \$ 2200 CR\$
 + 4800
 Comprei uma bola e um realejo
 por Cr\$ 18,00. Quanto custou
 a bola custou 5,00. Quanto
 custou o realejo?

1 quarto de hora, quantos minu-
 tos são?

III

Faça estas continhas:

$$\begin{array}{r} 8256345 \\ 3628296 \\ \hline \end{array} \quad \text{ou} \quad \begin{array}{r} 82563286 \\ 5102321 \\ 4231547 \\ \hline \end{array}$$

Organize e efetue

$$420 + 24 + 234 + 2 =$$

Dizer como se denomina a primeira
 na parcela de uma subtração.

Gastou \$ 2200 CR\$
 + 4800
 7000

Comprei uma bola e um realejo
 por Cr\$ 18,00. Quanto custou
 A bola custou 5,00. Quanto
 custou o realejo?

1 quarto de hora, quantos minutos
 São?

III

Faça estas continhas

$$\begin{array}{r} 8256345 - \text{ não } 82563286 \\ 3628296 \quad 5102321 \\ \hline 4231547 \end{array}$$

Organize e efetue

$$420 + 24 + 234 + 2 =$$

Dizer como se denomina a primeira
 parcela de uma subtração.

FONTE: Caderno nº 05.p.12-13. Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese

Estas questões de matemática são parte integrante de uma prova elaborada para o 2º ano. Em sua totalidade as questões envolvem todas as outras disciplinas sob a responsabilidade da referida professora primária. Consta do caderno destinado ao 2º ano, catalogado como de nº 05, p.08-09. A disposição das questões da prova de matemática exposta acima está subdividida em três partes que representam três etapas do aprendizado de aritmética, distribuídas em dez questões. A primeira parte, com cinco questões, tem como objetivo avaliar a compreensão dos conceitos trabalhados em sala de aula, quais sejam, os conceitos de número, contagem, ordenação, grandeza e suas representações.

A segunda, com mais cinco questões reflete a preocupação da professora em avaliar a compreensão do aluno em relação aos conceitos e ao uso dos algoritmos, explicitados por meio de resolução de dois problemas contextualizados. A terceira, trata da verificação do aprendizado da parte operatória do uso dos algoritmos com questões envolvendo adição e subtração e explorando o conceito de subtração.

Apresenta-se aqui a sequência das notas dos alunos referentes às provas parciais e em seguida as médias anuais.

Figura 03 - Notas parciais dos alunos da professora Noêmia Viana Campos

Provas parciais			
	Português	Matemática	E. Sociais
Dulce	83	93	98
Salete	71	86	98
Marilene	89	79	98
Hidalgo	91	86	90
Zélia	78	86	100
Francisca	60	82	100
Dorival	47	82	100
Paulino	80	57	87
Cidonardo	68	71	83
Wilson	81	64	77
Cláudio	61	60	87
Antonio	50	57	80

PROVAS PARCIAIS			
	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	ESTUDOS SOCIAIS
DULCE	8,3	9,3	9,8
SALETE	7,1	8,6	9,8
MARILENE	8,9	7,9	9,8
HIDALGO	9,1	8,6	9,0
ZÉLIA	7,8	8,6	10,0
FRANCISCA	6,0	8,2	10,0
DORIVAL	4,7	8,2	10,0
PAULINO	8,0	5,7	8,7
CIDONARDO	6,8	7,1	8,3
WILSON	8,1	6,4	7,7
CLÁUDIO	6,1	6,0	8,7
ANTONIO	5,0	5,7	8,0

FONTE: Caderno nº 07.p.24. Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Figura 04 - Médias anuais

MÉDIAS ANUAIS			
	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	ESTUDOS SOCIAIS
SALETE	8,7	7,9	8,9
DULCE	8,4	7,6	8,8
MARILENE	8,9	7,1	8,1
ZÉLIA	8,4	7,3	8,2
FRANCISCA	7,8	6,1	8,4
HIDALGO	8,2	8,2	7,8
WILSON	8,0	6,7	7,7
CIDONARDO	7,5	6,1	7,7
DORIVAL	7,0	7,8	7,5
PAULINO	6,9	6,0	7,5
CLÁUDIO	4,8	4,7	7,5
ANTÔNIO	4,3	3,9	4,2

FONTE: Caderno nº 07.p.25. Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Conforme explicação da professora Noêmia, as provas parciais eram avaliações realizadas durante o ano escolar, e as médias anuais correspondiam ao resultado aritmético das provas parciais e finais. Verificou-se que há um bom índice de aprovação, uma vez que, apenas dois alunos obtiveram nota menor que cinco. Pode-se destacar que as notas em análise eram notas de uma turma constituída por apenas doze alunos. Observando-se ainda que as notas de Português apresentaram-se com maiores rendimentos em relação às notas de matemática, o que pode significar indícios da dificuldade de aprendizagem dos alunos em relação à disciplina de matemática. Registro que confirma as narrativas das professoras depoentes.

Dentre os materiais pedagógicos encontram-se aqueles que foram produzidos pela professora Noêmia Campos. Este material é parte do acervo pessoal da professora que detalhou o modo como ela produzia e o que ela chamou de

“cadernos de aula”. Eram cadernos de exercícios e de lições contendo planos de aulas e elaboração de provas que muito se aproximam dos diários pessoais, diários de campo ou diários de registro. Cada caderno produzido pela professora Noêmia continha dados pedagógicos sobre as suas aulas, atividades a serem desenvolvidas pelos alunos quase sempre resolvidas por ela, acrescidos de comentários e percepções sobre a trajetória educacional de seus alunos. Além destes, ela guardava cartas que escrevia aos seus alunos comentando sobre a situação educacional de cada um, especialmente quando estes eram reprovados. A análise desse acervo possibilitou identificar um modelo de ensino utilizado no GEVN identificado com a cultura escolar daquele espaço educacional.

Em complementaridade as fontes documentais, material didático e materiais produzidos pela professora Noêmia, as fontes orais pautaram-se na realização de entrevistas abertas com foco na compreensão do objeto do estudo.

Para a composição destas fontes orais foram realizadas cinco entrevistas com Noêmia Campos, três com Myrthes Santos, duas com Marília Limeira, duas com Camélia Pessoa, uma com Divanira Arcoverde, uma com Maria Albani Fonseca e uma com Gelda Costa. Em alguns casos foram realizadas mais de uma entrevista para aprofundamento dos objetivos propostos visando, ainda, respostas para os questionamentos da pesquisa. Além das entrevistas com a professora Noêmia Campos foram realizadas visitas para a análise colaborativa do seu acervo com os materiais de sua atuação no GEVN.

Estas entrevistas foram transcritas, literalmente, tendo sido necessário um longo período para tal. Ao término do processo de transcrição constituiu-se um novo conjunto de dados para compor as fontes orais. Quanto ao armazenamento das entrevistas gravadas, foi organizado um banco digital de dados contendo o arquivo da gravação em áudio e vídeo identificado com o nome dos sujeitos entrevistados e as datas. Foi ainda gravado em mídia DVD para conservação dos dados para conservação dos dados.

A articulação entre o uso de fontes documentais e orais se deu na perspectiva de um processo contínuo de análise destas com os questionamentos e objetivos oriundos da pesquisa e da pesquisadora. Neste sentido, as entrevistas realizadas com as antigas professoras, alunas e gestoras do GEVN orientaram outras possibilidades de entendimento das fontes documentais pela vivência das mesmas naquele contexto.

1.5 Processo de análise de dados: a análise de conteúdo na pesquisa qualitativa

O processo de análise de dados foi realizado a partir do material transcrito das entrevistas, bem como nas fontes documentais mapeando o entendimento sobre o objeto de estudo. Optou-se por utilizar a análise de conteúdo na pesquisa qualitativa, privilegiando a transição histórica, das formações sociais e suas transformações, buscando desvelar os determinantes ideológicos dos fatos ou eventos articulando pelo menos três regiões do conhecimento, traçando uma epistemologia que se movimenta no território da formação social, da ideologia e dos significados. Para Triviños (1987, p.130) a pesquisa qualitativa é uma pesquisa que parte da descrição do fenômeno visando:

[...] as causas da existência dele, procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças [...] apreciando o desenvolvimento do fenômeno [...] para descobrir suas relações e avançar no conhecimento de seus aspectos evolutivos, tratando de identificar as forças decisivas responsáveis por seu desenrolar característico; [...] buscando as raízes dos significados, as causas de sua existência, suas relações, num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico.

Cunha (1989, p.57) ressalta ainda que a organização dos dados e sua análise na pesquisa qualitativa é um processo complexo, pois é preciso que o pesquisador tenha uma visão ampla do objeto e do contexto a ser pesquisado sem “perder as peculiaridades que podem, muitas vezes, enriquecer a compreensão do fenômeno”. Neste sentido, cabe destacar como a análise de conteúdo foi historicamente constituída integrando os processos de compreensão de dados nas pesquisas qualitativas. Desta forma, historicamente a Análise de Conteúdo data desde as tentativas de interpretação de livros sagrados.

Bardin (1987, p. 42) conceitua a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A técnica se aplica a análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento, que contém informação

acerca do comportamento humano atestado por uma fonte documental, tendo como objetivo compreender criticamente, o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

Na análise de conteúdo a mensagem é o ponto de partida, considerando a semântica e a interpretação do sentido atribuído às mensagens. Neste sentido, ao considerar o contexto e as condições de produção das mensagens, a análise de conteúdo assenta-se na concepção crítica da linguagem. Triviños (1987, p.160), reitera que:

[...] o método de análise de conteúdo [...] pode servir de auxiliar para instrumento de pesquisa de maior profundidade e complexidade, como o é, por exemplo, o método dialético. Neste caso, a análise de conteúdo forma parte de uma visão mais ampla e funde-se nas características do enfoque dialético.

Para Minayo (2004, p. 74) a análise de conteúdo visa verificar hipóteses e ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto.

[...] o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente).

Neste sentido, a análise de conteúdo é utilizada para estudar e analisar material qualitativo, a fim de compreender e extrair aspectos relevantes de um discurso aprofundando suas características ideológicas, de sentido e significações objetivas e subjetivas.

As pesquisadoras Lüdke e André (1986, p.48), entre outros autores, lembram que, “é preciso ler e reler o material até chegar a uma espécie de “impregnação” de seu conteúdo [...] e desvelem mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente silenciados”.

A partir desta primeira leitura, o pesquisador pode elaborar os objetivos da pesquisa e decidir o *corpus* da investigação. A constituição do *corpus* é possível a partir da leitura e análise da literatura selecionada, permitindo criar inferências em relação ao objeto e ao seu entorno. Conforme salienta Lüdke e André (1986) o processo de impregnação pela leitura do material, nessa tese, permitiu a compreensão, a partir das memórias narradas, dos significados de um modelo de ensino do GEVN.

Em um primeiro momento, realizou-se a descrição analítica, constituindo-se como uma etapa correspondente ao mapeamento dos dados, sempre orientado pelo objeto e objetivos da pesquisa. A seleção do procedimento mais apropriado depende do material a ser analisado, dos objetivos da pesquisa e da posição ideológica e social do analisador. Tais procedimentos podem privilegiar um aspecto da análise, seja pela decomposição do texto em unidades léxicas, classificando-o em categorias, seja desvelando o sentido de uma comunicação na ocasião do discurso, seja revelando os significados dos conceitos em meios sociais diferenciados. Neste estudo, foi importante perceber como as explicações dos participantes possibilitaram compor historicamente as explicações sobre a importância da criação dos grupos escolares para a educação primária, sobretudo, no estado da Paraíba.

O segundo momento relaciona-se com o processo de coleta e análise de dados, definida por Turato (2003, p.445) “como o procedimento de pôr em destaque, dentro de um grande tópico (a categoria), outros tópicos particulares que merecem discussão em relevo, porém que guardam certa dependência temática com um amplo tópico categorizado”. As subcategorias se somam às inferências do pesquisador referentes ao objeto de pesquisa, visando-se construir o segundo instrumento de coleta de dados. Nessa fase, as inferências são fundamentais para a construção dos tópicos do(s) instrumento (s), pois é a partir delas que é possível estabelecer as dimensões e relações para a análise, que possibilitará a construção de novo corpus teórico. Toma-se neste estudo o conceito de inferência definido por Turato (2003, p.454) “processo de derivar uma conclusão a partir de determinados pressupostos, feito através da análise de um material coletado e de acordo com certas regras de operacionalidade”.

Turato (2003) propõe ainda que o processo de categorização possa ocorrer dentro de dois critérios principais: o de repetição e o de relevância. Entende-se por critério de repetição às colocações reincidentes dos discursos considerados emergentes na investigação. Por relevância, considera-se uma fala rica em conteúdo a confirmar ou refutar hipóteses iniciais da investigação. Este processo permitiu rever e propor novas definições para a relevância da cultura escolar relacionada a um período específico, de edificação dos grupos escolares, seus sujeitos e processos educacionais. Cabe ressaltar que as inferências produzidas no estudo são também validadas pelas explicações dos próprios sujeitos sobre suas experiências relacionadas ao objeto de estudo.

O terceiro e último momento do processo de coleta e análise de dados parte do *corpus* teórico construído, para a análise e apresentação dos resultados. Novas inferências poderão ser feitas pelo pesquisador em relação ao objeto de pesquisa, mesmo que não tenham sido previstas. No entanto, as interpretações devem estar apoiadas em provas de validação, isto é, na própria literatura de especialidade ou nas práticas observadas no ambiente pesquisado. Nessa fase, a interpretação é essencial, mas deve estar claramente relacionada ao *corpus* existente, de modo que seja validada pela comunidade científica da área. Finalmente, sistematizar os resultados com os objetivos iniciais, buscando a construção de conhecimento científico sobre o objeto pesquisado.

Neste terceiro momento, as informações foram analisadas separadamente, fator que subsidiou de forma mais concisa o estudo das categorias e subcategorias eleitas anteriormente. Posteriormente são examinadas, tendo-se por base o imbricamento entre os diferentes módulos que compõem os instrumentos de coleta de dados – fontes documentais e orais. Por último, foi analisado conjunto das relações entre as categorias e subcategorias buscando-se obter, com maior propriedade, a compreensão do objeto de estudo.

A descrição aqui exposta informa sobre as análises que foram realizadas nos dados coletadas para essa tese. Esse processo analítico conduziu às categorias Institucionalização da escola pública e Modelo de ensino, tematizadas de acordo com as explicações contidas nos dados analisados.

1.6 Apresentando as análises

Apresentam-se, no quadro 02 as categorias e subcategorias levantadas a partir das análises de dados, conforme descrito no tópico anterior. Cada uma destas categorias compõe um capítulo da tese apresentando a relação entre os dados e o aporte teórico-conceitual pertinente.

Quadro 02 - Categorias e sub-categorias

Categorias	Subcategorias
Institucionalização da Escola Pública	Grupos escolares/ cultura escolar
Modelo de ensino	Material didático/Aula/ Ensino/ Cadernos

O quadro acima destacou, a partir da leitura das transcrições das entrevistas a recorrência das explicações das antigas professoras, alunas e gestoras sobre o modelo de ensino como cultura no GEVN. A recorrência contida nas explicações dos participantes levou à tematização dos dados, conforme descrito acima. Estas categorias foram agrupadas, no material transcrito, de acordo com as explicações dos participantes sobre as atividades do grupo escolar, o entendimento sobre a cultura escolar, como se deu o processo de institucionalização da educação pública, o que representou o GEVN para o município de Cuité, da mesma forma como foram destacados os tipos de materiais utilizados no processo de ensino e aprendizagem direcionando para o entendimento sobre o modelo de ensino da época – décadas de 1940 a 1960. Essas explicações foram, ainda, agrupadas pela pertinência em responder às questões relacionadas ao objeto de estudo.

As categorias **Institucionalização da Escola Pública Primária e Modelo de Ensino** contribuíram para informar sobre o objeto de estudo, de modo que elas não se apresentam de forma hierarquizada, mas dialeticamente apresentadas para explicar sobre aspectos da cultura escolar e do ensino de matemática no período pesquisado. As falas destacadas acima remetem às memórias compartilhadas do cotidiano no grupo escolar dos entrevistados. Foi possível identificar alguns aspectos de como se davam os processos de ensino e aprendizagem, as interações entre as professoras, os planejamentos das aulas, as festas cívicas, as datas comemorativas e outras questões do cotidiano do GEVN.

No que se refere à categoria **Institucionalização da Escola Pública: grupos escolares e cultura escolar**, as professoras destacaram a importância da inauguração do GEVN na cidade de Cuité, relataram sobre as datas comemorativas, as manifestações cívicas. A professora Camélia relatou alguns momentos vividos por ela quando diretora do GEVN. Das falas dos participantes foram destacadas

algumas, consideradas relevantes dentre o material transcrito.

Camélia Pessoa: [sobre o grupo escolar]: O grupo era pequeno havia duas salas, tinha uma pequeninha lá dentro que era da merenda, e depois transformou em almoxarifado, tinha um banheiro e uma diretoria.

Noêmia: [sobre o planejamento das aulas]: No começo do ano vinha sempre do departamento de educação o material de ensino, como passava aquele ano né? E a diretora fazia uma reunião e a gente ia sempre tomando aquelas orientações da diretora.

Marília: [sobre a dinâmica das aprendizagens]: Pra mim foi proveitoso porque até quando eu tinha prova, avaliação, o professor sempre fazia correção. Uma das minhas professoras, uma das melhores que eu não me esqueci da 3ª série foi Noêmia. Então, quando eu terminei a 3ª série em 52, no colégio particular, no Instituto América. Havia um teste de seleção, quem conseguir ficava logo no admissão, então eu fiquei estudando no admissão, eu estudava o ano todo e eu nunca fiz a 4ª série, na época não tinha essa questão de histórico, de nota, era interessante, a gente tinha a caderneta, tinha as notas, mas a questão do histórico, era o exame de admissão. Então eu fiz a 3ª série e fui para o exame de admissão o ano todo, eu nunca tive certificado de 4ª série, eu nunca fiz a 4ª série.

Quanto à categoria **Modelo de Ensino** observou-se no conjunto geral de dados que as práticas do GEVN estavam orientadas para levar a que os alunos aprendessem a ler e a escrever. Salientam os sujeitos durante as entrevistas, que a matemática requisitava maior atenção das professoras tendo em vista o grau de dificuldade apresentado pelos alunos em todas as séries até o exame de Admissão. Nesse sentido, o material didático relacionado ao ensino de matemática utilizado pelas professoras, tinha que conter atividades que dessem conta da demanda dos alunos para somar, subtrair, dividir e multiplicar. Em relação aos depoimentos sobre o ensino de matemática foram destacadas as seguintes falas:

Noêmia [ritmos de aprendizagem]: Uns tinham mais facilidade no português, num é? Outros tinham em matemática, e assim, nem sempre se coincidia de um aluno entender tanto matemática como português.

Marília [sobre os conteúdos programáticos]: A matemática era mais som em cima das 4 operações, saber a tabuada era o suficiente.

Maria Albani [sobre os conteúdos programáticos e o planejamento]: Os alunos na 4ª série sabiam as classes gramaticais, os verbos regulares e irregulares e os pronomes de tratamento. Liam, interpretavam e faziam lindas redações. E Matemática? Problemas e mais problemas, frações, sistema métrico, juros. Era loucura... Camélia fazia as provas e nós nem desconfiávamos o que seria cobrado... Nunca me preocupei porque o planejamento era cumprido, visto e revisado.

Neste sentido, apresenta-se o material que compõe os dados do estudo realizado. A apresentação dos resultados é feita fomentando uma leitura sobre a vivência dos participantes possibilitando evidenciar a interrelação de múltiplas instâncias que perpassam os processos de institucionalização da escola pública, colocando em tela os aspectos concernentes ao modelo de ensino como cultura escolar do GEVN.

Feitas as considerações sobre o desenvolvimento do estudo e a análise dos dados passou-se à apresentação dos resultados com as interlocuções teórico-empíricas no desenvolvimento de capítulos sobre as categorias destacadas das análises realizadas. A composição dos capítulos da tese segue as orientações de escrita, conforme descrito nas categorias e subcategorias, promovendo a interlocução necessária entre as narrativas dos participantes, as explicações e interpretações derivadas das análises e a fundamentação teórica relacionada às tematizações.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA NO BRASIL: OS GRUPOS ESCOLARES

Neste capítulo é abordado o contexto histórico de criação do Grupo Escolar Vidal de Negreiros, como instituição, no contexto da história da Educação Primária no Estado da Paraíba. Foi demarcada uma periodização identificando o contexto da conjuntura nacional e do Estado da Paraíba que culminaram na criação do GEVN. Ainda que a sua criação tenha se efetivado na década de 40, cabe destacar as influências que este modelo de instituição escolar teve no cenário brasileiro. Além da periodização, ressaltase a delimitação do sentido e significado da escola como instituição pública de ensino se configurando a partir das Reformas e Movimentos Políticos-Educacionais no Brasil e no Estado da Paraíba. Descreve-se, ainda, o contexto e o modelo de ensino do GEVN a partir das narrativas, das antigas alunas, professoras e gestoras, bem como suas vivências que contribuíram para o entendimento do objeto de estudo.

Em relação às influências exercidas sob o modelo dos grupos escolares destacam-se as sequências de Reformas e outros Movimentos que influenciaram o cenário político e educacional no Brasil. Em 1908 (BRASIL), como citado por Pinheiro (2002), as reformas na educação tiveram como modelo a ser seguido o Sistema Nacional de Ensino Público para a Escola Primária proposta pelo Governo Central, dando início à discussão sobre a criação dos grupos escolares. No período, entre os anos de 1916 a 1942, é que se dá uma maior implantação dos grupos escolares no Brasil, incluindo o Estado da Paraíba. A criação dos grupos escolares é também marcada pela Reforma nº 873 de 21 de dezembro de 1917 (PB), que versava sobre a organização escolar, destacando a transição das Escolas Isoladas e Escolas Reunidas, idealizada por Francisco Camillo de Hollanda – que governou o Estado da Paraíba entre os anos de 1916 a 1920.

De 1930 a 1932 (BRASIL) ocorrem mudanças que acabaram por influenciar os períodos subsequentes, tal como o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Observa-se, a partir de então, o direcionamento de uma educação voltada para uma modalidade de ensino que atendesse às demandas de escolarização de diferentes segmentos da sociedade brasileira. Esta periodização, proposta neste capítulo, culmina com a inauguração do GEVN no município de Cuité – PB em 1942, que dará início ao período histórico informado no objeto de estudo e de vivência dos

sujeitos pesquisados.

Como aporte teórico-metodológico (vide pag. 33-36) para o desenvolvimento da temática central, esta tese, ampara-se nas contribuições de pesquisadores que se alinham às questões, ao tema e aos objetivos desta pesquisa. Neste contexto, destacam-se, dentre outras contribuições, os estudos sobre a Educação Pública Primária, o grupo escolar amparados nas fontes documentais, narrativas e memórias das antigas alunas, professoras e gestoras do GEVN, como norteadoras desse estudo.

Pelo objeto e problemática do estudo, o aprofundamento se faz a partir de um recorte histórico no sentido de focar as políticas e movimentos de mudanças na educação primária a partir da organização dos grupos escolares tanto no que se refere ao contexto brasileiro e do Estado da Paraíba, bem como das interações dos sujeitos que compunham esse modelo de escola. Para tanto, direcionou-se o foco da pesquisa para o ensino dos grupos escolares, como organização da escola primária, a sua cultura, o currículo, os métodos e o modelo de ensino que oferecessem suporte à investigação.

A relevância da contextualização histórica, não só da época, mas também do modelo educativo vigente, apresenta-se no presente capítulo que versa, entre outros aspectos, sobre o momento histórico da criação e implantação dos grupos escolares, especificamente delineando seu surgimento no Estado da Paraíba e, tendo como locus da pesquisa, o GEVN, na cidade de Cuité.

2.1 Contexto político-educacional dos sentidos e significados da educação escolar

Desde 1908 se pode destacar que as mudanças e reformas educacionais estiveram relacionadas, sobretudo, à transição dos poderes políticos no Brasil e no Estado da Paraíba. Entre Reformas, Decretos e Movimentos, ainda que estivessem relacionados ao campo educacional serviram, em grande parte, aos regimes políticos entendidos como conflituosos e calcados em resquícios autoritários, apesar das manifestações que se organizavam desde 1920. Neste período Saviani (2011, p.15.) destaca que “quando se deu em 1924 a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE) ganha força o movimento renovador postulando a superação das ideias tradicionais e sua substituição pelo ideário da pedagogia nova”.

Além disso, em outra definição, a educação brasileira, de acordo Romanelli (1996), comporta-se como um instrumento de mobilidade social. Os estratos que detinham o poder econômico e político utilizavam-na como distintivo de classe. As camadas médias procuravam-na como a principal via de ascensão social, prestígio e integração com os estratos dominantes. Nesta sociedade, ainda não havia uma função “educadora” para os níveis médio e primário, razão pela qual eles não mereceram atenção do Estado, senão formalmente. A oferta de escola média, por exemplo, era incipiente, restringindo-se, praticamente, a algumas iniciativas do setor privado.

Neste contexto, foram intensificadas reformas e mudanças na escola na tentativa de que esta pudesse responder as necessidades da sociedade que, a cada momento histórico, também mudava, precisamente, desde 1908; quando as diversas regiões do país vão, de acordo com suas políticas de governo, implantando lentamente, os grupos escolares, modelo de escola que se constituía com características eminentemente urbanas e com características de normatização.

Neste sentido, tomou-se como referência a história da educação primária em todo o país, para compreender e apreender uma concepção de “escola” que contribuísse para esse estudo, uma vez que, a escola por natureza se reveste de múltiplas dimensões, determinantes e complexidades em suas práticas educativas.

Para uma primeira aproximação do significado e função da escola recorreu-se aos estudos Schmidt (1989). O autor aponta que:

A escola é uma instituição social, historicamente considerada, inserida numa certa realidade na qual sofre e exerce influência. Não é uma instituição neutra perante a realidade social. Deve organizar ensino, de forma a considerar o papel de cada indivíduo e de cada grupo organizado dentro da sociedade. Sua função, portanto, é preparar o indivíduo proporcionando-lhe o desenvolvimento de certas competências exigidas pela vida social. É também dar-lhe uma compreensão da cultura e uma “visão de mundo” e prepará-lo para a cidadania [...] Assim, a educação escolar é caracterizada por ser uma atividade sistemática intencional e organizada – organizada no que diz respeito aos conteúdos, e sistemática no que se relaciona aos métodos que utiliza (SCHMIDT, 1989, p.12).

Para o autor a instituição escola ajuda a compreender que a mesma não se restringe apenas a um lugar habitado por professores que ensinam e alunos que aprendem, onde se tem biblioteca, quadra para jogos e salas de aulas, aspectos estruturais visíveis. Pelo contrário, a escola tem sentido e significados muito mais amplos. Para Schmidt a escola deve ser entendida para além daquilo que

concretamente se visualiza que é a ação dos sujeitos em relação direta com o espaço e as funções sociais estabelecidas. Portanto, a escola não apenas recebe, como também exerce influência que a caracteriza como uma organização que não é neutra e por natureza interage com as pessoas e a sociedade que as modifica e são modificadas por ela.

Este mesmo campo conceitual de que a escola tem um papel formativo por meio de conhecimentos da sociedade e com a sociedade é definido por Pérez Gómez (2001, p.273) como um:

Espaço ecológico integrador dos diferentes contextos de produção, utilização e reprodução de conhecimento, um centro de vivência e recriação da cultura, utilizando a cultura crítica para reconstrução pessoal da cultura dos estudantes.

Ao considerar a escola como centro de vivência e de recriação da cultura, o autor contribui para elucidar que a função social da escola acontece em movimentos de construção e reconstrução nas instâncias do pedagógico e do administrativo escolar e não se constituem, nem devem ser visto como segmentos separados, pelo contrário, devem ser compreendidos em inter-relação tanto a dimensão pedagógica de natureza pedagógico-curricular quanto à dimensão administrativa de natureza jurídico-legal, financeira e de recursos humanos.

No entanto, as ações dinâmicas de interação entre esses espaços de discussão podem configurar espaços de confronto, à medida que a escola se constitui em um universo próprio, particular e específico e só com a participação de seus sujeitos em suas vivências diferenciadas é que se pode pensar a sua natureza, a sua configuração e quais os movimentos internos a caracteriza como instituição autêntica. Desse modo, Gomes (2005) ressalta o papel da escola:

Não como um tipo ideal de burocracia, que funciona de modo estritamente racional, a semelhança de um relógio, mas como organização flexível articulada. Composta de salas de aulas que se relacionam com uma unidade de atividades-meio, cada professor dispõe de relativa independência e visibilidade de classe. Deste modo, decisões tomadas num segmento não são aplicadas automaticamente em outros (GOMES, 2005, p. 284).

Estes princípios permitem melhor entender as correlações de sentido entre as normas prescritas que são os regulamentos, os decretos e as práticas definidoras dos conhecimentos do fazer no dia-a-dia da escola e da sala de aula no que se

refere à organização do espaço escolar, ao uso dos materiais escolares, da metodologia de ensino, bem como, das apropriações e dos usos que vão se estabelecendo entre os sujeitos que constituem a escola.

As considerações tecidas acerca do conceito de escola inserido no momento da pesquisa conduzem ao entendimento de que estas refletem a cultura escolar daquele período histórico e, para tanto, entende-se necessária a compreensão sobre a função da Educação Pública no Brasil no recorte histórico proposto inicialmente.

2.2 A formação dos professores e a peculiaridade dos grupos escolares

Estudar a história da criação dos grupos escolares permitiu um entendimento de como se organizou a educação primária no Brasil e no Estado da Paraíba, anteriormente à criação dos grupos escolares. Neste contexto cabe salientar, ainda, a regulamentação que envolveu as escolas normais para destacar a formação curricular oferecida ao professor que atuaria na educação primária e, posteriormente, nos grupos escolares quando da criação destes.

Conforme Saviani (2004),

ao longo do século XIX, o poder público foi normatizando, pela via legal, os mecanismos de criação, organização e funcionamento das escolas que, por esse aspecto adquiriram o caráter de instrução pública (SAVIANI, 2004, p.17).

De forma geral, identificou-se que as reformas das escolas normais acompanharam as reformas no ensino primário por meio da legislação dos grupos escolares. Dentre as similaridades entre as duas escolas são relevantes destacar tanto as estruturais quanto estruturantes, ou seja, desde as ideias de edificações em prédios imponentes a serem construídos nas capitais e ou grandes cidades para o funcionamento destas escolas, quanto na organização interna a partir das mudanças curriculares e da aquisição de novos atores educacionais para garantir a contento estes empreendimentos escolares que deveriam associar-se a efusão da modernidade.

A regulamentação de 08 de novembro de 1890 sobre as escolas normais define o professor como regenerador da escola pública primária. O currículo das escolas organizou as matérias em dois cursos – de artes e de ciências e letras – distribuídas em cinco séries (cinco anos), as cadeiras de artes incluíam desenho,

caligrafia, música, ginástica, trabalhos da agulha (para as meninas) e trabalhos manuais (para os meninos). As do curso de ciências e letras eram: português, latim, francês, geografia, história, universal, matemática astronomia, física e química, biologia, sociologia, moral e noções de agronomia. Ao concluir o curso o aluno recebia habilitação como professor primário que significava um requisito para prestar concurso e lecionar nas escolas públicas.

O currículo do ensino primário era configurado em duas categorias: o primário fundamental dividido nas modalidades de ensino elementar com duração de quatro anos e o ensino complementar com duração de um ano, destinado às crianças de 7 a 12 anos; o primário supletivo também tinha a duração de dois anos e destinava-se aos adolescentes. Essa configuração demonstra que a legislação educacional definia as diretrizes de organização do ensino primário em cada momento histórico.

Os conteúdos do curso primário fundamental eram: leitura, linguagem oral e escrita, iniciação a matemática, geografia e história do Brasil, conhecimentos gerais, desenho e trabalhos manuais, canto orfeônico e educação física. O curso primário complementar igualmente com a oferta do curso elementar, era acrescido de geografia geral, história das Américas, ciências naturais e higiene. Os documentos normativos que regiam o funcionamento da escola no que diz respeito às questões pedagógicas e de regulamentação administrativa se encontram nos arquivos da instituição e nos arquivos públicos visitados pela pesquisadora.

Ao longo das análises foi possível perceber que várias normas e regras que compunham o documento jurídico-legal de funcionamento do Sistema de Ensino Primário iam sendo culturalmente alteradas. Estas mudanças contribuíam tanto na organização pedagógica e curricular modificando ou alterando as práticas escolares, quanto possibilitavam mudanças nas relações culturais que se estabeleciam entre os sujeitos e os ambientes externos a escola.

A criação da Primeira Escola Normal do Estado da Paraíba datava de 1884 com a Lei nº 30 em de 30 de julho. Era presidente da Província Dr. Antônio Sabino do Monte a quem coube instalá-la solenemente em 07 de abril de 1885. Em virtude de ter sido interrompida a construção de um prédio apropriado vindo a funcionar a princípio no pavimento térreo do Tesouro Provincial (MELLO, 1956).

De acordo com os estudos de Mello (1956) a Escola Normal concluiu a primeira turma de professoras diplomadas em 1888, momento significativo para os meios educacionais da Paraíba. Segundo o mesmo autor,

Cumprir deixar consignados aqui os nomes das normalistas que abriram o caminho a essa falange de educadores que integram o professorado conterrâneo foram: D. Amália Garcez Alves de Lima, Anquilina Amélia de Oliveira, Anna Higinia Bitencourt Pessôa e Filismina Etelvina de Vasconcelos essas foram as quatro moças paraibanas que constituíram a primeira turma de diplomados. Este foi o fato de maior relevância ocorrido na Instrução Pública, nos últimos anos da Monarquia (MELLO, 1956, p.69).

A formação adquirida por estas professoras foi caracterizada como um momento de distinção educacional e social na sociedade paraibana. Estas professoras estariam habilitadas ao exercício da profissão docente no ensino primário.

Por meio do decreto nº 405 de 03 de março de 1909 foi criada a Diretoria Geral da Instrução Pública que era responsável pelos serviços do ensino primário e da Escola Normal. Essa diretoria dilatou para quatro anos o curso normal que antes era concluído, com três anos e estabeleceu processo mais rigoroso para os exames de admissão (MELLO, 1956).

Com o rigor da formação do professor estabelecido por tais Decretos passasse a discussão da criação dos grupos escolares e sua peculiaridade relacionadas à localização geográfica e clientela atendida.

De acordo com Reis Filho (1995, p.137-138) sobre os grupos escolares destaca-se que “sua organização decorreu da experiência da escola-modelo, criada por Caetano de Campos, e se ajustava às novas condições urbanas de concentração da população”. De acordo com o autor, os grupos escolares foram criados para reunir em um só prédio de quatro a dez escolas no raio da obrigatoriedade escolar (2 km para o sexo masculino e 1 km para o sexo feminino, distante da escola). Essa reunião de escolas era feita a critério do Conselho Superior. Em cada Grupo Escolar existia um diretor e tantos professores quantas fossem as escolas ou classes, ali reunidas.

Conforme Souza (1998), os grupos escolares foram instalados em diversas regiões do país, a princípio em prédios especialmente construídos e com organização administrativa e pedagógica superior as escolas isoladas para que lhes pudesse conferir visibilidade pública e prestígio social. Neste contexto, concorda-se com Vidal (2005; 2006), quando afirma que os grupos escolares consolidaram no país a representação do ideal da escola pública elementar.

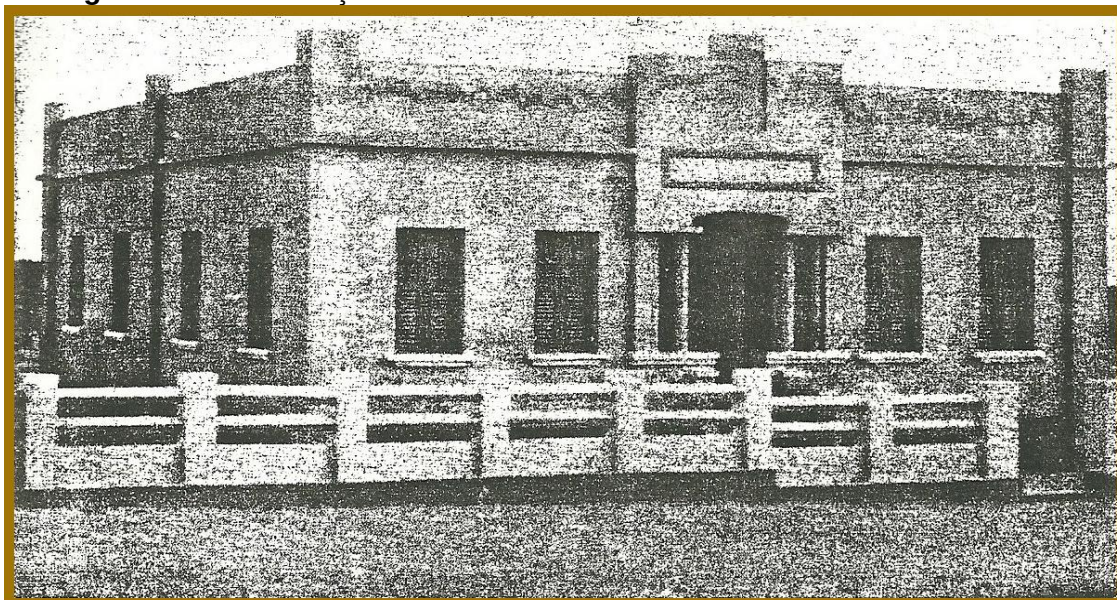
Outro aspecto sobre a implantação dos grupos escolares, que merece destaque, refere-se ao longo período de disseminação desse tipo de escola pelos

estados brasileiros. De maneira geral foi o fator que favoreceu para que, por muito tempo, os grupos escolares convivessem, lado a lado, com antigas formas e práticas de escolarização herdadas dos anos oitocentos, como as escolas isoladas, multisseriadas, familiar e domésticas.

2.3 Das Escolas Isoladas aos Grupos Escolares na Paraíba: o Grupo Escolar Vidal de Negreiros (GEVN)

Inicia-se esta parte do capítulo com a figura (abaixo) apresentando a 1ª edificação do GEVN que baliza a passagem das escolas isoladas para os grupos escolares. Época esta marcada por novos ideários para a educação paraibana.

Figura 05 - 1ª edificação onde funcionou o GEVN – Cuité-PB



FONTE: Arquivo particular professora Noêmia V. Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Considerando que, na maior parte do país prevalecesse a efervescência das ideias pedagógicas, o Estado da Paraíba, como que vivendo na contramão da história do Brasil, permanecia dominado pelos conservadores e pelas famílias oligárquicas remanescentes. Os poderes locais continuavam, quase que intactos, como forma de se perpetuar à dependência dos grupos políticos aos poderes locais que pretendiam dominar as regiões mais pobres pela conhecida patronagem da política e, por conseguinte, pelo poder econômico.

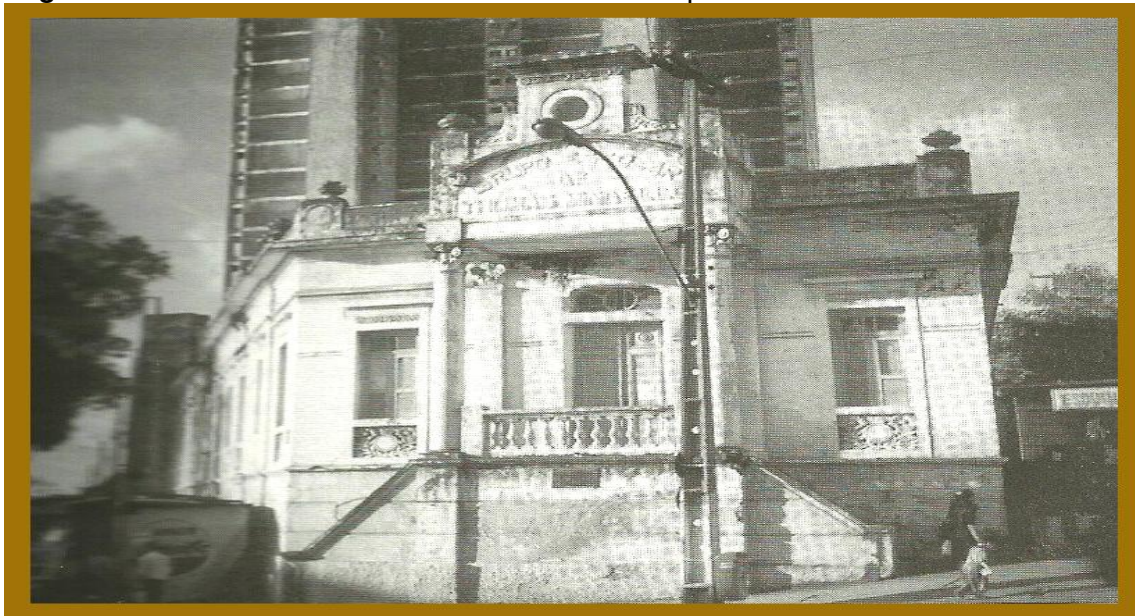
Este domínio permanece, ainda, presente por um longo período consolidado pela sucessão das famílias que comandavam o poder político local como, por

exemplo, a oligarquia de Machado que foi iniciada por Álvaro Machado, sucedida por Antônio Alfredo da Gama e Mello, posteriormente por José Peregrino, dentre outros, chefes e mandatários locais que mantinham o controle de seus grupos unicamente pela força política de base familiar.

O movimento de criação e regulamentação dos grupos escolares rompe com o modelo de escolas isoladas. No Estado da Paraíba, perpassa os anos de 1908 até a primeira metade deste século. Do ano de 1917 a 1930 foram instalados alguns dos mais conhecidos Grupos Escolares do Estado como: Grupo Escolar Thomaz Mindello, Grupo Escolar Eptácio Pessoa e Grupo Escolar Antônio Pessoa no centro da cidade de João Pessoa, o Grupo Escolar Sólon de Lucena em Campina Grande, o Grupo Escolar Antônio Pessoa em Umbuzeiro e o Grupo Escolar Padre Ibiapina, em Itabaiana, além do Grupo Escolar Álvaro Machado na cidade de Areia.

Como um exemplo do modelo arquitetônico desses prédios, que em muito se assemelhavam visualiza-se a seguir o prédio do Grupo Escolar Thomaz Mindello, o primeiro a ser instalado no Estado da Paraíba, na cidade de João Pessoa.

Figura 06 - Prédio do GE Thomaz Mindello - 1º Grupo Escolar do Estado da Paraíba



FONTE: Foto tirada pela pesquisadora em 2010. Disponível em acervo digital desta tese.

Tanto na arquitetura quanto na organização física e na forma de nomeação esses prédios seguiam um padrão típico que permaneceu por muitos anos e ainda existe, como no fato de que ao serem inaugurados os GE's recebiam nomes de personalidades políticas, sobrenomes de famílias proeminentes e ou personagens

influentes na política local. Esta era, e é ainda, uma forma de homenagem a essas pessoas, como nas referências feitas a Thomaz Mindello e André Vidal de Negreiros. Thomaz (de Aquino) Mindello (1860–1934) nascido na cidade da Parahyba, capital da Província de mesmo nome, tornou-se professor de Geografia no Liceu Paraibano após se formar em Ciências Jurídicas e Sociais na cidade do Recife, capital de Pernambuco, no ano de 1884, quando retorna ao Estado¹. André ‘Vidal de Negreiros’² (1606-1680) nato da Capitania da Parahyba, que como soldado lutou contra as invasões holandesas especialmente no ataque a Salvador em 1624 participando ativamente também da Insurreição Pernambucana que durou 9 anos (1645-1654).

Cada uma destas personalidades possuía um destaque por vezes local e/ou nacional, que era utilizado para nomear as instituições escolares. Deve-se a isto por ser considerado este período como o ciclo de maior euforia para implantação dos modelos dos grupos escolares que começam a arrefecer com os novos movimentos econômicos e políticos dos anos pós 1930.

Todavia, um aspecto da criação dos Grupos Escolares que merece um olhar crítico por parte dos pesquisadores das mais diversas áreas, é o fenômeno de permanência do modelo de Escolas Isoladas concomitantemente à implantação dos grupos escolares, em localidades mais distantes das áreas urbanas, fazendo com que as localidades consideradas como zona rural tenham permanecido e convivido por muito tempo com as precariedades de ensino das escolas isoladas, a exemplo da Escola Isolada professora Edith Bezerra localizada na Rua Estreita, atual Rua João Pessoa, na cidade de Cuité, na Paraíba. A própria professora Edith lecionava e residia no prédio onde também funcionava a prefeitura e a cadeia pública. Nos fundos do prédio funcionava ainda uma mercearia. Durante o recreio escolar os alunos passavam por dentro da casa da professora para chegar à mercearia, evitando assim que saíssem da escola e ficassem na rua, que também dava acesso à mercearia.

Apesar da propositura de um novo modelo de escola e de ensino, verifica-se, na verdade, a reprodução e readequação do passado como algo necessário a suprir as carências (físicas e conceituais) neste novo modelo, e encontradas ainda

¹ Ver mais em Grupo Escolar Thomaz Mindello – Estado da Paraíba: resgate histórico (SILVA, 2008). Disponível em <http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Eliane%20de%20Moura%20Silva.pdf>. Acesso em 08 set. 2010.

² Ver mais em Vidal de Negreiros: um homem do Atlântico no século XVII (PESSOA, 2009 apud OLIVEIRA, MENEZES, GONÇALVES, 2009, p. 53-65).

nas Escolas Isoladas. Na realização das entrevistas, que compõem os dados desta tese, uma das entrevistadas, que foi aluna, da professora Edith Bezerra, a antiga aluna e professora Divanira, relatou em entrevista que essas aulas eram realizadas em um salão grande que existia na casa da professora. Conforme Divanira:

Antes dos grupos escolares, se estudava em Escolas Públicas Isoladas. A professora Edith Bezerra da Fonseca, por exemplo, recebia dinheiro do Estado para dar aula [em sua residência], tendo sido a primeira professora a ser nomeada [pelo Estado da Paraíba] para dar aulas neste modelo de escola.

O fragmento acima descreve o que era tipicamente o modelo de uma Escola Isolada do interior do Estado e, demonstra a pouca importância dada à educação primária. Em outras entrevistas também foi revelado que na cidade de Cuité antes da inauguração do GEVN, funcionavam salas de aulas particulares, dentre estas foram destacadas as aulas: do professor Jaburandir, da professora Ana Rosa e do professor Domiciano.

Em entrevista realizada no ano de 2009, a professora Noêmia Viana menciona que ela foi uma das alunas da escola particular do professor Domiciano. Sobre este período ela relata o seguinte:

Domiciano era um professor que ensinou ali onde é a prefeitura, ali era um sobrado, era não? Ainda é! Né! Mas era muito diferente, hoje tá remodelado! Eu estudei, eu ainda fui [para as aulas] pequena, eu tinha uns 5 anos mais ou menos quando eu fui lá para esse sobrado para estudar com Domiciano. Mas era na carta do ABC, e era coisa sem futuro né! E Domiciano ensinava, tinha muitos rapazes e moças naquele tempo. Era o tempo da palmatória! Domiciano ensinava com palmatória, mas eu não alcancei não.

A narrativa da professora Noêmia demonstra que não havia nenhum interesse da classe política em garantir escolas públicas para as crianças, isto fica explícito quando se verifica que na capital do estado se abre uma escola pública no ano de 1917, continua no período subsequente a implantação de alguns outros grupos, mas só em 1943 foi inaugurado o GEVN, no município de Cuité.

Quando da inauguração do GEVN o antigo contexto político das oligarquias não mais detinham a mesma força para definir e escolher “o lugar das escolas”. Pinheiro (2002, p.182) destaca que no período que compreende os anos de 1930 a 1940, o modelo de grupos escolares instalados aumentou em todo o Estado, por conta da falta de exigência para infraestrutura organizativa para a criação dos

grupos, além da diminuição da dominação política.

De fato, o GEVN foi inaugurado para funcionar num prédio público improvisado, no qual anteriormente funcionava a Prefeitura Municipal. Não mais era exigido um espaço arquitetônico para o erguimento do grupo escolar sendo representativo do modelo instituído no início do século.

Nos documentos históricos acessados, nessa tese, identificou-se que o GEVN foi inaugurado para funcionar num prédio improvisado resultado de uma reforma de outro prédio de propriedade pública onde funcionava a prefeitura municipal. Neste contexto, o estado da Paraíba como o Brasil já não respirava um momento de efusão de progresso em sua estética e ideologia dos anos republicanos que caracterizou o início do século, quando modernizar era sinônimo de sanear, embelezar e iluminar.

Segundo dados do IBGE (2010) e relatos dos sujeitos desta tese – o povoado de Cuité fundado em 17 de julho de 1768 tinha no ano de 1942, cerca de 5.125 prédios, destes 675 ficavam na zona urbana, 330 na suburbana e 4.120 na zona rural. A cidade contava com duas ruas, duas travessas e uma praça. Hoje município, Cuité insere-se na microrregião do Curimataú Ocidental e Mesorregião do Agreste Paraibano e possui uma área territorial de 758 Km², que é ocupada por 25.950 habitantes.

Localizar geograficamente o município de Cuité foi muito importante e compreendido como “significativo” no contexto político de criação dos grupos escolares. Uma vez que de acordo com a política educacional da época, os grupos escolares teriam que ser implantados somente nas grandes cidades, pois os mesmos eram criados para atender a um modelo urbano de escolarização.

Nas últimas décadas da metade do século para a implantação dos Grupos Escolares não mais se pressupunha uma arquitetura escolar a exemplo do que ocorreu com a criação do grupo escolar do município de Cuité, portanto, o prédio escolhido para o funcionamento do grupo foi construído para servir à prefeitura, mas tornou-se pequeno, logo após a divulgação de diretrizes educacionais lançadas pelo interventor Ruy Carneiro. Estas diretrizes extinguiram as Escolas Isoladas e as associava aos prédios onde passaria a serem ministradas as aulas de toda a cidade.

Neste contexto, em 1942, o município de Cuité inaugura o “Grupo Escolar Vidal de Negreiros”, seu primeiro Grupo Escolar. O prédio foi inaugurado pelo interventor federal, Ruy Carneiro pelo decreto nº 337 de 22 de dezembro de 1942, e

publicado em Diário Oficial de 23 de dezembro de 1942, mas só começa a funcionar em 1943.

No dia 07 de agosto de 1952 o então governador José Américo de Almeida cria o Curso Normal em um prédio anexo ao Instituto América, na cidade de Cuité para que as alunas pudessem frequentar o e aprimorar seus estudos vislumbrando a profissão docente. Para a modernidade e o progresso da sociedade de Cuité era vital a institucionalização do Ensino Primário Público e a criação de Escolas Normais como instituições de ensino secundário, inicialmente, criadas para as elites e que aos poucos foi absorvendo moças das camadas médias para que obtivessem uma profissionalização.

O Jornal “A UNIÃO” anuncia com destaque o evento com o texto:

Ocorrera no dia 25 a inauguração do Grupo Escolar “Vidal de Negreiros” de Cuité, construído na administração do Bel. Estácio Tavares que acaba de ser designado para servir no gabinete da Secretaria do Interior. [...] Dispondo de pequena receita orçamentária e num período relativamente curto, pois só esteve durante cinco meses à frente daquela cidade, o ex-prefeito Estácio Tavares dotou o referido município de um melhoramento importante, imprescindível ao desenvolvimento da instrução ali. [...] O novo Grupo Escolar oferece todos os requisitos necessários de acordo com o plano de renovação do ensino da Paraíba traçado pelo interventor Ruy Carneiro (Jornal A UNIÃO, 23 de dezembro de 1942).

Identificou-se neste percurso que a criação do GEVN inaugurou um novo período para a educação pública de Cuité. Em linhas gerais, as mudanças ocasionadas quando da inauguração e funcionamento destas escolas trouxeram uma nova configuração para os alunos, professores e gestores daquelas instituições, dando início a um novo período da escolarização de inúmeros sujeitos sociais.

2.4 História dos Sujeitos do GEVN

De certa maneira, a história dos sujeitos participantes do GEVN expressa às características peculiares daquela época. Na figura abaixo se encontra as primeiras professoras, uma merendeira do GEVN e uma criança. Da esquerda para a direita vê-se; Tereza Xavier, Anita, Maria José, Elisa Macedo, Myrthes Venâncio, Camélia Pessoa, Nautilia Furtado, Noilda Rocha, Ismália e Noêmia Campos, e Maria Lica. Foram estas mulheres que, com suas histórias de vida e de profissão contribuíram

para edificar um espaço educacional que pudesse elevar a condição da educação da população daquela região. Cabe ressaltar que Myrthes Venâncio, Noêmia Campos e Camélia Pessoa que constam da fotografia tiveram uma participação importante, como sujeitos desta pesquisa.

Figura 07- Foto das primeiras professoras e administradoras do Grupo Escolar Vidal de Negreiros



Fonte: Acervo particular da professora Noêmia Campos.
Cedido à pesquisadora.

A importância do resgate histórico pela vivência dos sujeitos e demais fontes é destacada por Chartier (1996) ao colocar que a verdade da história provém da interface entre componentes do passado por meio de seus vestígios documentais e o espírito do historiador que a reconstrói, buscando conferir-lhe inteligibilidade. Há, pois, necessariamente, correlação e reciprocidade entre o sujeito e o objeto da história que está sendo narrada. Para o autor, a pesquisa histórica se constrói com registros encontrados em arquivos públicos, museus, fundações, universidades e dentre esses depositários de documentos encontra-se a escola.

Essas fontes primárias de grande valia para o historiador, quando localizadas, encontram-se sem o mínimo de conservação e de preservação muitas vezes impossibilitadas de leitura restando aos pesquisadores reconstruí-las, a partir de recortes da história. De modo que os fatos ocorridos há muito tempo podem estar

fisicamente preservados, mas nem sempre pode conter o todo ou a parte da história.

Eles podem tornar-se um elemento de significação quando confirmado pela memória subjetiva daquele que vivenciou em parte, ou no todo aquele momento histórico. Desse modo, cabe ao pesquisador estudar os fatos históricos em seus contextos sociais políticos e econômicos numa inter-relação entre os registros e as memórias.

Figura 08 - Ficha Funcional de uma professora do GEVN

Ficha Funcional		OBSERVAÇÕES:
Dados Pessoais: Nome completo: MARIA DAS NEVES LIRA DE CARVALHO Data e local do nascimento: Alagoa Grande- 12 de julho de 1925 Residência: Rua João Pessoa, 39 - Quitê Filiação: José Batista Lira e Josefa maria Lira Estado civil: casada Nome do cônjuge: Diomedes Lucas de Carvalho (funcionário público) Número de filhos: 4 Dados Profissionais: Cargo: Auxiliar de ensino Função: Professora Data da nomeação ou contrato no Estado: 14 de março de 1946 Nível ou Referência: F-2 Vencimento: NCr\$ 33,00 Salário Família: NCr\$ - Estabelecimento onde trabalha: Grupo Escolar "Vidal de Negreiros" Localidade: Quitê 2º Centro de Supervisão: Campina Grande Cargos ou funções ocupados anteriormente: Cursos que possui: (além do primário):		1.º Anotar as alterações operadas na vida do funcionário, como remoções, transferências, demissões, promoções, licenças, afastamentos, etc. (citando a publicação do órgão oficial). 2.º Esta ficha deve ser preenchida pela Diretoria da Escola ou responsável, em duas (2) vias, ficando uma na Escola e a outra remetida ao Departamento de Educação Primária. Contratada em 14 de março de 1964 para a escola Rudimentar de Riachão, município de Alagoa Grande. Transferida da escola acima citada em fevereiro de 1951 para a Escola Elementar Mista de Barriguda no mesmo município. Em maio do mesmo ano passou a prestar serviços na Escola Particular Santa Inês anexa ao Ginásio Nossa Senhora do Rosário do município de Alagoa Grande. Removida da Escola Santa Inês para o Grupo Escolar "Vidal de Negreiros" do município de Quitê em 18 de março 1965. 4 licenças a gestantes. Setembro de 1956 a novembro do mesmo ano. Outubro de 1961 a dezembro do mesmo ano. Janeiro de 1965 a abril do mesmo ano. Março de 1966 a junho do mesmo ano.

FONTE: Arquivo do GEVN. Disponível em acervo digital desta tese.

Esta ficha faz parte dos arquivos do GEVN nos quais se encontram os dados de registro de muitas professoras que foram contratadas para ensinar. Foi

identificada em sua maioria, que elas residiam em lugares próximos a cidade, com faixa etária entre 20 a 25 anos, e já haviam concluído o curso primário. A ficha funcional acima descreve dados do perfil pessoal e profissional de uma das professoras da escola. Nela, a trajetória docente é descrita, destacando remoção, transferência, demissão, licença e afastamento, preenchidos pela escola.

Conforme os dados da pesquisa, e as fichas funcionais referentes à década de 1940, do Grupo Escolar Vidal de Negreiros, todas as pessoas que lecionavam eram mulheres.

Esta informação coincide com as narrativas das professoras e com a literatura sobre a educação primária no Brasil que relata que a maioria dos professores dos grupos escolares eram mulheres e por isto mesmo as professoras do ensino primário eram chamadas de “professoras primárias”.

Mulheres estas também ex-alunas da instituição. Estas possuíam curso de habilitação, primário completo, normal regional e ou curso ginásial. A busca de esperança depositada no magistério satisfazia aos desejos de integração das jovens na sociedade urbana em formação. A profissão de professora era aceita pela sociedade da época como a mais adequada para a mulher, no sentido de ver no sexo feminino a representação do papel social e educativo atribuído à mulher, ou seja, caberia a mesma dar a educação necessária às crianças do mesmo modo que era imputada naturalmente às mães a educação dos filhos.

O currículo da escola normal que servia para preparar professores para uma escola básica mesmo que não servisse para que as moças exercessem sua profissão de professoras e nem mesmo alguma atividade remunerada, servia para prepará-las para serem donas de casa, do lar.

Percebe-se, então que havia uma concepção inicial de criação de escola normal exclusivamente feminina, no entanto, ao adentrar ao cenário de profissionalização, esta escola começa a atrair rapazes para uma formação diferenciada (diferenciando-se para as moças uma formação em práticas domésticas). Essa diferença sexual na divisão das atividades escolares foi observada por um articulista do Jornal dos Professores Primário da Paraíba do Norte, que sugeria:

A ampliação de dois tipos de conhecimento ensinados nas instituições, separando-os quanto ao sexo. Para as mulheres pudemos ensinar confecções, bordados, rendas feitas de roupas, flores, chapéus, pintura, decoração, arte culinária, datilografia, fotografia etc. Para os homens um

número maior de atividades e um ensino mais técnico: mecânica, ferraria, eletrotécnica etc. (JORNAL O EDUCADOR, Nº III, 14/12/1921).

Corroborando com essa ideia de divisão entre educação e trabalho em mensagem presidencial, Solon de Lucena explicita bem o que se esperava da educação feminina

Esta preparação especializada forma-lhes-á, unilateralmente, a mentalidade; cria-lhes bem fundadas esperanças no ganhar a vida por meio da profissão que abraçaram; habitua-as à existência rumorosa e agitada das ruas; desacostumando-as aos labores medíocres do lar e, prepara-lhes por sua vez a desilusão que as assalta quando, à míngua de colocação, vêem o quanto de tempo e energias consumiram inutilmente (LUCENA, 1923, apud CARDOSO e KULESZA, 2004, p. 11-12).

Em contraponto à questão da distinção das atividades escolares entre homens e mulheres questiona-se, também através dos discursos dos educadores e intelectuais, sobre o exercício da docência como trabalho remunerado. Ao se tratar então de magistério feminino e trabalho remunerado praticamente não se encontra na literatura, debate sobre o assunto conflitando com o ideário da época. No anuário do ensino de 1918, o inspetor de Instrução Pública, Benedicto M. Tolosa escreveu no seu relatório de visitas, (sic):

O professor ganha atualmente apenas o suficiente para não morrer de fome, morando pessimamente e vestindo mal; não pode, pois, economizar um tostão sequer para constituir um pecúlio capaz de ampará-lo na adversidade (ALMEIDA, 1996, p.74).

Ao analisar as atas de exames de promoção (conforme figura abaixo), comprova-se que o ensino do Grupo Vidal de Negreiros era ministrado em duas categorias: o primário fundamental, dividido nas modalidades de ensino elementar (duração de quatro anos) e complementar (duração de um ano) destinado a crianças de 7 a 12 anos; e o primário supletivo (duração de dois anos), destinado a adolescentes e a adultos.

Figura 09 - Ata de Exames de Promoção

*Ata do exame de promoção
do 2º ao 3º ano primário do
Grupo Escolar "Vidal de Negreiros"*

Aos vinte e cinco dias do mês de novembro do ano de (1952) mil novecentos e cinquenta e dois, nesta Cidade de Cuité, no edifício em que funciona o Grupo Escolar "Vidal de Negreiros", perante a comissão examinadora, previamente designada pela respectiva Diretora Professora Maria José Bezerra de Queiroz e constituída pelas professoras Noêmia Viana Campos como presidente, Maria Santos Pessoa Furtado e Mirtes de Macedo Santos como examinadoras, submeteram-se a exame a exame de promoção os alunos do 2º ano primário: Manoel Natanael Dias, Emanuel Venâncio dos Santos, Osvaldo Valdomiro dos Santos, Antônio Marcílio da Costa, Ivanildo Lins Fialho, Antônio Furtado de Macêdo, Maria Cabral de Araújo, Nazilda Oliveira da Costa, Ione Lucas de Oliveira, Telma Lúcia Cabral, Eleonora Maria da Silva, Maria do Rosário Sousa, Geraldina Pinto Luna e Dielza Maria de Oliveira, respectivamente matriculados neste Estabelecimento sob os números 2, 6, 18, 2, 35, 42, 79, 88, 94, 101, 102, 111, 133, 138 e 150, os quais fizeram provas escritas das matérias constantes no programa adotado pelo Departamento de Educação e de acordo com as disposições do Regulamento em vigor e Regimento Interno.

Julgadas as referidas provas e tomadas as médias de aproveitamento do ano, verificou-se o seguinte resultado: Manoel Natanael Dias, Emanuel Venâncio dos Santos, Osvaldo Valdomiro dos Santos, Antônio Marcílio da Costa, Ivanildo Lins Fialho, Antônio Furtado de Macêdo, Maria Cabral de Araújo, Nazilda Oliveira da Costa, Ione Lucas de Oliveira, Telma Lúcia Cabral, Geraldina Pinto Luna e Dielza Maria de Oliveira, aprovados plenamente. Antônio Furtado de Macêdo, Ione Lucas de Oliveira, Eleonora Maria da Silva e Maria do Rosário Sousa, aprovados simplesmente. Margarida Maria, reprovada.

Os demais alunos deixaram de comparecer, por não terem alcançado a média exigida pelo Regulamento.

Os alunos do 2º ano, durante o presente ano letivo foram regidos pela professora Maria Santos Pessoa Furtado.

Todos os serviços do exame foram devidamente fiscalizados e assistidos pela Inspectora Auxiliar do Ensino, professora Maria José Bezerra de Queiroz.

Conhecido e proclamado o resultado dos exames a Presidente mandou que se lavrasse, no livro competente a presente ata, a qual depois de lida será assinada pelos membros da banca.

Noêmia Viana Campos - Presidente
Maria Santos Pessoa Furtado - Examinadora
Mirtes de Macedo Santos - Examinadora
Maria José Bezerra de Queiroz - Fiscal

Ata do exame de formação do 2º ao 3º primário do Grupo Escolar "Vidal de Negreiros".

Aos vinte e cinco dias do mês de novembro do ano (1952) mil novecentos e cinquenta e dois, nesta Cidade de Cuité, no edifício em que funciona o Grupo Escolar "Vidal de Negreiros", perante a comissão examinadora, previamente designada pela respectiva Diretora Professora Maria José Bezerra de Queiroz e constituída pelas professoras Noêmia Viana Campos como presidente, Maria Santos Pessoa Furtado e Mirtes de Macedo Santos como examinadoras, submeteram-se a exame a exame de formação os do 2º ano primário: Manoel Natanael Dias, Emanuel Venâncio dos Santos, Osvaldo Valdomiro dos Santos, Antônio Marcílio da Costa, Ivanildo Lins Fialho, Antônio Furtado de Macêdo, Maria Cabral de Araújo, Nazilda Oliveira da Costa, Ione Lucas de Oliveira, Telma Lúcia Cabral, Eleonora Maria da Silva, Maria do Rosário Sousa, Geraldina Pinto Luna e Dielza Maria de Oliveira, respectivamente matriculados neste Estabelecimento sob os números 2, 6, 18, 2, 35, 42, 79, 88, 94, 101, 102, 111, 133, 138 e 150, os quais fizeram provas escritas das matérias constantes no programa adotado pelo Departamento de Educação e de acordo com as disposições do Regulamento em vigor e Regimento Interno.

Julgadas as referidas provas e tomadas as médias de aproveitamento do ano, verificou-se o seguinte resultado: Manoel Natanael Dias, Emanuel Venâncio dos Santos, Osvaldo Valdomiro dos Santos, Antônio Marcílio da Costa, Ivanildo Lins Fialho, Maria Cabral de Araújo, Nazilda Oliveira da Costa, Telma Lúcia Cabral, Geraldina Pinto Luna e Dielza Maria de Oliveira, aprovados plenamente. Antônio Furtado de Macêdo, Ione Lucas de Oliveira, Eleonora Maria da Silva e Maria do Rosário Sousa, aprovados simplesmente. Margarida Maria, reprovada.

Os demais alunos deixaram de comparecer, por não terem alcançado a média exigida pelo Regulamento.

Os alunos do 2º ano, durante o presente ano letivo foram regidos pela professora Maria Santos Pessoa Furtado.

Todos os serviços do exame foram devidamente fiscalizados e assistidos pela Inspectora Auxiliar do Ensino, professora Maria José Bezerra de Queiroz.

Conhecido e proclamado o resultado dos exames a Presidente mandou que se lavrasse, no livro competente a presente ata, a qual depois de lida será assinada pelos membros da banca.

Noêmia Viana Campos - Presidente
Maria Santos Pessoa Furtado - Examinadora
Mirtes de Macedo Santos - Examinadora
Maria José Bezerra de Queiroz - Fiscal

FONTE: Arquivo do GEVN. Disponível em acervo digital desta tese.

Demonstra-se a partir da análise do conteúdo do exame de passagem do 1º para o 2º ano expresso nas atas do Grupo Escolar Vidal de Negreiros que o ensino respondia as exigências da Lei Orgânica do ensino primário (Decreto Lei n. 8.529 de 2 de janeiro de 1946), Art. 7º, Art.8º e Art. 9º no qual o primário fundamental era dividido nas modalidades de ensino elementar, com a duração de quatro anos e ensino complementar com a duração de um ano e destinado a crianças de 7 a 12 anos; e o primário supletivo possuía a duração de dois anos e era destinado a adolescentes e a adultos.

Os documentos de regulamentação do funcionamento do Grupo Escolar Vidal Negreiros se encontram nos arquivos da instituição e nos arquivos públicos, enquanto que os recursos didáticos no acervo particular da professora Noêmia

Viana Campos composto por: livros de professores utilizados por ela para ministrar suas aulas, livros de seus alunos, cadernos da professora onde ela registrava os exercícios e as atividades a serem passados para os alunos, bem como, os cadernos dos alunos com exercícios sobre as aulas foram também disponibilizados para esta pesquisa.

Ao longo do tempo, foi possível perceber, também, que várias características do sistema de ensino primário iam sendo alteradas provocando mudanças nas concepções de organização curricular, administrativa e pedagógica tanto quanto mudanças nas relações que se estabeleciam entre os novos sujeitos no interior desta escola.

Entre as alterações pedagógicas destaca-se o modo como eram denominadas as disciplinas. Antes da criação dos grupos escolares elas eram ministradas simultaneamente, em um modelo de classes multisseriadas, ainda coexistindo até os dias atuais em zonas rurais do Estado da Paraíba. As classes multisseriadas caracterizavam-se por uma forma de organização na qual em uma mesma sala de aula se agrupa alunos com faixa etárias, série e níveis diferentes de aprendizagem, e uma única professora ministrava as aulas para este grupo. Este modelo era típico das Escolas Isoladas, em especial, eram localizadas nas Zonas Rurais do País. Foi somente a partir da criação dos Grupos Escolares que as classes foram organizadas por disciplinas e séries distintas. Isto significa que o atendimento ao aluno deixa de ser individual e passa a ser coletivo. Estas alterações na organização da escola provocaram profundas modificações no trabalho do professor. Este passou a ser o mestre na articulação das ações de planejamento e de organização das disciplinas, assim como dos conteúdos e do tempo dedicado a cada tarefa.

Este modelo de organização sugere uma fragmentação do saber, a obrigatoriedade de cumprimentos de horários pré-estabelecidos, dentre outros. Percebe-se uma nova etapa no processo educacional que se implementou na escola de forma a criar uma racionalização do tempo, do espaço, das ações do professor e dos alunos, dentre outros. Esta mudança passou a fazer do planejamento da escola por parte do professor, que deveria a partir daí, ficar atento aos prazos, conteúdos planejados para o ensino e o trabalho de sala de aula.

Um exemplo desta forma rígida em que se transformou as atividades escolares a partir dos Grupos Escolares pode ser encontrado em um caderno de

atividades da professora Noêmia Viana Campos do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 1940.

Para exercer a função de professor nesta nova estrutura do ensino público primário são chamados novos agentes da educação. É criado o cargo de diretor e a organização escolar passa a ter uma autoridade sobre os professores e todos que compõem a escola. Este novo profissional de ensino era nomeado pelo governador do estado e tinha a prerrogativa de dirigir o estabelecimento coordenando professores, inspetores, alunos, funcionários e era responsável pelas atividades festivas que envolviam a escola, as famílias, a igreja e instituições outras da cidade.

Neste sentido, além do surgimento de hierarquização de poder na escola, cria-se também um novo espaço de interação social que se pode chamar de escola-sociedade.

O professor dos Grupos Escolares tinha um status maior que os das Escolas Isoladas e das Escolas Reunidas, à medida que mesmo sendo escolhidos e nomeados para o cargo pelos dirigentes políticos da região era exigido deles mais anos de escolarização, para serem considerados qualificados.

Para este modelo de escola surgem novos agentes para dirigir e administrar este espaço escolar, as decisões de conduzir e organizar a vida da escola cabiam a diretora do Grupo Escolar, raras as exceções, era atribuída aos homens; enquanto que o das Escolas Isoladas não havia distinção de sexo onde a escola era gerenciada diretamente pelo professor ou professora.

A descrição da institucionalização dos Grupos Escolares oferece elementos para avaliar o contexto educacional do Estado da Paraíba e, ainda, do Brasil. A ideia de educar baseada em modelos de outras regiões e países em muitos casos não reflete a demanda local apenas atendendo aos interesses políticos vigente em cada época. Ainda que apresentasse falhas, principalmente no exercício do magistério pelas mulheres e o espaço físico, os Grupos Escolares possibilitaram o acesso à escola de muitos alunos que antes não vislumbravam esta possibilidade.

Desta forma, justifica-se o resgate histórico das formas que compõem o ensino no Grupo Escolar Vidal de Negreiros permitindo apresentar o cenário que desencadeou a escolarização na Paraíba. Neste sentido, relacionam-se ao objeto de estudo, as categorias de análise da pesquisa realizada – Instituições, Memória e Material didático – que serão descritas para compor um conjunto de explicações que

podem auxiliar na compreensão dos processos educacionais, ainda hoje vigentes nas escolas públicas brasileiras.

2.5 Concepções e modelo de ensino no GEVN

Os grupos eram organizados em espaços de sala de aula de forma graduada o que fez por muito tempo com que os grupos recebessem a denominação também de “escolas graduadas”, numa alusão a organização das salas uma vez que os alunos eram divididos por idade, pelo nível de conhecimento e em tempos mais remotos de funcionamento da escola primária, os alunos eram divididos também por sexo.

Com esta configuração supostamente homogênea, o método de ensino foi pensado a partir desta organização de classe. A priori, utilizou-se o método mútuo, que por uma série de razões vai sendo conjuntamente utilizado com o método misto. Para Julia (2001, p. 32) a metodologia aplicada aos dois métodos era considerada “um conjunto de regras e métodos que definem conhecimentos ensinados e práticas a inculcar” nos alunos conhecimentos estabelecidos a uma suposta ‘ordem social’.

A prática de um método simultâneo (mútuo e misto) vai sendo considerado como o melhor método para atender as especificidades da instrução escolar, caracterizada como “classes homogêneas”. A expressão “homogeneização das salas de aulas” significou reunir em uma mesma sala de aula alunos com nível de conhecimento e faixa etárias iguais ou semelhantes. Um professor para cada classe, a organização dos conteúdos de acordo com o desenvolvimento dos alunos e outras adequações como o uso do quadro-negro muito contribuíam para o desenvolvimento das práticas do ensino de aritmética, do alfabeto, das sílabas e de outras atividades de comunicação entre os alunos e professores.

De acordo com Monsenhor Pedro Anísio (1937) as práticas escolares (formas e modos de ensino) dos grupos escolares se baseavam na utilização das formas de ensino: expositiva e intuitiva. Sobre este aspecto alguns autores distinguem a forma expositiva, em sentido estrito, também chamada de acromática ou monológica, e a intuitiva conhecida como herotemática, inventiva ou dialógica (ANÍSIO, 1955). Na forma expositiva o mestre apresentava as verdades num discurso seguido, os alunos se limitam a ouvi-los, forma de educação tradicional encontrada ainda nos dias atuais. Enquanto que na forma intuitiva procedia-se por perguntas e respostas,

encadeadas entre si, formando-se um verdadeiro diálogo em que intervia mestre e aluno.

A forma expositiva é progressiva, descobre sempre novas verdades, já a forma intuitiva serve para a repetição do aprendido, para examinar se o aluno sabe ou não da matéria ensinada. Em relação aos métodos, o autor apresenta: o individual, o mútuo, o simultâneo e o misto. Sobre os métodos, assim se expressa:

O método individual foi o método adotado nas primeiras iniciativas de escolas em que o professor chamava para si um aluno após outro, tomava-lhe a lição, instruindo cada um em suas obrigações. O método mútuo é aquele em que o professor instrui os alunos por meio de monitores ou decuriões. Os monitores são escolhidos entre os alunos mais adiantados e de melhor comportamento, aos quais o mestre dá prévia instrução, antes e depois da aula encarregados de ensinar as diferentes decúrias ou classes. O método simultâneo é aquele em que o mestre instrui ao mesmo tempo todos os alunos de uma mesma classe, dando uma lição comum, muito utilizado porque concorre para manter a boa ordem dos trabalhos e a disciplina da escola. O método misto servia para neutralizar os inconvenientes do método simultâneo, o mestre dá a todos os alunos de uma classe as explicações e serve-se de monitores para ajudar nas repetições, na inspeção das outras classes, no tomar as lições dos mais atrasados e outras questões que surgissem (ANÍSIO, 1937, p. 316-318).

Para Vidal (2005, p.32), os grupos escolares adotaram esses métodos simultaneamente pelo fato de considerar as “classes homogêneas” em relação ao nível de aprendizagem. Ou seja, para ele o método misto era “um produto da cultura escolar brasileira gestado no conflito entre a urgência em solucionar os problemas cotidianos de sala de aula e as dificuldades com que se deparavam os professores para prover materialmente o ensino”.

Identifica-se nessa concepção em relação com o método misto e em alinhamento aos pressupostos de Chervel (1990) ao verificar que “o método misto é um produto da cultura escolar brasileira, gestado no conflito entre a urgência em solucionar os problemas cotidianos da aula e as dificuldades com que se deparavam os professores para prover materialmente o ensino” (VIDAL, 2005, p.32).

Em relação às mudanças na escolarização das Escolas Isoladas e dos Grupos Escolares se destacou como as classes (séries) eram pedagogicamente organizadas. Nas escolas isoladas elas eram ministradas simultaneamente, compondo classes multisseriadas. E a partir dos Grupos Escolares as classes foram organizadas por disciplinas e séries distintas, tomando como parâmetro os saberes e idade dos alunos. Assim, a organização das salas de aulas passou a ser seriadas, considerando uma gradação do nível de conhecimentos dos alunos e de faixa-etária.

Neste contexto, os grupos escolares foram denominados por muito tempo também de “escola graduada”. Este modelo de organização das salas de aulas provocou uma mudança importante no método de ensino e, por conseguinte, no trabalho didático e pedagógico dos professores (as). Nesta organização escolar o professor passou a ser “o mestre” na articulação das ações educativas de envolvimento com o planejamento e a organização das disciplinas, assim como dos conteúdos e do tempo dedicado a cada vida escolar.

Este modelo de organização da escolarização sugeria uma fragmentação do saber, a obrigatoriedade de cumprimentos de horários pré-estabelecidos, dentre outros. Percebeu-se uma nova etapa no processo da educação primária que se implantou de forma a criar uma racionalização do tempo, do espaço, das ações do professor e dos alunos, dentre outros. Estas e outras mudanças passaram a fazer parte de um planejamento pedagógico que envolvia os professores (as) em reuniões para elaboração de horários, tempos escolares, distribuição de conteúdos relacionados a cada série e assim começaram a organizar o cotidiano escolar.

As pessoas para assumirem estes cargos eram nomeadas pelo governador do estado para assumirem os cargos cujas obrigações estavam postas nas reformas de criação dos grupos escolares. No caso do diretor, normalmente homens, tinha a responsabilidade de dirigir e zelar pelo estabelecimento de ensino coordenando os processos didático-pedagógicos junto aos professores, inspetores e alunos, e era responsável pelas atividades administrativas de uma forma geral. Mantendo a escola em funcionamento e perfeita integração com o público interno e externo, sendo responsável pelas ações que por ventura fossem realizadas com e para a comunidade local integrando a escola, as famílias, a igreja e instituições outras da cidade.

Desta forma, verificou-se que para este modelo de escola surgem novos agentes para dirigir e administrar o espaço escolar, enquanto que as escolas isoladas eram gerenciadas diretamente pelo professor ou professora da sala de aula, não havendo a figura do diretor, nem de outros agentes educacionais.

O professor dos grupos escolares tinha um status maior que o professor das escolas isoladas e das escolas reunidas, à medida que o mesmo era escolhido e nomeado para o cargo pelos dirigentes políticos da região, e lhes era exigido uma formação de magistério (o curso normal), para que fosse qualificado para exercer as atividades docentes que essa nova escola exigia.

O longo percurso por que passou a história dos grupos escolares na Paraíba possibilitou nos limites da delimitação do objeto da pesquisa compreender como a educação brasileira, neste caso, a educação primária se constituísse como objeto de vontade política dos governos, e permanecesse por muito tempo no plano das ideias.

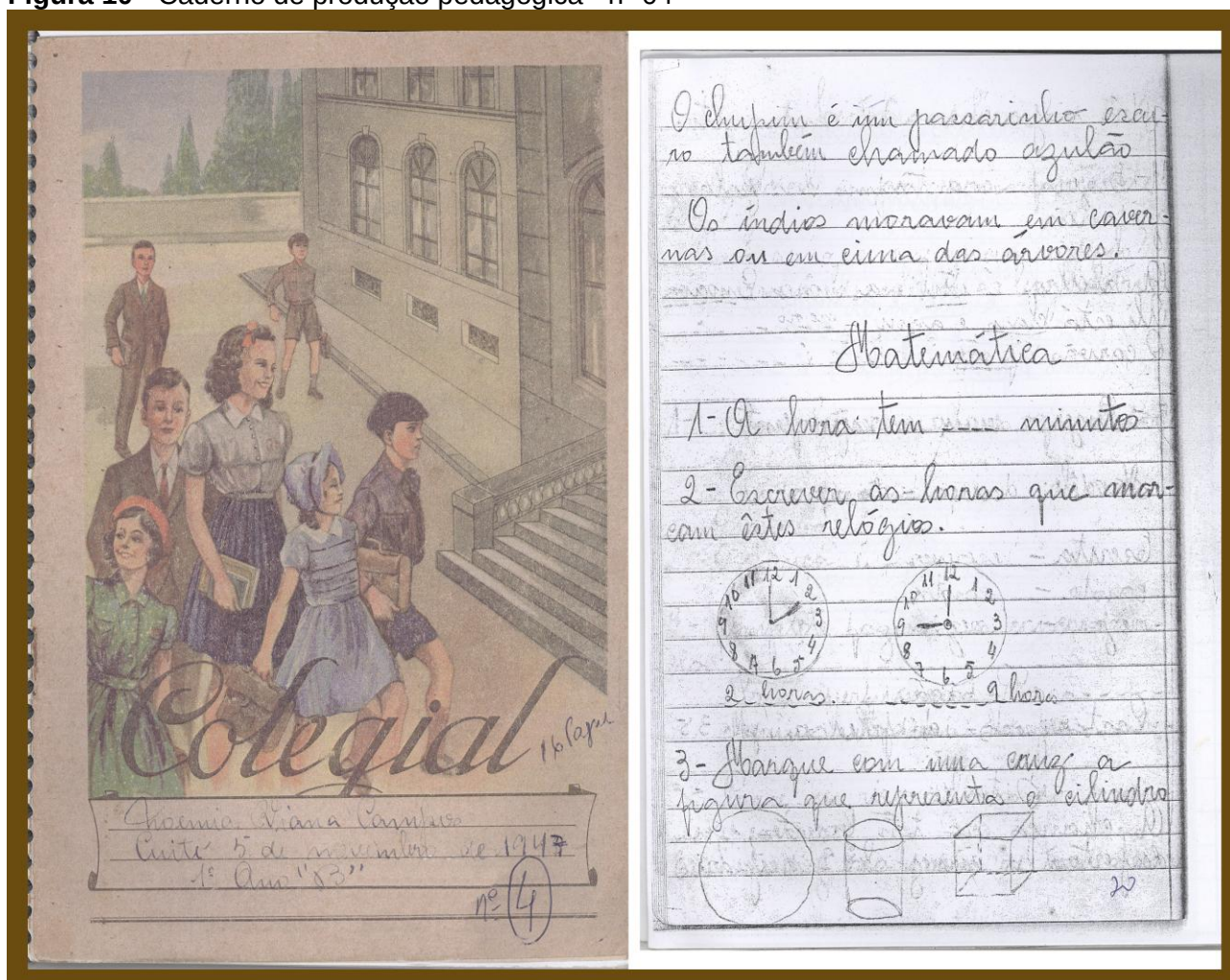
Uma das questões levantadas pela pesquisa é o entendimento de que para a implantação de reformas de um modelo de educação em um país de configuração continental como o Brasil, tem-se que levar em conta duas questões importantes. A primeira é a importação de modelos de educação que, via de regra, serve para atender aos interesses políticos vigentes. A segunda questão, decorrente da primeira, é que o Brasil é um país de dimensão continental e também, por isso enfrenta diferenças regionais gritantes que separam os estados pelas políticas econômicas e sociais impingindo as desigualdades regionais.

As professoras que concluíam o curso primário completo podiam ensinar nas escolas primárias, e eram chamadas de professoras habilitadas. A profissão de professora era aceita pela sociedade da época como a mais adequada para a mulher, no sentido de ver no sexo feminino a representação do papel social e educativo atribuído à mulher, ou seja, caberia a mulher prover a educação necessária às crianças do mesmo modo que era imputada naturalmente, as atribuições de mães, a educação dos filhos.

Conforme ficha funcional dos professores do GEVN todas eram mulheres. Nas entrevistas a professora Noêmia narra que começou a ensinar no GEVN em 1947, dado ratificado em um dos cadernos da professora em que há registros de atividades escolares referentes ao “1º ano B” datado de 1947. Este fato demarca as primeiras experiências de ensino da professora Noêmia.

Os cadernos de produção pedagógica da professora Noêmia (exemplo figura abaixo) continham os planos de aula (pontos planejados pela professora) e demais atividades a serem desenvolvidas pelos alunos, como lições e atividades para casa.

Figura 10 - Caderno de produção pedagógica - nº 04



FONTE: Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Além disso, cabe destacar que a capa deste caderno simboliza, afora os conteúdos escolares, o modelo de ensino praticado por muitos anos nos espaços escolares do ensino primário. Destaca-se na figura 10 elementos culturais como o patriotismo, a imagem da escolar como instituição e os alunos em formação para a entrada na escola dando conta dos moldes disciplinares, dentre outros que se aliavam à cultura escolar.

Os cadernos da professora Noêmia contribuíram para a compreensão do modelo de ensino do GEVN nos anos subsequentes à sua criação. Nos cadernos foi possível ter acesso aos conteúdos pedagógicos praticados em sala de aula com os alunos informando sobre como a professora Noêmia delineou sua prática docente.

A importância de destacar o trabalho desenvolvido pela professora Noêmia deve-se ao seu percurso de formação e atuação profissional atrelado ao surgimento

do GEVN em diferentes períodos. Além desta característica, a professora possui um acervo que remete às fontes documentais que contribuíram para a composição de dados da pesquisa realizada. Nesse sentido, optou-se por focar as análises no percurso histórico de formação e de experiência docente da professora Noêmia para compreender os aspectos relacionados à cultura escolar e ao modelo de ensino do GEVN.

3 INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA: CULTURA ESCOLARE CULTURA DA ESCOLA

Trata-se de um capítulo teórico-conceitual apresentando a análise sobre cultura relacionada aos grupos escolares. Esta análise auxilia no entendimento das categorias desta tese por informar sobre o contexto de criação dos grupos escolares, especialmente, no que se refere à institucionalização da educação primária no Brasil.

Compreender o conceito de cultura serve como aporte teórico para o entendimento sobre os modos de ensinar e aprender nos grupos escolares, sobretudo no GEVN, no qual o modelo de ensino adotado teve como suporte o acervo material didático-pedagógico da professora Noêmia.

Precisamente na década de oitenta, crescem no cenário da educação nacional os debates sobre cultura escolar que foram intensificados nos anos noventa amparados nas ideias do estudioso francês Jean Claude Forquin (1993), que aborda a cultura escolar e suas relações com a escola a partir do currículo escolar, ressaltando as implicações curriculares no momento em que a escolarização deixou de se realizar em espaços domésticos (privados) e passou a ter um lugar próprio (público), na sociedade. Para o autor a escola é uma instituição conservadora, no entanto, por meio da cultura ela (a escola) será capaz de si reinterpretar e criar novas possibilidades.

Forquin (1993) entende 'escola' (como espaço) e 'cultura escolar' da seguinte forma

a escola é também 'mundo social', que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. E esta 'cultura da escola' (...) não deve ser confundida tampouco com o se entende por cultura escolar (FORQUIN, 1993, p. 167).

Que segundo o autor é

[...] o conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos que selecionados, organizados, normalizados rotinizados, sob efeitos de imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas (FORQUIN, 1993, p. 167)

Os grupos escolares eram caracterizados por sua peculiaridade cultural acerca da disciplina, qualidade de ensino, dentre outras, que fortemente os

identificavam como instituições de referência para proporcionar aprendizagens significativas aos alunos. Portanto, torna-se relevante compreender teórico-conceitualmente a relação entre ‘cultura escolar’ e ‘cultura da escola’. No caso desta tese, correlacionada com o ensino de matemática.

Destaca-se o conceito de cultura utilizado por Forquin (1993) que versa sobre ‘cultura escolar’ e ‘cultura da escola’ para compreender a relação entre o modelo de ensino do GEVN e o ensino de Matemática. Aproximam-se os conceitos de cultura ao de ensino de Matemática por ser o conteúdo desta disciplina o que mais se identifica nos grupos escolares com a questão cultural e a realidade dos alunos, a partir da análise dos dados das entrevistas e material pedagógico da professora Noêmia.

O autor francês também pondera sobre currículo e sua influência na formação da cultura escolar e na cultura da escola ao indicar que o mesmo faz parte de um processo social anterior resgatado a partir de conhecimentos prévios advindos de uma cultura estratificada hierarquicamente. E conclui que a distinção entre cultura escolar e cultura da escola enfatiza-se a partir de um currículo essencial e norteador dos preceitos da escola em si (FORQUIN, 1993).

Ressaltando a importância da ‘educação’ e da ‘cultura’ na sociedade, Forquin (1993) aponta a relevância do imbricamento de ambos os conceitos, quando diz:

Incontestavelmente, existe, entre educação e cultura, uma relação íntima e orgânica. Quer se tome a palavra “educação” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda a educação é sempre educação de alguém, por alguém, ela supõe também, necessariamente a comunicação, a transmissão, a aquisição, de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que chama precisamente de “conteúdo” da educação. Devido ao fato de que este conteúdo parece irreduzível ao que há de particular e contingente na experiência subjetiva ou intersubjetiva imediata, constituindo, antes, a moldura, o suporte e a forma de toda experiência individual possível, devido, então, a que este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos procede, nos ultrapassa, nos institui enquanto sujeitos humanos pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de cultura (FORQUIN, 1993, p. 10).

As ideias sobre cultura da escola, representada por Geertz (1978), indicam o caráter simbólico dos fenômenos culturais que configura a cultura da escola sendo produzido no cotidiano da própria escola e inscrito nas suas rotinas, ritmos, linguagens, cadernos, relatórios e atas os quais podem expressar impactos entre as

subjetividades desse contexto sócio-histórico e a própria instituição escolar que está estruturada em direção, funções, normas, decretos e leis.

Neste sentido, entende-se por cotidiano dos grupos escolares tanto os espaços físicos do grupo (a sala de aula, o pátio para recreio, a sala dos professores, a cozinha e outros ambientes), quanto o conjunto de relações entre os diferentes atores que ocupando cargos e ou funções diferenciadas transitaram e se relacionaram ao cotidiano do GEVN.

Complementando essa definição Gonçalves (1996) coloca que espaço é o lugar de onde se fala, ou se cala e é também, palco de rituais que compõem a cultura da escola. Nele se vivencia a sociabilidade da vida escolar, onde se entrelaçam as ortodoxias e que fazem parte do que Forquin (1993) denomina de cultura escolar.

Este contexto para a pesquisa é compartilhado com as ideias de Julia (2001) ao explicitar que a cultura escolar

Não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto de culturas que lhe são contemporâneas, [...] um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos [...] interessar-se pelas normas e pelas finalidades que regem a escola, avaliar o papel desempenhado pela profissionalização do trabalho do educador, interessar-se pela análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares (JULIA, 2001, p.9).

Sendo assim, a sala de aula e o tempo gasto em cada momento de aula são espaços/tempos destinados à interação cotidiana entre professores e alunos, momentos estes em que a função escolar se efetiva. No entanto, convém destacar que além desses espaços de interação disciplinada, nos grupos escolares como em quaisquer outros estabelecimentos de ensino existem outros espaços em que as interações se realizam sem hierarquia e sem regras, por exemplo, no recreio, no horário de chegada e saída dos professores e aluno ou na cozinha. Espaços estes que representam momentos e lugares de encontros entre os que compõem uma escola sem intencionalidade nas suas interações que ali se realizam.

A cultura escolar tem sido abordada na bibliografia recente da área de forma diferenciada, o que faz com que o pesquisador dentre outras dificuldades geradas para o entendimento do termo tenha que definir os conceitos que possam melhor contribuir com o seu trabalho, sem deixar de compreender os significados mais

amplos.

Para este trabalho adota-se um conceito abrangente de cultura na perspectiva de conferir identidade aos participantes e sujeitos sociais, a oportunidade de expressarem seus modos de vida, de agir e de interpretar o mundo.

Neste sentido, opta-se pelas nomenclaturas e definições de cultura escolar e cultura da escola, a partir de estudiosos como Viñao Frago (1995, 1998, 2000, 2005) e Forquin (1993) entre outros, por reconhecer nestes pesquisadores forte aproximação com os princípios que balizam essa pesquisa. Viñao Frago (2005, p. 59), por exemplo, coloca que cultura é “um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais [...] construídas ao longo dos anos e compartilhadas pelos atores em instituições educacionais”.

Ao fazer referência à força que advém da cultura que não deve ser analisada apenas pelo atraso do passado, mas, pela relevância que continua dando conta no presente e que exige para isto negociações e reinterpretações de muitos aspectos, Viñao Frago e Escolano (1998), no âmbito da história da educação desenvolvem trabalhos sobre alfabetização, gestão, espaços e tempos escolares, institucionalização e reformas da escola em que defendem a importância desses estudos para a compreensão da cultura escolar.

Ao se referir às reformas promulgadas pelos sistemas de ensino e sua capacidade de gerar mudanças na escola esses autores partem de princípios de: mudanças geradas pela própria escola; a escola como centro de mudanças; a gestão da escola; a reestruturação escolar e da cultura de trabalho dos professores (reculturação) para apontar a necessidade de um novo pensar e fazer docente, que alavanquem uma nova cultura escolar.

Nesta mesma esteira, Viñao Frago (1995) e Dominique Julia (2001), se aproximam à medida que para ambos, a cultura escolar não se define apenas pelos processos escolares externos a escola, mas também pelos processos internos da instituição escolar e é nesta engrenagem interna cotidiana que eles consideram que o ensino e aprendizagem acontecem e tem lugar na produção de uma cultura relacionada aos processos de escolarização.

Revendo mais uma vez as definições e conceitos de Viñao Frago (2005) encontra-se cultura escolar definida como

[...] um conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a 'La escuela como organización'(...) essa cultura pode ser vista de várias maneiras e em níveis variados, dentre os quais pode referir-se a uma cultura específica de um estabelecimento docente determinado, aquilo que acontece em um estabelecimento escolar. Pode, também, referir-se a um conjunto de centros por contraste com as escolas rurais, ou faculdades de direito e por último pode referir-se a uma área territorial determinada ou ao mundo acadêmico em geral por comparação com outros setores sociais. De forma que os aspectos relacionados à estrutura escolar incluem modos de ser e de viver próprios da escola, tanto na dimensão da materialidade cotidiana, quanto às relacionadas aos significados simbólicos do mundo da escola (FRAGO, 2005, p. 59)

Novamente, o autor define cultura escolar como todo o arcabouço que se refere à escola, desde o pensar sobre o ensinar e o aprender, a ação efetiva desse fazer, num movimento que envolve corpos, mentes e modos de vida da escola do pensar ao fazer.

A vertente de Dominique Julia (2001, p.10) conceitua cultura escolar como um “conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”.

Desta forma, Julia (2001) dialoga com Frago (2005) sobre o conceito de cultura escolar e, para ambos, estudar a cultura escolar é investigar o interior da escola, ou seja, o seu funcionamento interno. E acrescentam ao debate ressaltando mais três questões para o entendimento de cultura escolar como objeto histórico: as normas e as finalidades que regem a escola; a profissionalização dos professores e os conteúdos ensinados e as práticas escolares.

Vale ressaltar que a dimensão da cultura escolar que orienta as práticas e ações é aquela que diferencia a 'cultura escolar' que remete a tudo que faz parte do currículo escolar oficial, enquanto que 'cultura da escola' vai abranger o sistema de valores, hábitos e saberes que regem o dia-a-dia da instituição. Desta forma, se mostra premente e necessário o entendimento sobre a história pessoal das pessoas envolvidas no processo.

Reafirma-se, desta forma, a importância de compreender os processos e as práticas pedagógicas entendendo “as características culturais dos próprios professores (as), os saberes, os referenciais, os pressupostos, os valores que estão subjacentes, de maneira por vezes contraditória à sua identidade profissional e social” (FORQUIN, 1993, p.167).

É importante ressaltar que ao refletir sobre 'cultura escolar' ou 'cultura da

escola' os conceitos subjacentes acabam por definir a mesma coisa em relação à escola, ou seja, a escola é definida como uma instituição da sociedade que possui suas próprias formas de ação e de razão construídas ao longo de sua história entre confrontos e determinações externas que refletem na sua organização, na sua gestão, e práticas cotidianas desde o interior da sala de aula aos pátios e corredores, portanto o significado do termo cultura escolar tem sido considerado importante diante da necessidade de entendimento dos processos escolares históricos.

O sentido de cultura escolar proposto por Chartier (1996) chama a atenção sobre as práticas escolares resultantes do interior da sala de aula. Com esta motivação se pretendeu estudar os aspectos internos da escola, optando-se, pelo campo teórico defendido por estudiosos da cultura escolar e da cultura da escola.

Para Pérez Gómez (2001) a cultura institucional escolar se refere ao

Conjunto de significados e comportamentos que a escola gera como instituição social. Tradições, costume, rotinas, rituais, e inércias, que a escola estimula e se esforça em conservar e reproduzir e que condicionam claramente o tipo de vida que nela se desenvolve e que reforçam a vigência de valores, expectativas e crenças ligadas à vida social dos grupos que constituem a instituição escolar (PERÉZ GOMEZ, 2001, p. 131).

O autor faz referência à força que advém da cultura no sentido de manter a tradição que não deve ser analisada apenas pelo fracasso do passado, mas sim, pelo seu lado forte de um passado que continua dando conta da via presente e que para isto se faz necessário negociações e reinterpretações em muitos aspectos.

Outros autores vão tratar da temática cultura e suas vertentes, tal como Lima Torres (2005, p.439) que argumenta sobre 'cultura organizacional escolar' defendendo cultura como:

Um processo de construção dinâmica mediatizada por um conjunto de fatores, de que a estrutura também faz parte. Faz sentido, então, designar a cultura "de organizacional" justamente pelo fato de no seu processo de construção histórica confluírem um conjunto de fatores regulados por referência aos constrangimentos e possibilidades de um determinado contexto organizacional.

Com essas definições para cada nomenclatura ao se estudar sobre 'cultura da escola' ou 'cultura escolar' deve-se partir de uma concepção plural dos termos que podem significar: a cultura organizativa da escola, a cultura institucional da

escola, a cultura de funcionamento interno e externo da escola, a cultura normativa da escola e outras convenções. Neste sentido, entende-se que se trata de conceitos polissêmicos que admitem diferentes sentidos e enfoques e para isto requer seleção de matérias disponíveis em um determinado momento histórico e social.

Assim, mais uma vez retoma-se Forquin (1993) que reforça essa ideia ao afirmar que:

Educar, ensinar é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que deles se nutra, que ele os incorpore à sua substância, que ele construa a sua identidade intelectual e pessoal em função deles. Ora, um tal projeto repousa, necessariamente, num momento ou noutro, sobre uma concepção seletiva e normativa da cultura (FORQUIN, 1993, p. 168).

Concordando com as ideias do autor, Faria Filho (2003) reporta-se a cultura dos grupos escolares ao enfatizar que o grupo escolar atravessou todo o século XX constituindo-se como referência básica para a organização seriada das classes, para a utilização racionalizada do tempo e dos espaços e para o controle sistemático do trabalho dos professores (as), dentre outros aspectos.

Pelo exposto, o estudo da cultura escolar aparece ligado a todas as discussões sobre a natureza institucional da escola e de seu cotidiano, a organização escolar, as reformas e necessidades de mudanças, a forma de administração. Neste sentido encontram-se denominações variadas como cultura escolar, cultura da escola, cultura institucional escolar, cultura organizacional escolar, conforme o campo de investigação do pesquisador.

Desta forma, adota-se para esse estudo o entendimento de cultura escolar como ‘cultura organizacional escolar’, no sentido de entender a organização dos grupos escolares.

Para Faria Filho (2003) tratar de cultura escolar faz parte de um processo onde a escolarização é determinada pelo seu tempo e espaço. E nunca dissociada do entendimento de cultura escolar. E vai além ao afirmar que há um duplo entendimento sobre escolarização.

O primeiro sentido entende o estabelecimento de processos e políticas de organização de redes de instituições de educação que são responsáveis pela determinação do que venha a ser um ensino “elementar da leitura, da escrita, do cálculo, da moral e da religião, seja pelo atendimento em níveis posteriores e mais aprofundados” (FARIA FILHO, 2003, p.111).

O segundo sentido atribui à escolarização “o processo e a paulatina produção de referências sociais tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados” (FARIA FILHO, 2003, p.111).

Nesta implicação dos dois sentidos do termo escolarização, precisamente no que trata de escolarização no sentido ampliado de organização é preciso retomar ao que o autor considera como elementos-chave do processo educativo como: o tempo, o espaço, os sujeitos, os conhecimentos e as práticas escolares. De fato, estão imbricados no espaço da configuração da escola tanto os aspectos culturais internos a escolarização, como também os fatores externos que se destacaram fortemente neste modelo institucional de escola pública.

No bojo desta discussão, Faria Filho (2003) complementa que focar na escolarização requer tanto a relativização do papel do Estado, como a do papel e lugar que cabe à escola. Assim diz:

[...] a instituição escolar não “surge no vazio deixado por outras instituições”. Os defensores da escola e de sua importância no processo de civilização do povo tiveram de, lentamente, apropriar, remodelar, ou recusar tempos, espaços, conhecimentos, sensibilidades e valores próprios de tradicionais instituições de educação. Mas não apenas isso: a escola teve também de inventar, de produzir o seu lugar próprio, e o fez, também, em íntimo diálogo com outras esferas e instituições da vida social (FARIA FILHO, 2003, p. 137).

Portanto, foi a partir das contribuições desses autores em suas abordagens sobre a cultura escolar, à medida que deslocaram as suas formulações conceituais dos processos escolares externos à escola para o que ocorre mais internamente no seio do cotidiano dela, que se opta por analisar o ensino de matemática no GEVN, entendendo que é no fazer do dia a dia da sala de aula que se dão os fins do ensino e da aprendizagem, pois é para lá que convergem à cultura ou as culturas relacionadas ao processo de escolarização.

3.1 A cultura e o ensino de Matemática

No início dos anos de 1920 houve um movimento que pretendeu relacionar os problemas de aritmética da escola aos problemas que os adultos pudessem encontrar na vida real. Esse movimento foi conhecido como “Movimento de Utilidade

Social”.

A preocupação com este aspecto propunha a seleção do conteúdo de aritmética colocando no currículo da escola primária o ensino de juros e taxas. Outra vertente que esteve presente no currículo primário foi a aceitação da teoria da aprendizagem chamada de “Associacismo”. Um dos resultados desta teoria foi a desvalorização das habilidades de computar. E, com isso, a aritmética tornou-se uma série de experiências fragmentadas de aprendizagem.

Nos fins dos anos de 1920 um estudo feito pela “Comissão dos Sete” procurou determinar a idade mental apropriada dos alunos para o ensino de alguns tópicos de Aritmética. Mesmo tendo sido restrito o método utilizado para cada tópico, os resultados desse estudo exerceram grande influência e durante vinte anos a distribuição desses tópicos nos programas baseou-se no relato desta experiência.

Desta forma, enquanto o conteúdo de matemática referente a cada série permanecia inalterado, o currículo continuava sendo influenciado pela evidência de que as crianças aprendiam mais rápido partindo do concreto para o abstrato, isto fez com que fossem utilizados muitos materiais concretos para que as crianças pudessem manipular nas salas de aulas, principalmente no ensino de matemática.

Em seguida surge o movimento denominado de “Movimento Progressivo” que defende a importância de atendimento às necessidades das crianças. Uma das consequências desse movimento deixa o currículo de matemática sem uma estrutura, sem sequência e onde as experiências estruturam-se de acordo com as necessidades das crianças, ou seja, a aprendizagem surge no momento da resolução da atividade. O que deixava muitas lacunas na aprendizagem.

Em consequência deste amplo movimento educacional que emerge em 1932, inicia-se no Brasil o que se considera como segundo período de desenvolvimento da matemática dando início à formação da comunidade matemática brasileira. Em seguida, segue-se a formação de uma escola de matemática com o objetivo central de publicar e divulgar bons livros didáticos (SILVA, 2003).

Para entender o ensino da matemática no GEVN faz-se necessário situar a história da ‘matemática escolar tradicional’ ou ‘matemática escolar clássica’, para uma distinção conceitual entre o saber escolar da escola primária, o saber escolar das outras matemáticas escolares e que posteriormente foram denominadas de ‘matemática escolar escolanovista’ e ‘matemática escolar moderna’, no sentido de apreender como a constituição da matemática escolar tradicional revelou-se em

momentos diferenciados.

Uma questão importante neste situar historicamente a matemática é levar em conta as diferentes formas de se concepção da mesma. Caraça (1989) coloca que existem duas formas de concebê-la. A primeira, muito recorrente entre os matemáticos, é aquela em que existe um conhecimento pronto, que se desenvolve de forma lógica e ordenada, e os resultados são os esperados. A segunda, decorrente da primeira, busca entender como esse conhecimento foi elaborado no decorrer da história e o que influenciou tal elaboração.

Também adota esse ponto de vista Gonzales (1997) ao entender a natureza desta disciplina histórica através de sua evolução e desenvolvimento em uma determinada época, tendo ainda importância primordial nessa constituição as forças econômicas, políticas e sociais vigentes no período.

Entende-se, portanto, que o estágio atual da matemática corresponde a um lento e prolongado processo histórico-social, e que o modo como os sistemas matemáticos se apresentam seriam consequência do trabalho de diversas gerações de matemáticos, correspondendo aos diferentes períodos históricos.

Sobre as origens e o desenvolvimento da matemática como saber escolar os estudos de Valente (1999) merecem destaque. Esse autor escreveu *Uma história da matemática escolar no Brasil (1730 a 1930)* que atribuiu “à matemática escolar, a disciplina que tem a sua história mais intimamente ligada e estampada nos livros didáticos” (VALENTE, 1999, p. 20).

O autor argumenta que “[...] foi-nos possível escrever para abordar o percurso seguido pela organização de uma teoria escolar para ensino das matemáticas no Brasil [...]” (VALENTE, 1999. p. 21).

O propósito da pesquisa que objetiva discutir o desenvolvimento da matemática naquele período e naquela organização escolar exige um olhar para o desenvolvimento da matemática e seu ensino no Brasil. Destacam-se as referências para esse estudo que foram coletadas em importantes fontes como o livro de Clóvis Pereira da Silva (2003). Ampliando os estudos na direção da história das ciências no Brasil viu-se também Moacyr Costa Ferreira (1992).

Resgatando o contexto histórico essencial para se entender a própria educação do Brasil no período Colonial e no Império, o ensino era tradicional e modelado pelo sistema português. Com o traslado da família real para o Brasil, em 1808, surgiram vários estabelecimentos culturais e bibliotecas. Em 1810 foi

criada a primeira escola superior, a Academia Real Militar da Corte no Rio de Janeiro, transformando-se na Escola Central em 1858 e na Escola Politécnica em 1974.

Com o advento da República houve uma forte influência francesa, particularmente do positivismo. Pouco se fez em pesquisa até o início do século, quando surgem Otto de Alencar, Teodoro Ramos, Amoroso Costa e Lélío Gama, todos do Rio de Janeiro. Em 1928, Teodoro Ramos transfere-se para a Escola Politécnica de São Paulo e inicia-se então a fase paulista do desenvolvimento da matemática.

Em 1933 cria-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e logo em seguida, a Universidade do Distrito Federal, incorporada a Universidade do Brasil em 1937. Logo após a Segunda Guerra Mundial há um grande desenvolvimento da pesquisa científica, com a criação do Conselho Nacional de Pesquisas em 1951³ e seu Instituto de Matemática Pura e Aplicada /IMPA. Desde então a pesquisa matemática no Brasil vem crescendo consideravelmente e hoje tem destaque internacional.

No contexto da apreensão do ensino de matemática a partir de pressupostos da cultura escolar, objeto desse estudo no período delimitado, recorre-se à compreensão do matemático D' Ambrósio (2003), com o qual se concorda ao definir que,

O conhecimento gerado pela interação comum, resultante da comunicação social, será um complexo de códigos e de símbolos que são organizados intelectual e socialmente, constituindo aquilo que se chama cultura. Cultura é o substrato dos conhecimentos, dos saberes/fazeres e do comportamento resultante, compartilhado por um grupo, comunidade ou povo. Cultura é o que vai permitir a vida em sociedade (D'AMBROSIO, 2003, p. 25).

Apreendendo-se, portanto, que uma das mais importantes formas de diversidade a se considerar no âmbito da escola é a de natureza cultural. Neste sentido, discutem-se diferentes atividades de matemática por meio da apresentação, análise e discussão de diferentes formas de contar, classificar, medir, organizar e tantas outras ações matematizadas em diferentes escolas, com diferentes gêneros e diferentes idades.

³ Informação completa está disponível em <<http://www.cnpq.br/web/guest/a-criacao>>. Acesso em 15 out. 2011.

Compreender essa diversidade é fundamental para dirimir alguns mitos que permeiam o ensino de matemática, ao se pretender fazer a defesa de que matemática não é “coisa para meninas”, ou que “quem aprende matemática é quem nasceu com esse dom” ou ainda “só aprende matemática quem é jovem”. Estas questões sobre o ensino da matemática foram importantes para a análise no momento em que se pretendeu compreender os materiais didáticos da professora. Como os registros de planos de aulas, exercícios, modelos de provas e horários das aulas e registros outros analisados.

4 OS CADERNOS ESCOLARES, MEMÓRIAS E FONTES DOCUMENTAIS: O MODELO DE ENSINO NO GEVN

Neste capítulo buscou-se o entendimento sobre o modelo de ensino no GEVN a partir das memórias e acervo de documentos da professora Noêmia Viana Campos relacionados à sua atuação docente, que nesta tese, ilustra o modelo de ensino como cultura escolar do GEVN. Objetivou-se reconstruir historicamente as práticas do GEVN para informar sobre o movimento de institucionalização da educação primária no município de Cuité.

Neste sentido, foram utilizados os materiais disponíveis no acervo da professora Noêmia, foram analisados os cadernos escolares, exames preparados por ela para seus alunos, dentre outros. Buscou-se, ainda, as explicações da professora e de outros participantes, para identificar a cultura do GEVN que ilustra a escolarização dos alunos entre as décadas de 1940 a 1960.

O acervo da professora Noêmia possibilitou compreender o modelo de ensino no GEVN, especialmente quanto ao recorte temporal desta tese, informando sobre as práticas e materiais utilizados para conduzir os alunos ao aprendizado. O regaste histórico, através de documentos, foi complementado com as explicações da antiga professora, que proveu dados a este estudo, com suas memórias relacionadas ao período em que atuou no GEVN. Além disso, a análise realizada nos cadernos do acervo da professora Noêmia contribuiu para informar sobre as práticas de professores e alunos no recorte temporal proposto para essa tese.

Nesse sentido, cabe destacar que o referencial histórico contido nos cadernos da professora, bem com suas memórias possibilitaram um entendimento mais próximo sobre o cotidiano do GEVN.

4.1 Sobre a experiência docente

De acordo com Ferreira, Fischer e Peres (2009, p. 53) os estudos na área de Educação apresentam uma série de pesquisas realizadas a partir da história de vida de professores, com diferentes metodologias e objetos de estudo, como destacam Moita (1995), Huberman (1995), Gautrier *et al.*, (1998), Tardif (2002), Goodson (1995), Biasoli (2009). Estas pesquisas contribuem em conhecer os processos de formação e auto-formação docente, traçar um perfil sobre a vida profissional,

identificar os tipos de saberes que compõem o repertório de conhecimento utilizados no exercício do magistério, relacionar as vidas dos professores com os estudos sobre escolarização e currículo), preocupam-se em compreender a docência e como se apresentam os processos educacionais em uma dada sociedade e ou comunidade. Assim, o pressuposto entre estas modalidades, como ressalta Biasoli (2009, p. 51) é a de que “os próprios docentes têm a oferecer contribuições importantes a respeito de sua profissão, dado negligenciado por perspectivas tecnicistas em educação, mais preocupados com a prescrição do que com análise”.

Deste modo, estudos indicam a dimensão pessoal como fundamental nos processos pelos quais os professores se constroem e dinamizam seu trabalho, informando que, “o aperfeiçoamento profissional está associado ao desenvolvimento pessoal (ou faz parte dele)” (BOLÍVAR, 2002, p.8). Segundo o autor, esta concepção pode ser entendida como uma relação intrínseca entre o que se é como pessoa, ou se sente, não se dissocia do seu exercício profissional. Para Bolívar (2002), o desenvolvimento pessoal compreende três grupos de fatores: a) o professor como pessoa; b) o contexto em que trabalha; c) os incentivos e programas para uma evolução profissional. Estes fatores caracterizam a importância de estudos sobre as experiências do professor que possibilitando assim, um conhecimento tanto da evolução profissional quanto a sua atuação na escola.

O estudo acerca do percurso de vida profissional de uma determinada pessoa requer, conforme Bolívar (2002, p.19), “conhecer o percurso por ela percorrido, refletindo diacronicamente um conjunto de etapas, como idade, circunstâncias sociais, históricas e etapas profissionais”. De acordo com o autor, as fases ou estágios pelos quais passam os seres humanos, é associado a um conjunto de acontecimentos que envolvem as relações sociais e históricas, que marcam a vida de cada pessoa, ao longo do seu desenvolvimento, desde a infância ao afastamento de suas atividades profissionais.

Em relação aos estudos sobre as fases de vida e experiência profissional, Huberman (1995) apresenta o modelo centrado nos anos de experiência docente e não na idade. Para ele, as fases de vida profissional se modificam e não são ocasionadas pela idade, mas, pelas condições de tempo e lugar determinados, onde ocorrem as oportunidades e limitações vividas, além disso, esses acontecimentos ocorrem em diferentes lugares, nos quais as pessoas costumam participar fragmentando muitas vezes a linearidade das experiências vividas.

A contribuição teórica de Huberman (1995) tem sido em torno das questões que defende e que envolvem em sua proposta um modelo de ciclo de vida profissional, bem como as considerações metodológicas que apresenta, tem contribuído para alguns trabalhos e certamente poderá servir para outras investigações.

Relacionadas às contribuições de Huberman (1995), Bolívar (2002) aponta na mesma direção, que:

O desenvolvimento de uma carreira é um processo que, embora pareça linear, apresenta avanços, recuos, descontinuidades ou mudanças imprevisíveis. A carreira do professor ou professora será uma criação conjunta da interação dialética entre o que queriam ser (fatores maturativos e psicológicos) e os fatores do ambiente social (BOLÍVAR, 2002, p.52).

Cabe destacar que o diálogo entre os dois autores se entrelaça à medida que eles defendem que as diferentes fases da carreira docente constituem o ciclo de vida profissional dos professores. Para Huberman (1995), as fases da carreira do professor não podem ser vistas com segurança porque suas possíveis derivações para novas fases dependerão dos acontecimentos ocorridos ao longo das trajetórias individuais de cada um. Bolívar (2002) acrescenta que:

A vida de professores e professoras passa por uma sucessão de etapas ou fases que configuram seu ciclo de vida; caracterizadas, entre outras coisas, pelo predomínio de preocupações, atitudes e vivências diante de trabalho, articulados com outros domínios da vida, em especial com o ambiente social (BOLÍVAR, 2002, p.46).

Sobre as trajetórias docentes, os autores Huberman e Bolívar reiteram que as diferentes fases da carreira constituem o ciclo de vida profissional dos professores, acrescentando que há uma grande diversidade com relação às variáveis históricas, institucionais e psicológicas que configuram uma determinada geração. Portanto, informam, por meio de estudos, existe a possibilidade de melhor compreender a formação docente (HUBERMAN, 1995; BOLÍVAR, 2002).

Em uma outra perspectiva teórica a formação docente pode, ainda, ser entendida como o saber docente é defendida por Tardif (2002, p.11) ao apontar que o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com suas relações com os seus alunos em

sala de aula e com os outros atores escolares. Concorde-se com o autor, acima referido sobre o princípio do saber, neste caso o saber do professor, por este estar intimamente relacionado aos objetivos elencados nessa tese.

Com base nos pressupostos sobre os saberes docentes, através da trajetória profissional, pretendeu-se, nesse estudo, articular as memórias da professora Noêmia, bem como de sua formação, para compreender o modelo de ensino do GEVN entre as décadas de 1940 a 1960.

4.2 A professora Noêmia Campos

Para compreender a história de vida da professora Noêmia, entrelaçada com a trajetória exercida enquanto docente do GEVN, recorreu-se às entrevistas realizadas com a professora, quando foi possível obter informações que conduziram ao melhor entendimento sobre o estudo proposto nessa tese. As memórias expressas em suas narrativas sobre as práticas na representatividade histórica do GEVN, no município de Cuité, possibilitaram significar os materiais do acervo histórico acessado para esse trabalho.

Nascida em Cuité, em fevereiro de 1920, Noêmia pertencente de uma das mais tradicionais famílias de expressão política da primeira metade do século XX do município de Cuité que em diferentes épocas, exerceram poder político oligárquico local. Assim, a constituição familiar de Noêmia é a de uma família tradicional de proprietários de terras que tiveram influência na política local, sendo seus pais proprietários de terras, bem como seus tios maternos e paternos.

Sabe-se, historicamente, que a ocupação de terras brasileiras se deu sob o regime de concessão de sesmarias. Assim, a gratuidade do acesso a terra em sua forma legítima foi determinante na expansão das cidades, o que não foi diferente no município de Cuité-PB. A partir de uma concessão de terra no início do século XVIII, em 08 de dezembro de 1704, foi concedida ao Tenente Coronel de Milícias Caetano Dantas uma parte de terras, dando-se origem ao início da povoação da comunidade cuiteense, com o nome de Olho d'Água da Bica (ROCHA, 2006). A produção de um documentário histórico por Pereira Sobrinho (2008) registra, que outra parte de terra também foi cedida a dois grandes ramos familiares que continuaram povoando aquela região.

O primeiro, descendente da viúva Maria, conhecida por Dindinha, natural de Acari do estado do Rio Grande do Norte requereu terras ao presidente da província da Paraíba e instalou-se próximo à Fonte do Olho D'Água da Bica, com sete filhos. Consta nos dados históricos (PEREIRA SOBRINHO, 2008) que o motivo de Dindinha procurar essa região, deveu-se a desentendimentos com seus familiares, por motivos de herança, tendo se fixado numa casa de alvenaria, que foi demolida em 1960.

Neste mesmo local, Olho D'Água da Bica, construiu-se a Escola Agrícola criada em 1984. Por força de um acordo entre os poderes constituídos da cidade e a Universidade Federal de Campina Grande, os alunos da Escola Agrícola foram transferidos para a Escola Municipal Julieta de Lima e Costa, para que o Campus Universitário de Cuité-UFCG fosse instalado na cidade de Cuité no ano de 2006.

O segundo ramo, originário de Igarassu, estado de Pernambuco, eram quatro irmãos holandeses que devido às perseguições dos lusos, fugiram para a Paraíba, em 1804, também requerendo terras ao Presidente da Paraíba do Norte Sr. Félix Antônio Ferreira de Albuquerque. Eram europeus loiros, com estaturas de quase dois metros e olhos claros. Ao chegarem ao povoado mudaram seus nomes de origem para Joaquim, José, Maximiniano e Lázaro.

Os quatro irmãos localizaram-se em terras que compreendiam parte dos municípios de Cuité e Picuí, batizando esta localidade de Volta, em decorrência de uma grande curva que o riacho Gravatá faz no percurso. Segundo o historiador Heleno Henriques de Araújo (PEREIRA SOBRINHO, 2001) os irmãos de Volta trouxeram muito dinheiro, gado holandês, dezenas de jumentos, instrumentos agrícolas e muitos escravos. Tanto os descendentes do Olho D'Água da Bica, quanto os da Volta constituíram famílias com moças das redondezas e, entre eles com filhos resultando uma parentela crescente naquele município. Em Cuité, conforme diz o autor, quase todas as pessoas são parentas. Essa síntese histórica contextualiza o vínculo da professora Noêmia Viana Campos à descendência dos irmãos da Volta, Filha de Virgílio Viana da Costa e Joana Viana da Costa, que eram primos.

A constituição familiar demonstra uma relação de poder exercido em várias instâncias da sociedade local, Noêmia era bisneta do primeiro juiz de direito da Comarca de Cuité, Dr. Ivo Borges da Fonseca, que também havia sido diretor do Liceu Provincial da Paraíba. Em razão deste fato, sua avó paterna Ana Amélia

Rodrigues Viana foi a primeira moça que saiu de Cuité para estudar em João Pessoa o que causou “espanto” a alguns familiares. Segundo relato de Noêmia, alguns diziam: *“Você está louco? Levar essa menina pra estudar no meio onde só tem homem?” Naquele tempo, “só estudava menino [...] no tempo da minha avó”*.

As condições econômicas dos familiares de Noêmia representavam um poder aquisitivo elevado, fato que o primeiro carro de passeio (como popularmente refere-se ao carro utilizado para a família) de Cuité foi comprado pelo Senhor Pedro Viana da Costa, seu avô materno e primeiro prefeito nomeado do município. O carro chegou numa noite de Natal, na década de 1920, foi recebido em frente à casa do proprietário, com a participação efetiva da população.

A história de vida se entrelaça à formação educacional e trajetória profissional de Noêmia, sendo marcadas por um período em que a formação educacional era voltada para “ser professora”. Assim, Noêmia relata, em entrevista, sobre sua formação: “Fui aluna dos professores Domiciano, Edith Bezerra, e Elça de Carvalho, onde iniciou seus estudos com o professor Domiciano. Era o tempo da palmatória, Domiciano ensinava com palmatória”.

A escola no período referido por Noêmia utilizava a palmatória, um instrumento de madeira utilizado como forma de castigo para o aluno, envolvendo bolos (batidas) na palma da mão, dentre outras formas de castigo. Os motivos que levavam ao castigo eram os mais variados, entre eles os atos considerados de indisciplina e baixa aprendizagem identificada através do cumprimento das tarefas e pela atribuição de notas.

A formação acadêmica da professora Noêmia foi comum ao de tantas crianças e jovens daquela época e de seu nível social. Iniciou seus estudos com professores particulares, além dos muitos professores que colaboraram com sua educação.

Além de Domiciano, Noêmia teve como professora Edith Bezerra, uma das professoras particulares que contribuíram na educação de Noêmia. Edith, natural de Recife-PE, foi a primeira professora diplomada a ministrar aulas em Cuité, nomeada pelo Estado, mas mantinha uma escola particular. Conforme Noêmia, naquele tempo a “professora diplomada ou professora habilitada” era a que tinha cursado o Normal, já a “professora qualificada” ou “professora concursada” tinha que ter cursado as quatro primeiras séries e ter sido aprovada no exame de admissão. As

aulas eram ministradas em sua própria casa. A casa tinha um grande salão e espaço suficiente para o horário do intervalo, pois a professora não permitia que as alunas saíssem para a rua.

Em outro momento de sua formação, agora como estudos complementares, Noêmia foi estudar com a professora Elça de Carvalho, vinda de João Pessoa, que preparava as moças para seguir o magistério, fazer concurso e ingressarem na carreira docente. Após essa preparação as moças da cidade se submetiam ao exame de qualificação para serem professoras. Ela era uma das incentivadoras para que as meninas fossem fazer o curso normal cuja família pudesse mandá-las para a capital, atitude que reflete a preocupação da referida professora com a formação para as professoras das escolas primárias, finalidade, inclusive, da criação das Escolas Normais.

Conforme entrevista da professora Camélia, diretora do GEVN, a professora, Elça de Carvalho foi quem iniciou o ensino cívico no grupo escolar. Noêmia, confirma a afirmação de Camélia ao relatar que: *“quando Elça veio para cá ela ensinou a marchar, agente marchava sem bombo sem nada, só cantando a Pátria Amada”*. Com a professora Elça, Noêmia igualmente com as demais moças da cidade realizou o exame de admissão e se submeteu ao exame de qualificação. Assim, com a aprovação no exame de admissão era realizado um concurso para ensinar, passando então a ser professora qualificada para o exercício da profissão docente, após a conclusão do Curso Normal era professora habilitada.

Com o incentivo da professora Elça de Carvalho

naquele tempo, depois que a gente fazia a quinta série podia ensinar, mas a gente precisava fazer concurso. Eu fiz ainda dois concursos, passei em todos dois. Primeiramente, a gente conseguia o diploma de professora rudimentar. Naquele tempo se chamava assim, professora rudimentar. Aí passei a ser, depois que deixei de estudar fui ser professora do Grupo Vidal de Negreiros. Fui professora concursada e depois que eu fiz o Normal, fui professora diplomada (Dados da pesquisadora em entrevista à professora Noêmia em setembro, de 2010).

Em 1951, um grupo de profissionais e intelectuais da cidade criou o Instituto América, no governo de José Américo de Almeida, fruto do ideário destes pioneiros em defesa de um ensino mais qualificado. Assim foi criada a Escola Normal regional de Cuité, com o apoio de profissionais de destaque na cidade, como o Dr. Djalma Barbosa, médico; Dr. Jorge Guimarães, Juiz de Direito; Dr. Diomedes, odontólogo, o

Padre José de Barros, Dr. Orlando Venâncio, advogado, e outras personalidades e autoridades da cidade que participaram desta iniciativa considerada desde o início como exitosa.

A turma pioneira concluinte do Instituto América, Escola Normal Regional de Cuité, no ano de 1955, foi composta pelas seguintes normalistas: Maria Camélia Pessoa da Costa, Angelita Azevedo Dantas, Guiomar da Silva Furtado, Luzia Costa de Almeida, Maria Diva da Fonseca Santos, Maria José Dantas, Maria Onilda Farias, Neuza Bezerra Cavalcanti, Noêmia Viana Campos, Rosilda Fonseca Santos, Terezinha Medeiros Andrade.

As alunas para entrarem no Curso Normal prestavam Exame de Admissão, na realização do exame, Noêmia foi aprovada em primeiro lugar. Após concluir o Curso Normal no Instituto América, Noêmia, que já lecionava no Grupo Escolar Vidal de Negreiros, passou a exercer a função no Magistério com maior segurança e competência, uma vez que agora era uma professora habilitada, diplomada, para tal função. Foi professora da primeira à quarta série, e do primeiro Ano Complementar, que era uma espécie de série intermediária entre a quarta série e o Exame de Admissão.

Na narrativa de Noêmia, percebeu-se a influência de professores, que foram importantes na sua formação profissional e na escolha da carreira a ser seguida, quando ela afirma:

A minha escolha para essa profissão se deu pela admiração que eu tinha por duas professoras do curso primário que foram as professoras Lourdes Almeida, que era sobrinha do Governador José Américo de Almeida e a professora Elça de Carvalho. Admirava tanto essas professoras que decidi que quando terminasse meus estudos, eu iria ser professora. E, até hoje, eu seria professora, se fosse possível (Dados da pesquisadora em entrevista à professora Noêmia em setembro, de 2010).

Pelo exposto sobre a trajetória pessoal e profissional da professora Noêmia, esse tipo de educador, como ressalta Goodson (1995), torna-se um verdadeiro “mito” que os alunos pretendem seguir tornando-se um impulso fundamental para a futura escolha profissional. O autor afirma que:

Uma característica comum do ambiente sociocultural colhida nas narrativas dos professores é o aparecimento de um professor preferido que influenciou de modo significativo, a pessoa enquanto jovem aluno [...] Tais pessoas fornecem um “modelo funcional” e, para além disso influenciaram

provavelmente a visão subsequente da pedagogia desejável, e bem assim, possivelmente, a escolha do próprio curso (GOODSON, 1995, p.72).

De fato, em conversas com as professoras percebe-se que elas receberam influências de pessoas ou instituições sociais na escolha da carreira do magistério. A família, por exemplo, indica a carreira que ela deve ou não seguir impondo muitas vezes uma profissão ou proibindo outra. Há indícios de que no ambiente contextual de instalação do GEVN e anos seguintes da criação da Escola Normal, a escolha pelo magistério sofreu fortes influências e por isso caracterizou-se maciçamente por um campo profissional povoado por mulheres. Nesse contexto, as alunas não estariam movidas apenas por motivos pessoais, mas por um arcabouço cultural e social e econômico que envolveu a escolha pelo magistério.

Durante as narrativas da professora Noêmia, momentos de escuta de suas memórias, foi possível perceber o entusiasmo que ela transmitia ao relatar as suas experiências e dedicação que teve ao magistério, no GEVN, onde foi marcante a sua atuação. Ela descreve sua metodologia e formas de avaliação:

Quando eu comecei, logo em 1937, eu ensinei a 1ª e a 2ª série. Aí depois fui promovida para a 4ª série e depois passei a ensinar a 5ª e me aposentei na 5ª. Eu ensinei tudo: português, matemática, geografia [...]. Em matemática, a gente ensinava subtração, multiplicação, fração decimal, regra de três [...]. As provas a gente elaborava todo mês e no fim do ano as provas vinham da Instrução Pública de João Pessoa (Dados da pesquisadora colhidos em setembro de 2010).

Noêmia fala do orgulho que sente de alguns alunos seus que exercem hoje cargos importantes, no Estado da Paraíba, sem esquecê-la. Nas oportunidades que vão a Cuité, como exemplo, ela cita o Desembargador Antônio de Pádua Montenegro, que assumiu o cargo de Presidente do Tribunal de Justiça, o Dr. Guilherme Viana, que assumiu o cargo de Reitor de Universidade, Hidalgo de Lima e Costa, funcionário do Banco do Brasil (citado como um dos seus monitores) e tantos outros que possuem destaque no exercício de suas profissões.

Durante as entrevistas feitas com a professora Noêmia e, em cada uma delas, a admiração se renovava, pelas memórias e narrativas sobre o GEVN com que relata os fatos e descreve minúcias de um passado distante, mas tão presente em seus 92 anos de idade. Em suas memórias sobre o GEVN, Noêmia relata suas experiências junto aos alunos, dos livros que adotava, suas estratégias de ensino e de casos que lhe marcaram enquanto professora.

Ela relata que:

No 5º ano tinha um livro que eu ainda devo ter esse livro aí chamado Exame de Admissão. Tinha todas as matérias, num é? Noêmia diz que este livro era comprado para os alunos pelos pais. Era um sacrifício, mas os pais sempre davam um jeito de comprar. Cada qual comprava o seu livro e o caderno. Tudo isso era os pais que compravam (Dados da pesquisadora em entrevista à professora Noêmia em setembro, de 2010).

Em uma das entrevistas realizadas Noêmia foi questionado sobre como ela percebia a mudança de seu tempo como aluna, como professora e a educação hoje? Ela respondeu:

Bem, por uma parte eu vejo que no tempo que eu estudei e ensinei, tanto o ensino como o que a gente aprendia a aprendizagem, ela tem mais proveito do que hoje. E cita um fato de uma moça que trabalhava com ela no cartório e estava na 7ª série, e não sabia por que o dia 26 de julho era feriado não lhe disseram, não que amanhã é feriado foi a morte de João Pessoa. Aí ela disse e quem era João Pessoa? Menina era o presidente da Paraíba, nesse tempo chamava-se presidente. Ah! Eu não sabia não. Não, sabia? Na 7ª série e não sabia que João Pessoa tinha sido presidente da Paraíba. Eu acho que naquele tempo se sabia mais essas coisas do que hoje. Hoje se sabe, sabe, se não sabe, é isso mesmo (Dados da pesquisadora em entrevista à professora Noêmia em setembro, de 2010).

A fala da professora Noêmia denota um distanciamento dos alunos dos dias de hoje com as referências político-sociais da sociedade. Indica que em sua época como aluna e professora o aprendizado era também voltado para as questões de cidadania e não somente centrado nos conteúdos curriculares. Para Noêmia é um tipo de ensino que é ministrado sem a preocupação com a efetiva aprendizagem do aluno e, principalmente, sem a criticidade do aprender a aprender.

Atualmente, a professora Noêmia Viana Campos mora com uma afilhada que cuida dos trabalhos domésticos e lhe acompanha sempre que necessário. A própria Noêmia cuida de sua conta bancária, faz suas compras, participa das atividades da Igreja e quando necessário, viaja a Campina Grande para cuidados médicos. Como Rocha (2006), afirma em trabalho monográfico, a professora Noêmia representa com dignidade a profissão do magistério, que exerceu por tanto tempo, servindo de exemplo para muitos. Comprometida com a educação, ela contribuiu para que a educação em Cuité fosse modelo para outros municípios, além de já ter sido referência para outros trabalhos, como o de Rocha (2006), para a compreensão da institucionalização da educação primária no Estado da Paraíba, além de sua atuação no GEVN.

4.3 Sobre o modelo de ensino no GEVN: os cadernos escolares

Conforme salienta Mignot (2008, p.7) “estamos tão acostumados com os cadernos que não damos conta de sua história, que se entrecruza com a história da educação”. Pautando-se nesta afirmação, optou-se por utilizar os cadernos escolares da professora Noêmia para identificar as pistas que pudessem informar sobre o modelo de ensino do GEVN.

Pode-se considerar o ensino e a aprendizagem como duas instâncias da ação pedagógica que definem o modelo de ensino envolvendo a interação entre o professor e o aluno como centrais na produção escolar. Entretanto, por tratar-se de um estudo que remete às décadas de 1940 a 1960 foi preciso lançar mão de outros recursos para reconstruir esse modelo. Para tal, utilizou-se das memórias dos participantes, bem como do acervo pedagógico da professora Noêmia.

Ao ressaltar essa relação entre o ensino e a aprendizagem no modelo de ensino, coloca-se o professor como responsável pela efetivação da aprendizagem junto a seus alunos. Esta questão que *a priori* parece óbvia, não é. Para tal, os professores precisavam preparar os conteúdos a serem ministrados em sala de aula, bem como as avaliações. Os cadernos eram utilizados tanto pelos professores quanto pelos alunos. Para os professores os cadernos eram utilizados como base para o planejamento educacional sintetizando os conteúdos curriculares, enquanto que para os alunos era o instrumento para registrar as atividades preparadas para a sala de aula e, por vezes, para ser feito em casa.

Nesse contexto, foi preciso pensar o modelo de ensino sintonizado e articulado para um espaço físico definido, para o trabalho de todos os professores e no contexto das diretrizes do ensino proposto pelas instâncias governamentais visando implantar um sistema nacional de ensino, qual foi a institucionalização da educação primária e a criação dos grupos escolares.

Assim, para organizar esse modelo de ensino era preciso que outras funções estivessem em consonância com a cultura dos grupos escolares. Inicialmente, foram criadas as funções de diretor e de inspetor escolar para atuarem com o corpo de professores, no sentido de administrarem coletivamente, a estrutura física, material e humana da escola para garantir a unidade interna no trabalho dos vários professores que atuavam em diferentes classes, mas de uma mesma série ou, nas mesmas classes com matérias diferentes.

O grupo escolar passou a representar uma entidade oficial, um estabelecimento de ensino organizado por meio de uma lógica racional-burocrática e, também por isso outros profissionais tornaram-se necessários como os inspetores de alunos, auxiliares administrativos que deveriam tratar da documentação escolar, merendeiras e zeladores. Assim, foram criadas novas categorias de trabalho, não apenas relacionadas à efetivação do ensino e da aprendizagem, mas visando os encaminhamentos necessários para que, no interior das salas de aulas o ensino e a aprendizagem se processassem de acordo com os parâmetros oficiais legais e institucionais para a unidade interna na escola e do sistema educacional como um todo.

Foi esse ambiente educacional que favoreceu o desenvolvimento de um modelo de ensino no GEVN. Um espaço que se caracterizava por desenvolver um trabalho didático pedagógico, que respondesse pelas ações desse estabelecimento, desde a organização das experiências da sala de aula, aos níveis e modalidades de ensino, a organização do currículo, ao tempo e ao espaço escolares a todos os outros procedimentos que se relacionem com o funcionamento do grupo, responsabilizando e envolvendo a todos os que o compunham.

Nesta ambiência educativa o modelo de ensino, por sua vez, foi definido como aquele que compreendia as atividades teórico-práticas desenvolvidas pelos profissionais do estabelecimento de ensino para a realização do processo educativo escolar. Concepção que se aproxima de Vasconcellos (2006, p. 1091) em artigo no qual, buscando relacionar a excelência escolar ao trabalho pedagógico desenvolvido na escola, destaca que este é designado “como as modalidades ou modo como neles [estabelecimentos de ensino], se instauram a divisão das atividades pedagógicas e o jogo dos atores (docentes, diretor do estabelecimento, pessoal de educação e da inspeção, pais de aluno etc.)”.

Destaca-se que, na base desse modelo de ensino, havia a intenção de uniformizar as práticas de sala de aula além do que estava prescrito enquanto conteúdos. De tal modo que as análises realizadas sobre o modelo de ensino dos grupos escolares, são identificadas como modos de um fazer pedagógico repetitivo, uma espécie de modelo de atividades de aprendizagem relativas a todos as escolas. Este modelo de ensino gerou uma identidade pedagógica dos grupos escolares, além do próprio GEVN. Esta identidade pedagógica dos grupos simbolizam a cultura

escolar de educação depositária de resquícios dominadores e, calcada em princípios do atraso, da submissão do disciplinamento e da punição.

Neste sentido, a título de ilustração, destaca-se que ao entrar para cursar o primário as crianças com sete anos de idade eram consideradas alfabetizadas, em geral, identificavam algumas letras do alfabeto e desenhavam o nome. Gradativamente aprendiam a copiar. Fazer cópias, muitas cópias sempre de textos selecionados pela professora, obedecendo à grafia e a acentuação das palavras daquele texto. Este exercício de copiar palavras era geralmente de livros infantis de autores renomados, por exemplo, Monteiro Lobato muito trabalhado nas escolas.

Do treino da cópia passavam para o ditado, nos ditados eram observados os erros das palavras, o ditado era devolvido para os alunos com as devidas correções para serem copiados quantas vezes a professora pedisse. O uso excessivo da cópia e do ditado tinham duas dimensões pedagógicas, serviam tanto como prática escolar para aprender o português quanto como prática escolar disciplinadora. Estas duas práticas escolares são utilizadas nos grupos escolares como parte do currículo da escola primária, portanto devem ser consideradas como práticas pedagógicas. Este modelo pode ser observado no conteúdo dos cadernos acessados para essa tese.

O caderno é reconhecidamente um dos materiais de escrita que acompanha a vida escolar de todos nós, neles são escritos mais do que atividades escolares. Nos cadernos escolares se encontram bilhetes, rabiscos que revelam momentos criativos, cartas etc. Para Gvirtz (1997), os cadernos são um dos dispositivos escolares que registram contextos institucionais, interesses docentes, discentes, governamentais e da sociedade em geral. Por isso, os cadernos do professor e do aluno trazem fortemente as nuances vividas e experienciadas, por professores e alunos no dia a dia da sala de aula.

Para Viñao (2008, p.17), os cadernos escolares podem ser considerados como uma das fontes mais idôneas para a análise do ensino e da aprendizagem, dos usos escolares da língua escrita e, ao mesmo tempo, da cultura escrita. Assim, se compreendeu-se que, além da abordagem da cultura escrita, os cadernos escolares revelam a transmissão das diferentes ideologias e valores do meio escolar, reformas e inovações educativas existentes entre as propostas teóricas e as práticas escolares.

Com os estudos de Hérbrard (2000) e de Gvirtz (1997), os cadernos

escolares começaram a ser compreendidos como uma relevante e significativa produção escrita, com pistas importantes sobre o cotidiano escolar.

Assumiu-se, então, para o percurso da pesquisa o pressuposto de que o caderno é o elo que aproxima a relação entre o modelo de ensino, a cultura escolar e cultura da escola significando o conteúdo ministrado institucionalmente. Os grupos tinham como característica transmitir conhecimentos ou cultura em sentido absoluto ou universal. De fato, os cadernos são considerados como produto cultural, um documento específico que permite o acesso à produção escolar de uma determinada época.

Como produto escolar, Viñao (2008, p.22) coloca que o caderno reflete a cultura própria do nível, etapa ou ciclo de ensino em que é utilizado, assim os cadernos tornam-se instrumentos fundamentais para uma análise do tempo das aulas, do espaço escolar, do nível e sequências dos conteúdos, dos momentos reais das atividades e do uso diário, semanal, mensal e anual do tempo escolar.

Definido que os cadernos escolares dariam o suporte cultural para a análise da modelo de ensino do GEVN, optou-se por analisar a produção relacionada ao Ensino de Matemática por ser este o foco das aulas da professora Noêmia, além da disciplina de Língua Portuguesa. Esta opção pauta-se, ainda, no tripé “ler, escrever e contar” praticado e valorizado, até os dias de hoje, pela escola e sociedade. Importava que o aluno fosse capaz de dominar estas três instâncias para ser considerado apto na escola e na sociedade, sem a necessidade de uma formação crítica.

Portanto, observar o suporte em que aparecem os escritos da professora, analisar os dispositivos desta escrita, as imagens a elas associadas, refletir o contexto em se deu a produção e a transmissão desses saberes possibilitou interpretar o contexto em se deram as práticas escolares, a importância atribuída aos conhecimentos disseminados, suas relações e as diferentes formas de apropriação pelos alunos.

Trata-se de analisar a utilização de cadernos escolares como dispositivos de organização do ensino, na perspectiva também de compreender as práticas docentes e discentes e identificar os conteúdos ensinados em sala de aula, no entanto em sua maioria os trabalhos identificados tratam de análise de cadernos escolares com produções dos alunos que evidentemente por vários fatores revelam outras facetas, que não aquelas presentes no caderno do professor que planejou as

aulas, ancorada nos seus saberes docentes e nos livros de metodologia adotados. Diferente de optar pela utilização dos cadernos de alunos, nessa pesquisa optou-se por utilizar o caderno do professor. Ainda que nas produções, conforme salienta Mignot (2008) é comum a utilização dos cadernos dos alunos, vale ressaltar que o caderno do professor apresenta o planejamento das aulas, as avaliações, horários, anotações que podem informar sobre o modelo de ensino utilizado em sala de aula.

Neste sentido, considerou-se o caderno de planejamento das aulas e de lições (conforme nomeação da própria Noêmia) produzidos pela professora Noêmia como registro de aproximação com o modelo de ensino do GEVN. Ao analisar os cadernos da professora foi importante a reflexão de que se por um lado, revelavam indícios de práticas, demonstravam escolhas e opções teóricas e metodologias da professora, por outro lado tinham limitações enquanto objeto-fonte de investigação, uma vez que eles não dizem tudo do cotidiano da sala de aula, dos professores e dos alunos. Por isso utilizou-se das narrativas orais, no sentido de que com um cruzamento e confronto destas fontes fosse possível oportunizando uma aproximação de entendimento do processo de análise.

4.4 O modelo de ensino: os cadernos da professora Noêmia Campos

Elegeu-se para a compreensão do modelo de ensino do GEVN os cadernos e as explicações da professora Noêmia – acervo pessoal. No Apêndice 1 foram compilados os materiais pedagógicos disponibilizados para compor os dados desta pesquisa. As capas dos cadernos foram identificadas pela professora Noêmia sequencialmente e com a temática a que se destinava a série de ensino. A professora Noêmia guarda um vasto arquivo documental entre clássicos de várias áreas do conhecimento de sua época de atuação no GEVN. Muito organizada, conserva os livros encapados e catalogados, que ela mesma tem o cuidado de zelar.

Aqueles momentos de pesquisa com a presença da professora Noêmia foram muito intensos e definidores para se recompor parte da memória da cultura escolar paraibana por meio daqueles materiais vivos que saltitavam de histórias. Memórias e documentos eram expostos para revelar uma prática docente do magistério primário.

Dada a relevância do trabalho da professora Noêmia desenvolveu-se para essa tese um capítulo baseado nos cadernos e outros materiais didáticos utilizados

por ela enquanto professora do GEVN.

Ao iniciar as análises dos cadernos a primeira questão colocada foi sobre O que dizem os cadernos de matemática da professora Noêmia Campos? Os cadernos continham registros de elaboração de provas, lições e pontos a serem estudados pelos alunos, registros de horários, cartas, ofícios, notas mensais e anuais da turma e atividades escolares (exercícios) de todas as matérias. Foram identificados sete cadernos que expunham dentre outras matérias atividades de matemática.

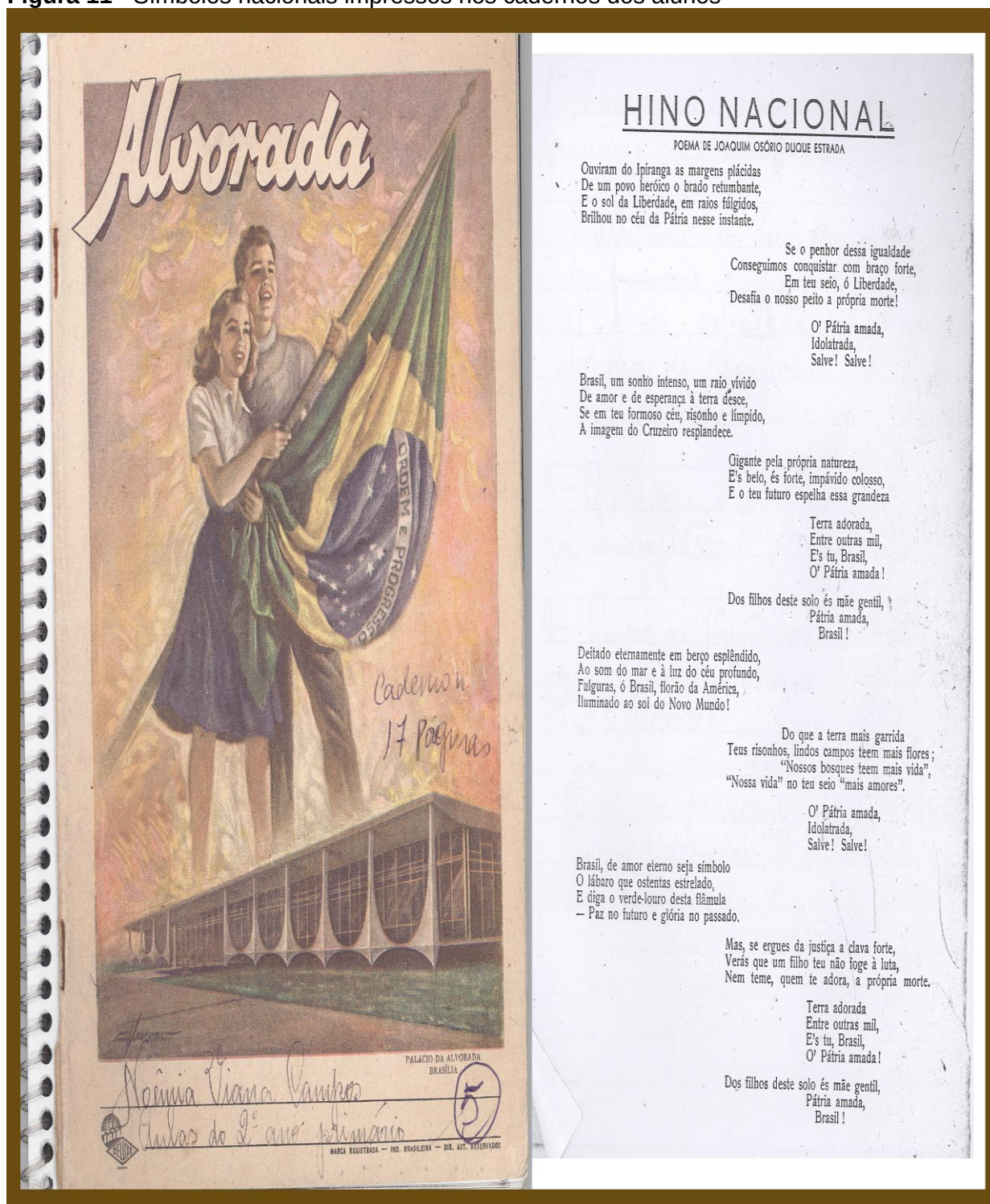
Destaque deve ser dado ao fato de que, dentre os cadernos escolares da professora, apenas dois deles tem registro do ano de ensino. Um caderno com registro do 1º ano B e outro do 2º ano. Como o estudo pretendeu investigar a organização do grupo escolar e o ensino de matemática naquele modelo de escolarização decidiu-se por identificar os conteúdos de matemática, nos materiais disponibilizados pela professora Noêmia.

Estas referências do ano escolar nos cadernos são confirmadas pela professora que relata:

Eu ensinei a 1ª e 2ª série. Aí depois fui promovida a ensinar a 4ª série e depois a 5ª série. Eu ensinava tudo português, matemática, geografia. Conforme a professora a 5ª série era chamada de exame de admissão e era o 1º ano complementar. Naquele tempo depois que agente fazia a quinta série podia ensinar, mas agente precisava fazer concurso (Dados da pesquisadora em entrevista à professora Noêmia em setembro, de 2010).

Esses cadernos possuíam capa e contracapa com gravuras que simbolizavam a o modelo de cultura escolar da época, como por exemplo, o Hino Nacional Brasileiro que era cantado pelos alunos.

Figura 11 - Símbolos nacionais impressos nos cadernos dos alunos



FONTE: Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Em entrevista a professora Noêmia, relatou que:

Cantava o hino nacional e os alunos iam acompanhando no caderno. Eu cantava no início ou no final das aulas. Eu fazia isso para incentivar o patriotismo, comemorava todas as datas festivas tanto as municipais quanto

as estaduais. Os alunos participavam do Sete de setembro. Aqui em Cuité chamava a atenção, todas as escolas fardadas e cantavam vários hinos (Dados da pesquisadora em entrevista à professora Noêmia em setembro, de 2010).

Em relação a isto a professora Albani, comentou:

Os desfiles de sete de setembro eram lindos, ensaiávamos a marcha para ninguém errar o passo no dia da apresentação. Caprichávamos nos uniformes. Lembro de nossos alunos formados no pátio cantando o Hino Nacional. Todos sabiam também o hino da Bandeira e da Independência (Dados da pesquisadora em entrevista à professora Noêmia em setembro, de 2010).

Vale ressaltar que a intenção da professora Noêmia de valorizar o patriotismo relaciona-se com o aprendizado enquanto aluna da professora Elça. Esta mesma professora é mencionada no relato de Noêmia como tendo exercido influência em sua decisão para o exercício da profissão docente.

Foi possível perceber que a professora Noêmia, ao elaborar as aulas em seu caderno, não improvisava o conteúdo a ser ensinado e ela mesma resolvia em sua casa cada atividade que ia ser desenvolvida com os alunos, ou seja, a professora aprendia enquanto estudava e enquanto ensinava. Sobre a natureza dos cadernos escolares, Gvirtz (1997), mostra que alunos e professores elaboram seus cadernos segundo um minucioso critério de estruturação e que estes constituem campos significativos para se observar os “processos históricos e pedagógicos da vida cotidiana da escola” (p.24) no que diz respeito à produção de saberes.

De fato, com a realização de leituras sobre os cadernos escolares manuscritos da professora percebeu-se que as lições postas constituíam-se em um saber/fazer, tanto para a sua formação quanto para a sua prática e atuação porque ao elaborar as atividades de ensino e aprendizagem para os alunos, ela tomava como referência o universo de saberes de sua formação escolar, as referências advindas das discussões pedagógicas com os outros professores e as referências dos contatos com os livros.

Desta forma, esse trabalho de pesquisa que pretendeu caracterizar a criação do GEVN como instituição escolar de um sistema nacional de ensino tem uma relevância muito forte porque seu campo de análise foi circunscrito aos materiais de ensino (cadernos escolares e de lições) produzidos e guardados pela professora Noêmia onde se encontrou vastas atividades para o ensino de matemática

elaboradas pela referida professora, que pode ser objeto de inferência de uma postura de professora que ao tempo em que ensinava também aprendia.

Conforme a professora Noêmia o inspetor passava pela escola para examinar o que os professores estavam ensinando e confirma em uma de suas falas.

É, ele vinha e procurava ver o que agente tinha feito, como é que a gente ensinava aos alunos, as provas que agente passava. Aí dizia se agente estava indo bem ou devia aumentar ou diminuir o ritmo, não é?

Em relação a esse trabalho dos inspetores, a professora Noêmia diz:

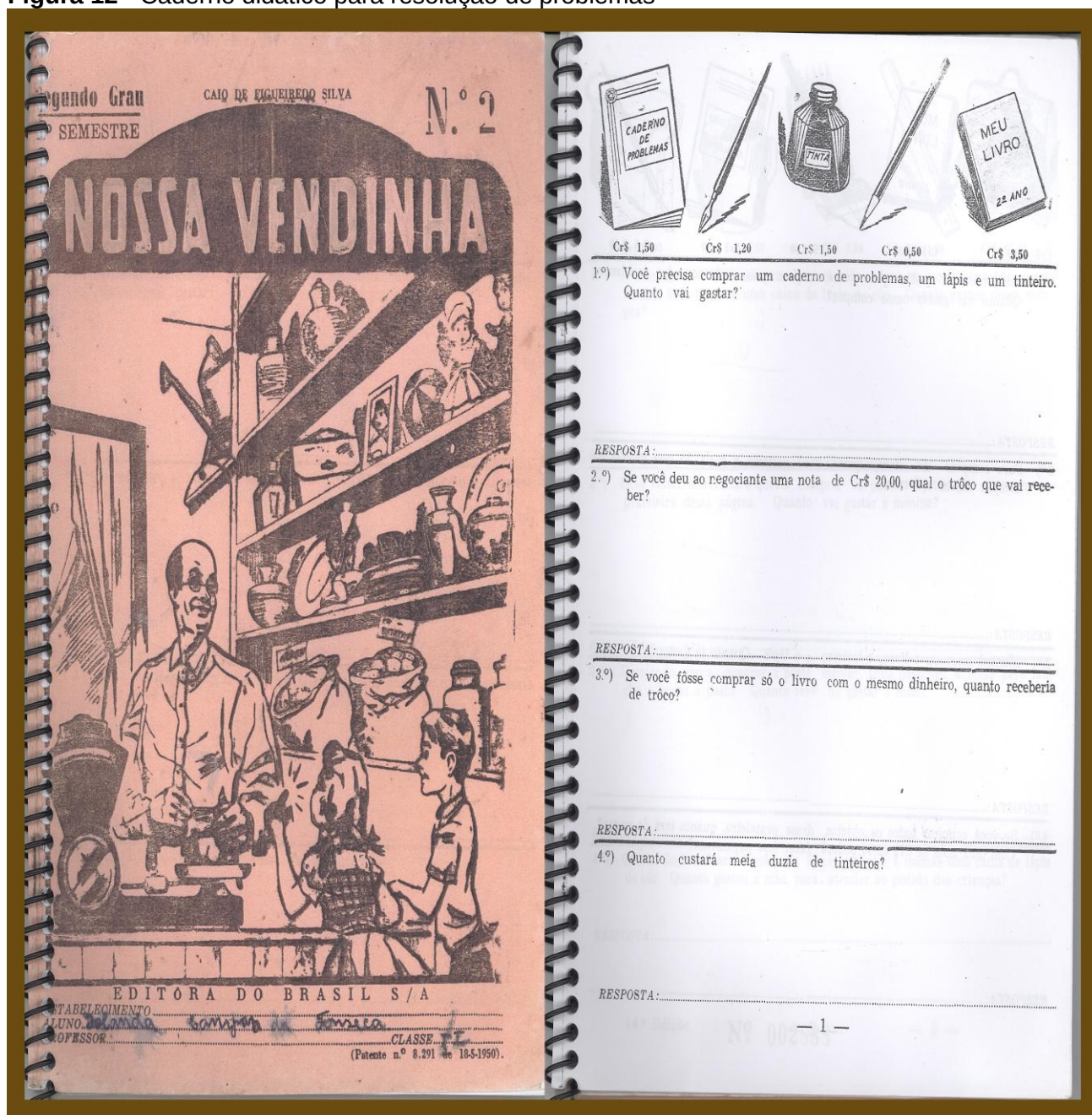
A função do inspetor da província era controlar as práticas de aulas dos professores. Eles vinham fiscalizar se o professor dava aula (Dados da pesquisadora em entrevista à professora Noêmia em setembro, de 2009).

Segundo Faria Filho (2000), o material utilizado pelo professor deveria passar pela análise do diretor e pelos inspetores escolares por ocasião de suas visitas para que fosse verificada a adequação das aulas ao programa oficial de ensino, conforme relatou Noêmia. Derivou-se, daí o cuidado em preparar os cadernos com todos os procedimentos adotados na escola e na sala de aula.

Sabe-se que os cadernos escolares produzidos por professores com planejamento de suas ações pedagógicas indicam as atividades comumente requeridas pelo professor para os seus alunos desenvolverem em sala de aula ou como tarefas para casa que traduzem, mesmo de forma parcial, valores e concepções da cultura escolar de uma época. Neste contexto das análises dos cadernos depreendeu-se “tipos de atividades” “conteúdos ensinados” “carga-horária de cada disciplina” que entre outras atividades a professora valorizava, para a sua prática escolar.

Nos dois cadernos analisados, destacou-se que a professora procurou descrever, passo a passo os caminhos que deveriam ser seguidos para a realização das tarefas de classe e tarefas de casa. Essa atitude pedagógica pode ser atribuída a uma visão do ensino e da aprendizagem que privilegiava a experimentação em busca da teoria a prática. A professora explica, por exemplo, cada parte que constituem “as continhas” (operações matemáticas) de adição, subtração, multiplicação, divisão. Os problemas foram escritos numa linguagem cotidiana, a exemplo do universo vocabular da mercearia da esquina e da feira, conforme o livro abaixo Nossa Vendinha.

Figura 12 - Caderno didático para resolução de problemas



FONTE: Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

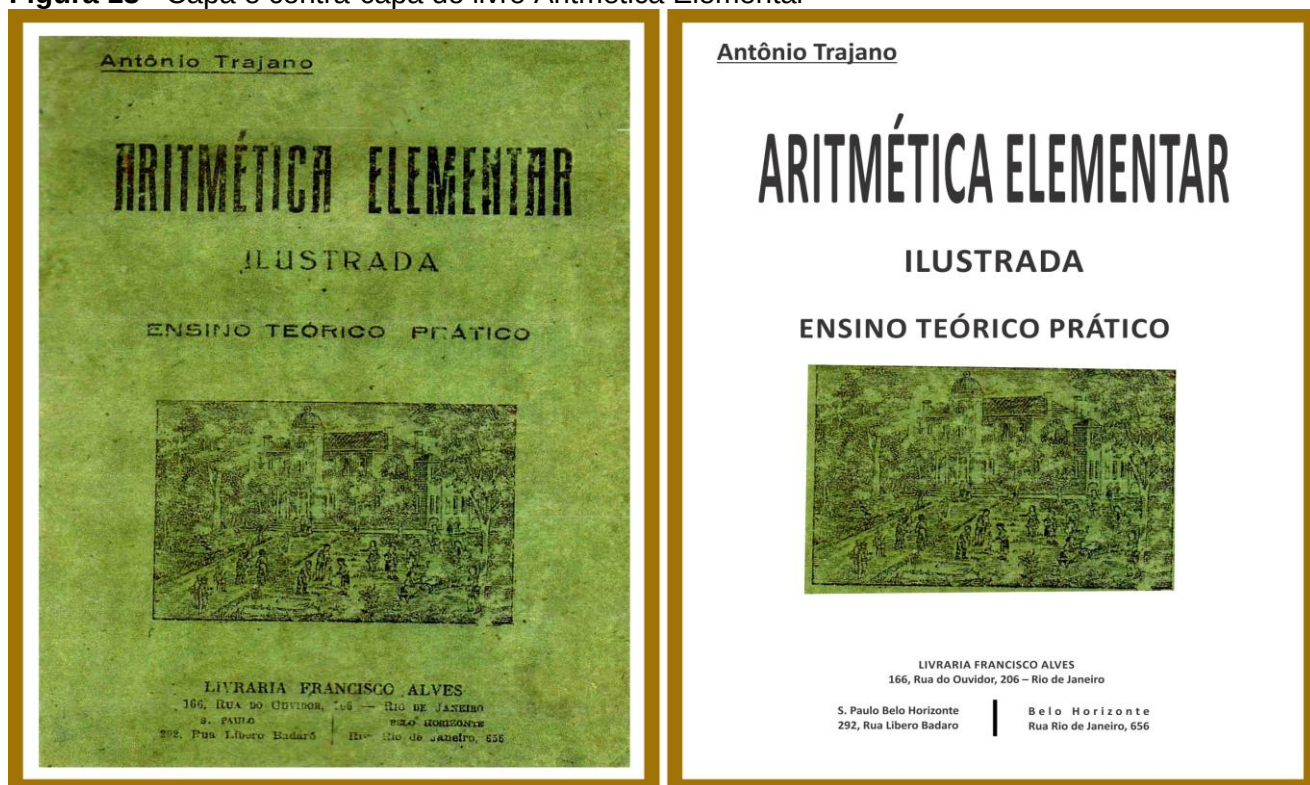
Essa postura da professora na seleção das atividades de ensino punha o sujeito no centro do seu próprio conhecimento, pressuposto que refletia as discussões da educação, dos ideais da Escola Nova. De fato, a análise aponta que os cadernos escolares enquanto suporte de escrita, trazem registro não só dos conteúdos, mas também simbolizam as tendências históricas da educação primária numa nova perspectiva de escolarização. Traduzidas na ênfase das atividades de interesse dos alunos, discussão que não faz parte do objeto dessa investigação,

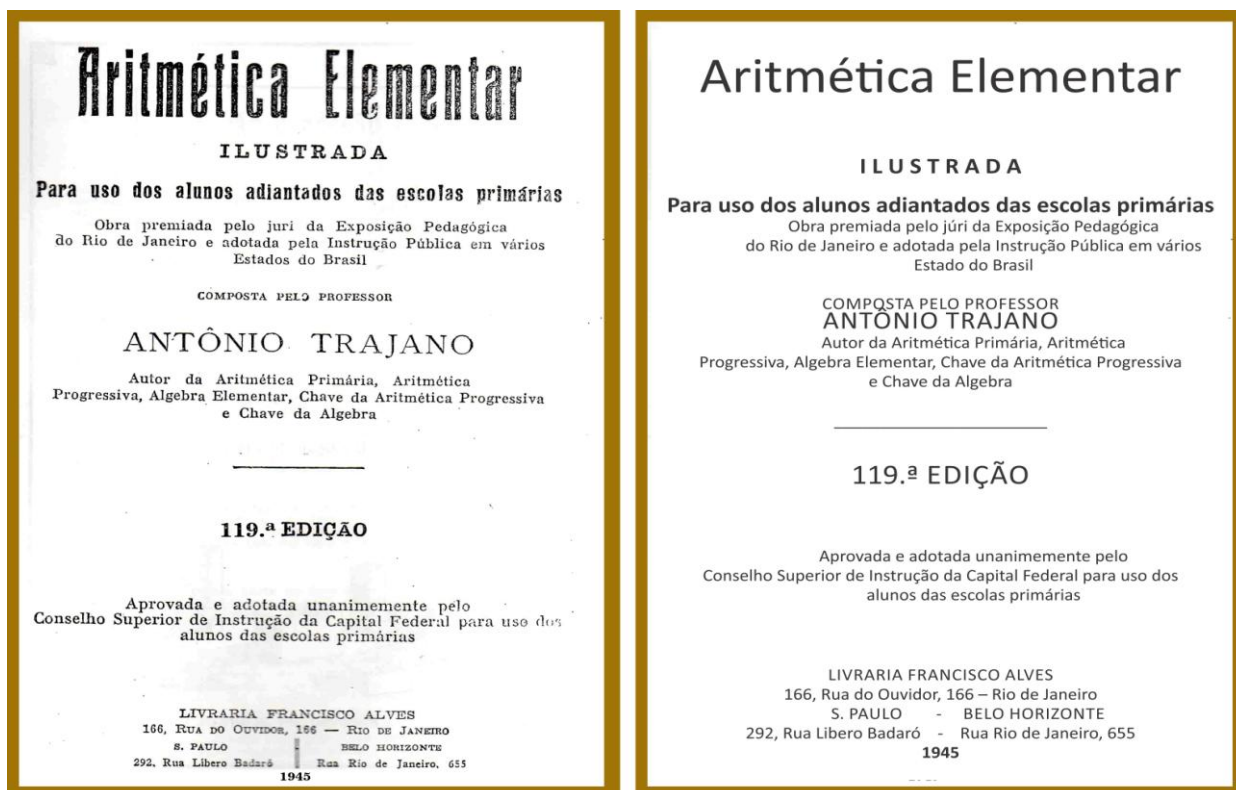
mas certamente é indicador para outros estudos e outras teses.

Muitas atividades dos cadernos a professora remete aos alunos indicações de páginas de livros, o que possibilitou identificar as atividades que ela utilizava dos livros, derivando a busca por livros didáticos do acervo pessoal da professora, na perspectiva de relacionar as práticas escolares com a abordagem teórica utilizada pela professora. Em entrevista a professora Noêmia, quando perguntada sobre quem indicava os livros da escola ela respondeu que era o pessoal do Instituto de Educação, lá em João Pessoa. “(...) vinha o nome dos livros que eram adotados naquele ano”.

Um dos livros utilizados pela professora era o de Antônio Trajano, Aritmética Elementar (figura abaixo).

Figura 13 - Capa e contra-capa do livro Aritmética Elementar





FONTE: Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Este livro é uma obra reconhecida nacionalmente e norteava os conteúdos de matemática para as escolas primárias do Brasil (Grupos Escolares). Começou a ser publicado no ano de 1879. Este exemplar é do ano de 1945 e da 119ª edição. Faz parte do acervo da professora Noêmia, que segundo ela era utilizado para as suas consultas quando da preparação das aulas, fato que pode evidenciar a preocupação da professora em estudar e consultar livros teóricos de orientação docente, em destaque à época. No livro “Aritmética Elementar” a professora encontrava uma proposta pedagógica que contemplava teoria e prática envolvendo os conteúdos de matemática que deviam ser estudados no curso primário.

Exemplificando, apresenta-se abaixo o índice do referido livro com a indicação dos conteúdos para as quatro primeiras séries do ensino primário e o 1º ano complementar.

Figura 14 - Índice do livro *Aritmética Elementar Ilustrada* de Antônio Trajano – 119ª edição, 1945.

ÍNDICE		ÍNDICE	
	Págs.		Págs.
Algarismos	5	Transformar frações decimais	
Definições	6	em ordinárias	71
Numeração	7	Transformar frações ordinárias	
Numeração das quantias ..	12	em decimais	72
Operações fundamentais ..	13	Adição decimal	73
Sinais aritméticos	13	Subtração decimal	73
Somar	16	Multiplicação decimal	74
Diminuir	23	Divisão decimal	75
Multiplicar	26	Sistema métrico	76
Dividir	33	Medidas métricas	77
Igualdade aritmética	41	Grandeza e divisões das medidas	
Propriedade dos números ..	42	métricas	78
Achar os números primos ..	42	Unidades monetárias	79
Divisibilidade dos números ..	43	Abreviaturas do sistema métrico	
Decomposição dos múltiplos	45	Operações com quantidades métricas	
Divisão por cancelamento ..	46	Reduções métricas	82
Máximo divisor comum ..	48	Medição com are	84
Mínimo múltiplo comum ..	48	Medição cúbica	88
Frações ordinárias	50	Números complexos	89
Frações próprias e impróprias	52	Reduções complexas	93
Dividendo menor que o divisor	53	Razões	100
Complemento do quociente ..	53	Proporções	100
Simplificação das frações ..	54	Regra de três simples	102
Extrair os inteiros de uma fração	55	Regra de três composta	105
Transformar números inteiros	56	Redução à unidade	105
ou mistos em frações		Falsa posição	106
Reduzir frações ao mínimo		Porcentagem	107
denominador comum	57	Juros	110
Somar frações	58	Abatimento e desconto	111
Subtrair frações	59	Média aritmética	112
Multiplicar frações	60	Divisão proporcional	112
Multiplicação cancelada	62	Mistura e liga	113
Dividir frações	63	Câmbio	114
Fração de fração	65	Câmbio sobre a Inglaterra	115
Frações decimais	68	Câmbio sobre Portugal	117
Reduzir decimais à mesma		Câmbio sobre os E. Unidos	118
denominação	70	Quadrados e cubos	119
Alteração no valor dos números		Extração da raiz quadrada	120
decimais	70	Extração da raiz cúbica	121
		Análise aritmética	122
		Solução analítica	123

FONTE: Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Ao analisar os materiais didáticos utilizados pela professora Noêmia Viana Campos, constatou-se que os conteúdos de matemática eram selecionados por série, o que informa a organização escolar graduada, regulamentada para a escolarização dos grupos.

Nos cadernos escolares produzidos pela antiga professora Noêmia, onde ela registrava os conteúdos das aulas, identificou-se que ela utilizava um único caderno para todas as disciplinas. Por outro lado, o aluno também possuía um único caderno para todas as disciplinas e todo o ano de estudo. De forma que só quando usasse o caderno por inteiro, é que o aluno começaria a utilizar o outro caderno.

Esta é uma prática escolar culturalmente conhecida que se encontra indicada

nos estudos de Mignot (2008). Sabe-se que no curso primário os alunos utilizavam um único caderno para todas as atividades, com exceção do caderno de caligrafia e de desenho. Neste sentido, pode-se inferir que a cultura escolar de uso de um único caderno para o aluno registrar todas as matérias naquela época servia como instrumento de controle sobre o que o professor ensinava e o que o aluno aprendia e como objetos de vigilância do diretor da escola e do inspetor de ensino. Conforme menciona Mignot (2008).

O caderno será, então, um dos companheiros do discente: organizando o capricho ou, pelo contrário, sujeitando-se às desorganizações do principiante, ele guardará as anotações do dia a dia na sala de aula, refletindo, de algum modo, os estilos de trabalho do professor (MIGNOT, 2008, p.9).

Sobre o uso de um único caderno escolar para o aluno, Hébrard (2000) também diz o seguinte:

Ter vários cadernos na escola primária um para cada matéria é dispersar a atenção tanto do aluno como do professor, ou mais ainda, das pessoas encarregadas da supervisão do trabalho dos dois protagonistas da escolarização: a família, para o aluno, e o inspetor para o professor. Sabendo que existe um registro, no qual o professor anota suas atividades, o caderno único parece o meio ideal de controlar o trabalho efetuado pelo professor sobre cada trabalho de aluno (HÉBRARD, 2000, p.29).

Ao mesmo tempo em que serviria como controle das atividades executadas pelos alunos, informaria sobre os conteúdos ministrados pelo professor. A este disciplinamento através dos cadernos inclui-se a indicação das datas de aula, tornando-se um hábito a indicação de datas (dia, mês e ano) nos cabeçalhos dos materiais dos alunos por ano escolar. Entretanto, em muitos cadernos da professora Noêmia não havia referências às datas por seu conteúdo ser utilizado em diferentes anos e turmas.

Havia, ainda, a preocupação com o tempo escolar reservado às aulas por matérias, conforme está prescrito no horário da professora.

Neste horário manuscrito (abaixo) apresenta-se a divisão de trabalho escolar do segundo ano primário por dia de aulas e por disciplinas. O horário mostra que o Grupo Escolar funcionava de terça-feira ao sábado, uma vez que a segunda-feira era dia da Feira da cidade. Percebe-se uma intrínseca relação social entre o tempo destinava ao trabalho e o tempo de escola.

Figura 15 - Horário de aulas semanal

<i>Horário</i> 3^a Português, História do Brasil, Leitura, Ditado, Exercícios. 4^a Matemática, Geografia, Ditado, Problemas 5^a Português, Leitura, Ditado, H. do Brasil, Ciências, Exercícios 6^a Matemática, Geografia, Problemas, Exercícios Sábado Português, Matemática, H. do Brasil, Leitura, Exercícios Noêmia Noêmia	Horário 3^a Português, História do Brasil, Leitura, Ditado, Exercícios. 4^a Matemática, Geografia, Ditado, Problemas 5^a Português, Leitura, Ditado, H. do Brasil, Ciências, Exercícios. 6^a Matemática, Geografia, Problemas, Exercício. Sábado Português, Matemática, H. do Brasil, Leitura, Exercício. Noêmia
--	--

FONTE: Caderno nº 5, p.01. Acervo da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese

Neste horário escolar semanal é possível visualizar uma harmonização entre os “dias da escola” com os dias da vida social e econômica da cidade, uma vez que a escola não estaria aberta nos dias de feira da cidade. A feira, então, se traduz em festa e trabalho para o povo das pequenas cidades. Transformam-se em festa porque as pessoas dos lugarejos e sítios próximos chegam à cidade muito cedo, tornando o espaço urbano bem mais movimentado. Os dias de feira se caracterizam, portanto, como dias de encontro entre os parentes, antigos vizinhos e compadres e comadres, e tornam-se dias de trabalho porque envolve toda a família que tanto compra, troca e vende mercadorias.

Figura 16 - Divisão de disciplinas por carga horária

<i>Horário</i> Terças: 1 hora Matemática, 2 horas Geografia, 3 horas Português Quarta: 1 hora Matemática, 2 horas Ciências, 3 horas Trabalhos manuais Quinta: 1 hora Trabalhos manuais, 2 horas Geografia, 3 horas Português Sexta: 1 hora matemática, 2 horas Trabalhos manuais, 3 horas ciências. Sábado: 1 hora ciências, 2 horas Geografia, 3 horas Português	Horário Terças: 1 hora Matemática, 2 horas geografia, 3 horas Português Quarta – 1 hora Matemática, 2 horas Ciências, 3 horas trabalhos manuais Quinta – 1 hora Trabalho manuais, 2 horas Geografia, 3 horas Português Sexta – 1 hora matemática, 2 horas trabalhos manuais, 3 horas ciências. Sábado – 1 hora ciência, 2 horas Geografia, 3 horas Português
---	---

FONTE: Caderno nº 03.p.20.1952. Acervo da professora Noêmia V. Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Este horário (apresentado acima) registra não apenas os dias de aulas da semana, mas também algo muito importante que é o momento a que se destina cada disciplina percebendo-se que em três dias da semana a primeira hora destina-se ao estudo da matemática.

Em um dos cadernos escolares da professora Noêmia encontrou-se um horário semanal das suas aulas que confirma o que disse em entrevista a professora Mirtes:

Eu fazia o programa para a semana, tantas aulas para matemática, tantas para português. Para todas as matérias eu dava a mesma quantidade de aulas para português e matemática, as outras matérias não, eram menos.

Em relação a esta fala da professora sobre as matérias do curso primário observou-se uma prática comum das professoras em relação ao currículo, no que diz respeito à carga-horária. Em todas as falas das professoras entrevistadas há uma recorrência, em relação ao ensino de matemática, considerada como a matéria mais difícil e a que os alunos não sabem e não aprendem, sendo necessária uma carga horária diferenciada.

Em outro momento de entrevista se perguntou a professora Noêmia: O que a senhora acha sobre os Deveres de Casa para os alunos? Ela respondeu:

Eu acho que o Dever de Casa é muito instrutivo porque do contrário o aluno ficaria sem ter ocupação. Hoje eu admiro muito um aluno quando chega da aula, que passa à tarde, menino você não trouxe dever de casa para fazer não? Aí ele respondia “não eu fiz na escola, eu fiz”. Não vai passar aquilo que você aprendeu, ler novamente, estudar, ver aquele ponto do contrário num dá certo (Dados da pesquisadora em entrevista à professora Noêmia em setembro, de 2010).

A pesquisadora perguntou o que é ler o ponto? A professora Noêmia respondeu: *“[...] O ponto era, por exemplo, sobre a História do Brasil, começava do Descobrimento do Brasil [...] aí o ponto hoje já era o Descobrimento da América, aí era o ponto [...]”*.

A expressão “ler o ponto” como disse a professora significa estudar as lições. Esta indicação de leitura é identificada nas páginas dos cadernos, quando a professora escreve os exercícios no caderno ela sempre remete o aluno às páginas de livros que provavelmente devem ser livros dos alunos.

A professora Noêmia ao responder que os deveres de casa para os alunos são instrutivos, pois eles não ficariam sem ocupação, sinaliza para uma atitude do

ensino tradicional. A tarefa de casa para o aluno teria que ter o sentido de continuidade da aprendizagem realizada na escola e não como uma atividade para ocupar a criança em casa. De acordo com Fraga (1988):

A palavra “dever” era atribuída a qualquer tarefa, fosse desenho, problemas, ou outro exercício escrito feito em aula ou em casa. “Dever de casa” – esta expressão era escrita comumente no quadro e usada em frases como – já acabaram o dever das contas? – Por que você não fez o dever de casa? Algumas vezes substituíam “dever” por “trabalho”. “Olha o seu trabalho deixa o do outro. “O dever ou “deverzinho” de casa era diário, sempre escrito, e em matemática restringia-se ao preenchimento de lacunas ou colocação de resultados dentro de um espaço indicado por uma figura (FRAGA, 1988, p.23).

Na mesma entrevista em relação às provas, a pesquisadora perguntou: Como que eram as provas? E como fazia para avaliar os alunos?

Noêmia: Dependia num é? A gente fazia a prova incluía português, matemática e as outras matérias: história, geografia, ciências naturais continuando, perguntou-se a professora como ela fazia para os alunos compreenderem a prova.

Você lia as provas para eles, ou eles liam sozinhos?

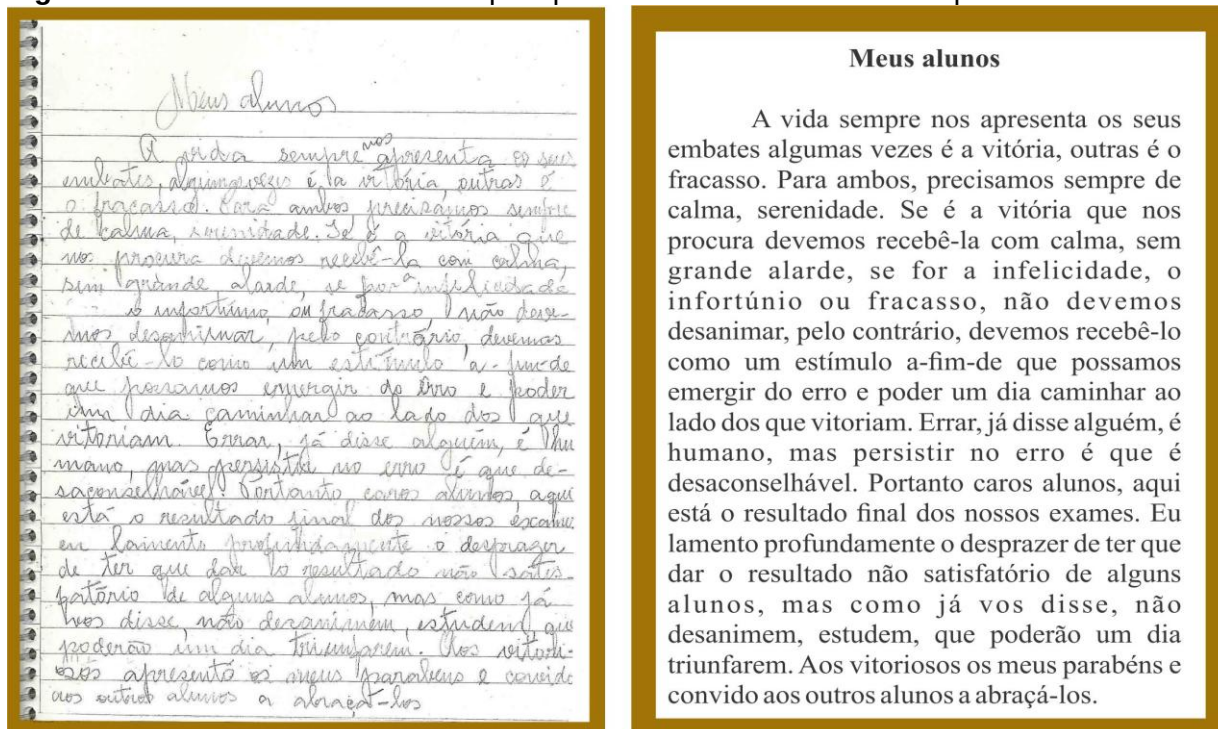
Noêmia: Durante... Por exemplo, a prova era realizada no fim do mês, durante a semana a gente fazia uma revisão em classe do que a gente tinha passado desde o começo do mês. Entendi. Falando com pergunta, com resposta e mandando reproduzir, por exemplo, um problema, a gente mandava reproduzir, ninguém dizia que era prova não, mas a gente dava essa dica porque quando chegava o dia da prova o aluno estava mais ou menos consciente do que ele ia fazer o que ele estudou no mês o que a gente passou na semana.

Nesta questão, a professora comenta sobre a revisão do conteúdo antes da prova, demonstrando preocupação com a aprendizagem.

Na carta, abaixo, a professora dirige-se aos seus alunos se solidarizando com aqueles que não foram aprovados. Identificou-se, nessa carta, uma atitude que reflete uma postura da educadora de compromisso com o ensino e a aprendizagem verificando-se que no momento da avaliação dos alunos, ela deu indícios metodológicos que se contrapunham, de certa maneira, aos modos disciplinares e punitivos da época.

Este fato pode se destacar como uma demonstração de que na sala de aula o professor e o aluno rompem em seu cotidiano com as amarras das normas e ordens da educação proposta em Lei.

Figura 17 - Carta aos alunos escrita pela professora Noêmia Viana Campos



FONTE: Caderno nº 02.p. 33. Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Ela lembrou que era bastante exigente com seus alunos, mas sabia valorizar aqueles que eram dedicados. Uma prática comum era o estímulo e incentivo que dava aos que tinham dificuldades, mostrando a necessidade do estudo para um dia serem vencedores e úteis. Em um de seus cadernos, Noêmia escreveu uma carta aos alunos muito interessante em que os motiva por não terem conseguido aprovação.

Sobre a situação de alunos reprovados e o disciplinamento dos mesmos a professora explica que: Os alunos conversavam muito?

Noêmia: Não. Meus alunos não falavam, eu sempre mantive a disciplina, quando queria que os alunos ficassem calados, não precisava chamar a diretora. Quando os alunos começavam a fazer barulho eu passava um trabalho que prendia a atenção deles, como por exemplo, de adição, cópia, ditado, então eles se acalmavam. Era exigente com português e matemática, gostava que decorassem a tabuada. A tabuada se dava mais nas primeiras séries, mas quando chegava na 5ª série, ninguém dava mais tabuada, pois todo mundo já sabia, era perguntada, oral. Se perguntasse a um aluno e ele não soubesse passava adiante.

Sobre a disciplina escolar da época, a professora Divanira Arcoverde explica:

A disciplina da época era tão forte [...] tocou duas vezes, na terceira vez não podia mais sair da fila para ir ao banheiro, então era uma disciplina muito rígida [...] não só no Vidal, mas era o modelo de disciplina das escolas". (Entrevista prof^a. Divanira Arcoverde, agosto – 2011).

Assim, quando a pesquisadora perguntou: Como você ensinava a tabuada?

Noêmia: Perguntando. Era oral. Assim, perguntava: 5×7 , 6×8 para o aluno responder se não sabia passava adiante para outro, até responder. Depois a gente ensinava problemas, se passava no quadro. Eu gostava muito de fazer isso, depois eu mandava um menino daquele que eu sabia que era mais inteligente ler o problema e dizer como se faz. Ele dizia primeiro faz assim, e os outros continuavam e acertavam o problema.

Na figura abaixo ilustra-se uma tabuada utilizada à época intitulada Ensino prático para aprender tabuada.

Figura 18 - Tabuada



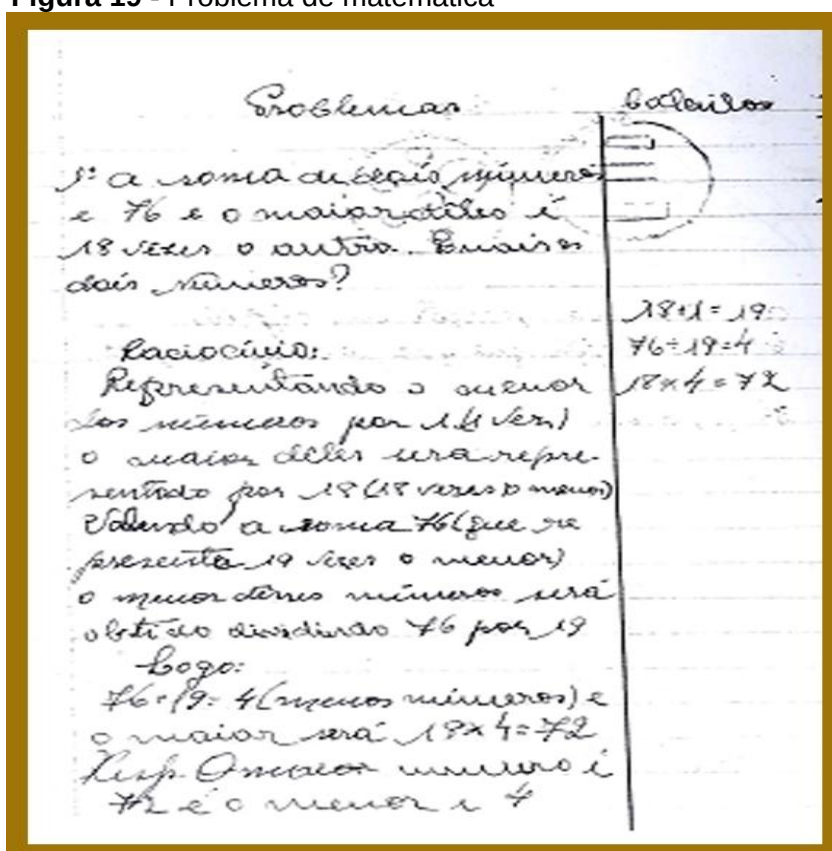
FONTE: SILVA, E. M. Disponível em acervo digital desta tese.

Nas narrativas das professoras e nas atividades escolares expostas nos cadernos é tão intensa as discussões e as ações sobre a forma de ensinar e aprender a tabuada que uma pergunta foi inevitável: por que tanta ênfase no ensino e aprendizagem da tabuada na escolarização primária? Uma questão pode ser inferida “o aluno ao terminar o curso primário um indicador de que estava preparado para o exame de admissão e dar continuidade aos estudos de matemática era saber a tabuada de somar multiplicar diminuir e dividir” (grifos meus). Caso contrário, teria

muitas dificuldades em matemática e esta situação de aprendizagem do aluno era atribuída como de responsabilidade do professor ou da professora primária.

A tabuada era uma espécie de livro imprescindível para os alunos do curso primário e com eles atravessava todo o curso. Uma questão no ensino de matemática, como nas outras disciplinas, que não pode deixar de ser focada, é na verdade a maneira pedagógica do professor ensinar a tabuada aos alunos por meio da oralidade e da memorização procedimentos que os estudos apontam não garantiam a compreensão efetiva das operações básicas da aritmética.

Figura 19 - Problema de matemática



FONTE: Caderno nº 05.p. 21. Acervo particular da professora Noêmia Viana Campos. Disponível em acervo digital desta tese.

Em todos os cadernos da professora Noêmia que foram analisados, dentre os exercícios de aritmética encontram-se uma quantidade significativa de problemas contextualizados como atividades a serem resolvidas pelos alunos. O problema acima encontra-se, destacado dos cadernos da professora Noêmia, em especial está restrito a verificar o nível de aprendizagem explorando os aspectos teóricos que envolvem os conceitos de operações básicas da aritmética. Apresenta-se resolvido, conforme observa-se na figura e confirma a recorrência desse tipo de procedimento

didático-pedagógico da professora, fato encontrado em todos os demais cadernos escolares. Como procedimento didático a resolução de problemas, que deve ser resolvido pelo aluno, possibilita construir um conhecimento detalhado dos conceitos e operações envolvidas no processo de resolução, de modo que facilita e enriquece o processo de avaliação e correção de possíveis dificuldades de aprendizagem dos alunos.

As atividades preparadas pelo professor primário destinavam-se ao ensino de uma turma envolvendo as disciplinas de português, matemática e estudos sociais, com um número baixo de alunos. Na turma da professora Noêmia encontravam-se matriculados doze alunos anualmente. Com este número de alunos o professor trabalhava o ano inteiro tendo oportunidade de conduzi-los a aprendizagens.

Em linhas gerais, a análise realizada nos cadernos e livros da professora Noêmia, corroborada pelas memórias do tempo de atuação no GEVN, possibilitaram compreender o modelo de ensino adotado entre as décadas de 1940 a 1960. Eram, em sua maioria, atividades voltadas para a memorização e a cópia. As atividades de tabuada eram avaliadas por arguição devendo o aluno responder prontamente aos questionamentos da professora. Da mesma forma, os problemas matemáticos envolviam atividades relacionadas ao cotidiano dos alunos.

A proposta de análise dos materiais didáticos da professora Noêmia, a partir de seus cadernos, indicou uma forma alternativa de conhecer as práticas pedagógicas de outras épocas, contribuindo para a compreensão da escola e da sala de aula nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empreendida nesta tese objetivou analisar o modelo de ensino no GEVN a partir dos cadernos escolares de uma professora e das narrativas de outros depoentes, alcançando assim o conhecimento sobre a institucionalização da escola primária a partir da criação dos grupos escolares desde a sua infraestrutura como modelo de escola pública com a presença do Estado que exigia para o funcionamento dos grupos estruturas físicas específicas e apropriadas como monumento de “uma escola” até a organização pedagógica definida por um sistema nacional de ensino.

A partir da análise dos documentos das depoentes nesta pesquisa e por meio de suas memórias e narrativas foi possível traçar a estrutura cultural organizativa e a participação dos sujeitos no modelo de escola que se instituía nos grupos escolares, aqui identificados como gênese da escola primária.

As narrativas e os cadernos da professora Noêmia enquanto registros de planos de aula e de atividades de estudo contribuíram para o entendimento de um modelo de ensino como cultura escolar do GEVN a partir do “interior” da sala de aula distintos do normatizado pelas normas regidas pelo sistema de ensino.

A análise trilhou por dois percursos, estes apontados como sendo de fora e de dentro da escola. Fora da escola é entendido quando se apreende as informações obtidas no intuito de compreender como e por que os grupos foram criados. Esses dados foram obtidos por meio dos registros como os decretos, leis, relatórios, reformas e mensagens dos presidentes. Enfim, todos os documentos oficiais que estabeleciam a criação, a estrutura, os novos atores e o seu funcionamento. Outro percurso, dentro da escola se dá ao buscar compreender as práticas escolares por meio dos registros, cadernos escolares, livros didáticos, horários, formas de avaliação e algumas outras que sinalizaram as próprias práticas dos atores envolvidos na produção do fazer do dia a dia dos grupos escolares.

Os dois percursos possibilitaram informar sobre o objeto de estudo proposto. De fora da escola, os estudos não permitiram por meio dos documentos dos sujeitos constituídos se conhecer o que na verdade se praticava nas múltiplas realidades que se colocavam para o estabelecimento dos grupos, mesmo que se tratasse de uma política de educação para dentro de um Sistema Nacional de Ensino, identidade que tentava homogeneizar e regular o modelo de escola. No entanto, estudar sob esse

ponto de vista foi muito importante, pois contribuiu para se comparar e melhor se identificar o que a legislação impunha para esse novo fazer escolar e o que era praticado, o que pode ser feito de forma indiciária da própria prática exercida no interior da sala de aula, o que permitiu a pesquisadora apreender a contraposição entre o que era praticado com o que se esperava que fosse praticado.

Este processo de conhecimento foi muito forte, à medida que se entendeu que ao estudar e tentar compreender o processo de ensino e aprendizagem se extrapolava o entendimento apenas de conhecer as práticas em relação às normas, mas, na verdade, propiciou a esta pesquisadora um conhecimento da realidade escolar a partir de sua própria lógica com suas especificidades que, de certa forma, pode-se afirmar, que o que se praticava no dia a dia dos grupos escolares era muito mais do que o cumprimento ou descumprimento das normas estabelecidas. Enfim, apreender o conhecimento da cultura dos grupos escolares numa determinada época foi muito importante porque conduziu a pesquisadora identificar a complexidade e a dinamicidade das relações implícitas para o entendimento contemporâneo sobre a escola e as suas dinâmicas de organização interna. Isto porque a formulação do conhecimento a que se chegou com este trabalho foi a de que a implantação dos grupos escolares e, em estudo o GEVN, se configurou em um momento historicamente determinado, identificando-se com as mais diversas formas de se apresentar a sociedade em seus aspectos culturais precisamente de sua estrutura, seus atores e as condições socioeconômicas diversas encontradas em cada recanto do estado da Paraíba.

Ressaltou-se, ao longo da tese, o entendimento de que o GEVN no momento de criação, tanto resultou do cumprimento das normas de implantação de um Sistema Nacional de Ensino, quanto das práticas realizadas em sala de aula, e no cotidiano interno escolar. Este estudo sobre os grupos escolares pode ser relacionado a outras formas de organização escolar, como referência para o conhecimento das políticas de educação primária no Brasil.

Para o entendimento da implantação de reformas de um modelo de educação em um país como o Brasil, levou-se em conta duas questões importantes. A primeira refere-se a cultura de importação de modelos de educação que, via de regra, serve para atender aos interesses políticos vigentes. A segunda questão, decorrente da primeira, é que o Brasil é um país de dimensão continental e, por isso, enfrenta diferenças regionais gritantes que separam os estados pelas políticas econômicas e

sociais refletindo nas desigualdades regionais.

Por fim, dentre as análises realizadas, destacou-se, que o entrelaçamento entre a história de vida, a formação e trajetória profissional da professora contribuíram para compor as análises dos materiais que informaram sobre o modelo de ensino no GEVN entre as décadas de 1940 a 1960. Analisar os materiais didáticos da professora Noêmia configurou-se como uma forma alternativa de conhecer as práticas pedagógicas de outras épocas, contribuindo para a compreensão da escola e da sala de aula nos dias atuais. Foi possível estabelecer uma relação entre os processos de formação de professores e os conteúdos pedagógicos com a realidade dos alunos, ainda que a escola estivesse longe do seu processo de democratização do acesso.

De fato, a realização desta pesquisa contribuiu, sobremaneira, para repensar os processos educacionais de outras épocas que ainda permanecem como modelos nas escolas de hoje. Há que se destacar a questão do disciplinamento dos alunos, através de atividades de cópia e a aprendizagem sem o referencial de criticidade para o almejado parâmetro de uma escola cidadã e igualitária, ao mesmo tempo, em que respeite a diversidade própria da população brasileira.

O estudo sobre ensino no GEVN entre as décadas de 1940 a 1960 forneceu pistas sobre um período de efervescência da educação brasileira com a implantação da política relacionada à criação dos grupos escolares. Informou sobre a Educação Pública Primária com as possibilidades que inaugurou para a educação das massas no Brasil.

Os resultados apresentados nesta tese, servem de arcabouço para futuros profissionais que busquem compreender os processos educacionais relacionados aos grupos escolares, em destaque, o entrelaçamento entre as trajetórias pessoal e profissional de professores com a história dos grupos, qual foi a utilização das memórias e acervo da professora Noêmia.

Post script

Trajetória acadêmico-profissional e inserções político-sociais

As inquietações iniciais que traduziram o projeto apresentado para cursar o doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Programa Interinstitucional DINTER/UEPB/UEFS procuravam respostas para os diferentes confrontos entre teoria - prática e de maneira bem especial, a resistência da prática, tantas vezes postas, em relação às formulações e preceitos teóricos que se insurgiam. Por oportuno, esclarecemos que pela personalidade própria deste tecido texto, optamos por escrevê-lo em 1ª pessoa do plural.

De fato, apresentar esta tese nos colocando como docente e pesquisadora foi uma tarefa desafiadora, pois esse olhar para trás significou não apenas rever esse percurso, mas procurar entender o porquê de tantas ausências teóricas trilhadas de “ativismo docente” ao longo de alguns anos. Nesse momento, tem-se como pressuposto que os saberes produzidos nessa trajetória de estudos e pesquisa se configura como produtos que, por potencializarem a nossa formação nos desafiam, a refletir sobre uma caminhada profissional que não se resume em responder como se chegou aqui, mas implica apreender os sentidos e significados vividos em toda trilha percorrida.

Entendendo um doutoramento não apenas pelo que parece representar em um primeiro momento que é a obtenção de um título, mas essencialmente pelo que pode significar e se tornar reflexivo sobre o que foi pesquisado e sobre quem pesquisou, o nosso trabalho pretendeu apresentar reflexões desveladas tanto sobre o que foi pesquisado, como também sobre a pesquisadora e sua relação com a Escola Primária e os Grupos Escolares.

Assim, nossa experiência docente têm raízes em escolas isoladas, quando contratada, como professora, pela primeira vez, aos dezessete anos, pela Prefeitura Municipal de Bayeux, para ensinar a uma turma de crianças em um salão da igreja paroquial. Nesta época, cursava a antiga 7ª série ginasial. Ao concluir o curso científico no Liceu Paraibano vimos residir em Campina Grande onde prestamos concurso vestibular na URNe (Universidade Regional do Nordeste) tendo sido aprovada para o curso de Letras, opção que nos levou a retomar as experiências

de sala de aula em escolas particulares da cidade de Campina Grande e a convite da professora de prática de ensino fomos contratada para ensinar na Escola Integrada da FURNe/URNe, em séries de 1º e 2º graus (nomenclaturas da época).

As experiências de estudante universitária e de professora aos poucos iam nos permitindo pensar sobre a prática docente que se limitava a cumprir os conteúdos de língua portuguesa declinados para cada série e manter “a disciplina” nas turmas como as normas das escolas exigiam. Em 1985, o reitor da URNe à época, fechou a Escola Integrada, recolocando os professores nos cursos e áreas afins nos respectivos departamentos e cursos da Universidade. Este momento de entrada no quadro de professores da Instituição de Ensino Superior, nos proporcionou fortemente ao estudo e ao exercício de leituras mais densas sobre o ensino e a formação docente.

A prática docente, agora desafiante, por representar uma experiência com a formação de professores, nos instigou a fazer um curso de especialização na própria universidade que aos poucos começava a se preocupar com a formação dos professores. Conclui a especialização e anos depois fiz mestrado em educação.

Com o advento da estadualização em 1987, a URNe passou a denominar-se Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) criando outros “ares” para a Instituição, que aos poucos, vai avançando essencialmente a partir da inserção de professores, organizados em sua entidade de classe. A partir de então, o movimento sindical se fortaleceu com a articulação e atuação de docentes com bases políticas orgânicas que vão se sucedendo à frente da entidade. Movimento que nos integramos, inclusive, conduzindo a entidade, como presidente, por um mandato de 2 (dois) anos.

No início dos anos de 1990, um companheiro do sindicato compõe a chapa do reitorado, na condição de vice-reitor, participando de duas eleições seguidas, para dois períodos. Naquele instante, já se desenhava no seio dos professores mais presentes e combativos do sindicato, um projeto de Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade que vai tomando corpo de forma tímida, pela condição de coadjuvantes da administração, mas de muita importância para a construção do projeto de universidade idealizado pelos professores. Assim, com o referendo da comunidade universitária vencemos as eleições para a reitoria da UEPB, para o quadriênio 2004-2008, sucedendo-se para o período subsequente (2008 - 2012) sob a administração comprometida e exitosa da professora Marlene Alves Sousa Luna.

Por toda esta memória, quando da possibilidade de cursar o doutorado propomos estudar uma temática que tivesse relação estreita com as nossas raízes de vida profissional. Desta forma, decidimos pesquisar sobre as questões cruciais da Escola Primária, da Escolarização Primeira porque consideramos a mais negligenciada pelos poderes públicos educacionais do país. Esta decisão possibilitou que mesmo com todos os desafios postos, não conseguíssemos nos distanciar das questões voltadas para a história da Escola Primária que até hoje sobrevive com dificuldades, não suficientemente reveladas, mas recorrentemente sentidas porque são os pilares de qualquer formação.

Nesse sentido, manter a minha proposição de pesquisa foi muito difícil, as questões a princípio tinham uma conotação muito ampla, o universo a ser pesquisado dista de nosso tempo mais de 50 (cinquenta anos), a problemática não se tornava clara, a ausência dos documentos era uma certeza, os sujeitos não estão vivos. Enfim, tudo isso nos permitiu reformular os objetivos, mas mantivemos o objeto de estudo.

Esse movimento de incertezas nos cercou de leituras e releituras da literatura pertinente que, aos poucos, suscitavam respostas sobre o universo de conflito em torno das palavras – chave: estudo de caso, o grupo escolar Vidal de Negreiros, a história oral, a análise de conteúdo, os documentos, os participantes, a professora em sala de aula, os cadernos escolares, a formação e as experiências de magistério da professora Noêmia Campos, as análises dos cadernos escolares, enfim referências à escola de um tempo distante, que sem dúvida me fascina até hoje.

Nesse contexto, consideramos que a nossa prática de ensino incluindo as experiências da universidade constituíram-se em pilares que alicerçaram a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALMEIDA, J. S. de. **Mulheres na escola**: algumas reflexões sobre o magistério feminino. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, nº 76, fevereiro, 1996.
- ANÍSIO (Mons.) P. **Tratado de Pedagogia**: para uso das faculdades de filosofia, das escolas de professores e institutos de educação. 4.ed., Rio de Janeiro: Organização Simões Ltda, 1955. (Coleção Padre Nóbrega, 13) .
- _____. **Compêndio de pedologia e pedagogia experimental**: destinado às escolas normais. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC, 1937.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1987.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOLÍVAR, A. (Org.) **Profissão professor**: o itinerário profissional e a construção da escola. Bauru: EDUSC, 2002.
- CARDOSO, C. A. de A.; KULESZA, W. A. Escola e Modernidade na Paraíba (1910-1963). In: **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação**. Comunicação Coordenada (Eixo 4). Processo de escolarização e Modernidade. Curitiba (PR): Universidade Católica do Paraná – PUCP, 2004.
- CASTELLANOS, S. L. V. **Práticas de Leitura no Maranhão na Primeira República**: entre apropriações e representações. 98p.Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luiz. 2007.
- CHARTIER, R. (org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: Teoria e Educação, nº 2, Porto Alegre, 1990.
- CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1989.
- CARAÇA, B. de J. **Conceitos fundamentais da matemática**. 9.ed. Lisboa: Sá da Costa Editores, 1989.
- D'AMBROSIO, U. **Educação matemática**: Da teoria à prática. São Paulo: Papirus, 2003.

FARIA FILHO, L. M. de. **Dos pardieiros aos palácios:** cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UPF, 2000.

_____. **O processo de escolarização em Minas Gerais:** questões teórico-metodológicas e perspectivas de análise. In: VEIGA, C.G.; FONSECA, T. de L. (Orgs). História e historiografia da educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica/CNPQ, 2003.

FERREIRA, M. O. V; FISCHER. B.T. D; PERES. L.M.V. **Memórias Docentes:** abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikos, Brasília: Liber Livro, 2009.

FERREIRA, M. C. **A Ciência Brasileira:** breve contribuição para a sua história. São Paulo: Edicon, 1992.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRAGA, M. L. **A matemática na escola primária:** uma observação do cotidiano. São Paulo. EPU, 1988.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FRAGO, A.V. História de La educación e história cultural. In. **Revista Brasileira de educação**, São Paulo, n.0, set/dez.1995.

_____. **Culturas escolares, reformas e innovaciones:** entre La tradición y El cambio. (texto divulgado pelo autor e ainda não publicado), 2000.

_____. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **História da Educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONZALEZ, F. E. **Paradigmas em la enseñanzas de la mathematics:** fundamentos epistemológicos y psicológicos. Caracas: FEDUPEL, 1997.

GOODSON, I. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de Professores.** 2.ed. Porto, 1995.

GOMES, C. A escola de qualidade para todos. In: **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 48, jul-set. 2005.

GVIRTZ, S. **Del curriculum prescriptoal curriculum ensenado uma mirada a loscuadernos de clase**. Buenos Aires: Aique, 1997.

GONÇALVES, Rita de C. P. **Arquitetura escolar**: a essência aparece. Fábrica e escola confundem-se no desenho da Polivalente. 85f. (Dissertação de mestrado, Programa de Pós- graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das Escritas Ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A. C. V., BASTOS, M. H. C e CUNHA, M. T. S; (orgs). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso: 15 jul. 2012.

JULIA, D. A cultura como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, nº 1, 2001.

LIMA TORRES, L. Cultura organizacional no contexto escolar: o regresso à escola como desafio na reconstrução de um modelo teórico. In: **Ensaio**: aval. Público. Educ., Rio de Janeiro, v. 13, n. 49, out./dez. 2005.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A.; **A Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, J.B. **A evolução do Ensino na Paraíba**. João Pessoa: Imprensa Oficial João Pessoa, 1956. (Coleção Arquivos Paraibanos).

MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

PEREZ GOMÉZ. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

PESSOA, A. E da S. Vidal De Negreiros: Um Homem do Atlântico no Século XVII. In: **ANPUH – XXV – Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0619.pdf>. Acesso em 06 abr. 2011.

PINHEIRO, A. C. F. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002. (Coleção educação contemporânea).

REIS FILHO, C. dos. **A educação e a ilusão liberal: origens da escola pública paulista**. Campina: Autores Associados, 1995. (coleção memória da educação).

ROCHA, D. M. **O Liceu Paraibano e a Modernização do Espaço Urbano**. João Pessoa: UFPB, 2006.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SAVIANI, D. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11.ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SCHAFFRATH, M. dos A. S. O uso das fontes na pesquisa historiográfica: questões metodológicas iniciais. In: **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, n.2, 2006.

SCHIMIDT, L. M. **A instituição escola numa perspectiva de renovação**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação. 92f. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

SILVA, E. de M. Grupo Escolar Thomaz Mindello – Estado da Paraíba: Resgate histórico. In: **IV Encontro Estadual de História – ANPUH – BA**. História: Sujeitos, saberes e práticas. Vitória da Conquista – BA. 2008. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/anais_eletronicos/Eliane%20de%20Moura%20Silva.pdf. Acesso em: 08 set. 2010.

SILVA, C. P. da **A Matemática no Brasil**. História do seu Desenvolvimento. São Paulo: Edgard Blucher, 2003.

SOBRINHO. P. J. **Cuité - Terra Nossa**. Gráfica Fênix. João Pessoa. 2001.

SOUZA, R. F. de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada. São Paulo, UNESP, 1998.

_____. **Cuité em detalhes** (Documentário). 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências**. Disponível em <https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/PPGEFHC/LinhaspesquisaPpgefhc>. Acesso em 8 dez. 2011.

VALENTE, W.R. **Uma história da Educação matemática no Brasil**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999.

VASCONCELLOS, M. D. O trabalho pedagógico na construção social da excelência escolar. In. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, nº 97, 2006.

VIDAL, D.G. **Culturas escolares**: Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola república primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas – São Paulo: Autores Associados, Coleção Memória da Educação, 2005.

_____. **Grupos escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado das Letras, 2006.

APÊNDICE 1
Material Didático do ensino da Matemática utilizado pelos alunos

Título	Autor	Edição	Local	Editora	Ano
Meus Deveres: Exercícios e Testes Escolares	Filgueira Sampaio	5	***	Editora do Brasil	1956
Meus Deveres: Exercícios e Testes Escolares	Filgueira Sampaio	8	***	Editora do Brasil	1960
Cálculos Graduados: Adição I – 1º Ano	Irene de Albuquerque	***	***	Conquista	***
Cálculos Graduados: Divisão I - 2º ano	Irene de Albuquerque; Cosette de Albuquerque	***	***	Conquista	***
Cálculos Graduados: Multiplicação II - 2º Ano	Irene de Albuquerque; Cosette de Albuquerque	***	***	Conquista	***
Testes para o Curso Primário - 3ª Série	Irene de Albuquerque	***	***	Conquista	***
Nossa Vendinha – 2º grau	Caio de Figueiredo Silva	14	***	Editora do Brasil	***
Nossa Vendinha – 3º grau	Caio de Figueiredo Silva	13	***	Editora do Brasil	***
Meu Caderno de Matemática - Primeiro Ano Primário	SuelyAveline	***	Porto Alegre	Globo	1954
Meu Caderno de Matemática – Segundo Ano Primário	SuelyAveline	***	Porto Alegre	Globo	1954
Meu caderno de Matemática - Terceiro Ano Primário	SuelyAveline	***	Porto Alegre	Globo	1954
Meu Caderno de Matemática - Terceiro Ano Primário	SuelyAveline	***	Porto Alegre	Globo	1953
Meus Exercícios	Helena Lopes Abranches; Esther Pires Salgado	6	Rio de Janeiro	Companhia Brasileira de Artes Gráficas	1957

Exercícios de Linguagem e Matemática	Theobaldo Miranda Santos	6	Rio de Janeiro	Agir	1956
---	--------------------------	---	----------------	------	------

FONTE: Material didático coletado nos arquivos da professora Noêmia Campos - Grupo Escolar Vidal de Negreiros – década de 1940.

APÊNDICE 2

Material didático de formação e apoio a prática do professor do Grupo Escolar Vidal de Negreiros – 1943

Título	Autor	Edição	Local	Editora	Ano
Arithmetica Intuitiva	Olavo Freire	4	***	Livraria Francisco Alves	1907
Aritmética Elementar Ilustrada	Antônio Trajano	122	***	Livraria Francisco Alves	1948
Aritmética Primária	Antônio Trajano	118	***	Livraria Francisco Alves	1947
O Ensino Primário através da Metodologia	Jarbas Rezende	***	Leopoldina	Gráfica Guimarães	***
Primeiros Passos na Matemática	Célia Côrtes Abdon	***	Rio de Janeiro	Conquista	1954

FONTE: Material didático coletado nos arquivos da professora Noêmia Campos - Grupo Escolar Vidal de Negreiros – década de 1940.

APÊNDICE 3

Material utilizado pelos professores

TÍTULO	AUTOR	SÉRIE	CONTEÚDO
O Ensino Primário através da Metodologia	Jarbas Resende	1º e 2º anos	O ensino primário através da metodologia está dividido e subdividido em: ❖ O Ensino de Leitura no 1º Ano: • O ensino de leitura; • Sugestões; • Cartaz; • Apresentação do cartaz; ❖ Língua Pátria no Curso Primário: • Língua Pátria; • Desenvolvimento da linguagem no 1º ano primário; • Composições nos 1º e 2º anos; • Composições nos 3º e 4º anos; • Ditado; • Ortografia; ❖ Ciências Naturais 1º e 2º Anos: • Introdução; • Os animais domésticos; • Chuvas; • Dia chuvoso; • Hábitos nos dias chuvosos; • Defesa dos animais; • Tempestades • O pára-raio; • Nuvens; • Observações; • Sugestões; • Plantas; • Conclusão; ❖ Ciências do 2º Ano Primário: • Insetos; • Parasitas do homem e dos animais domésticos; • Plantas; • Funções da raiz; • Atividades aconselháveis; • Funções das folhas; • Lua • Forma da lua; • Os animais como seres adaptados as condições do meio em que vivem; • Insetos úteis; • A neve; • O pica-pau; • O coelho;

**O Ensino Primário
através da Metodologia**

Jarbas
Resende

1º e 2º
anos

**(Programa completo
para os 1º e 2º anos)**

- Como as sementes são protegidas pelos frutos;
- Recursos de disseminação das sementes;
- Recursos da semente;
- A evaporação;
- Unidade elétrica;

❖ **O Ensino de História e seu Programa do 2º Ano Primário:**

- O ensino de História;
- 2º ano: Rudimentos da história do município;
- O nome da cidade e sua origem;
- O governo da cidade e as autoridades atuais e primitivas;
- Ambiente natural;
- Ambiente modificado;
- Conhecimento da vida e obra de homens ilustres ligados a região;
- O barco a vapor;
- Telégrafo sem fio;
- Meios de transporte;
- Telefone;
- A eletricidade;

❖ **Programa de Geografia do 2º Ano Primário:**

- O ensino da Geografia;
- Plantações;
- Luz;
- O ar;
- A água;
- O solo;
- Plantas nativas, de fácil cultivo e as de mais difícil cultivo;
- Plantações da localidade;
- A cidade;
- Lavoura local;
- Animais úteis existentes na localidade;
- Indústria principal da localidade;
- Comércio local;
- Progresso da localidade;
- O município;
- Intercâmbios municipais;
- Vida social e cultural;
- Região do município;

❖ **Educação Moral e Cívica:**

- A Educação, moral e cívica;
- No 1º Ano:
- A família;
 - Deveres dos filhos;
 - Deveres na escola;
 - Deveres sociais;
 - Qualidades pessoais;
 - Comemorações cívicas;
 - Campanha de caráter cívico;
- Do 2º ano:
- Município e seus distritos;
 - Terra Natal;

**O Ensino Primário
através da Metodologia**

Jarbas
Resende

1º e 2º
anos

**(Programa completo
para os 1º e 2º anos)**

- Principais aspectos locais;
- Serviços Públicos municipais;
- Organização dos municípios;
- Ordem local;

❖ **Trabalhos Manuais do 1º, 2º, 3º e 4º Anos Primários.**

- Trabalho manual;
- Dobraduras;
- Cartonagens;
- Modelagem;
- Encaixe;

1º Ano:

- Trabalhos manuais com língua pátria;
- Trabalhos manuais com ciências naturais e higiene;

2º Ano

- Trabalhos manuais com língua pátria;
- Trabalhos manuais com aritmética e geometria;
- Trabalhos manuais com Geografia e História;
- Trabalhos manuais com ciências naturais e higiene;

3º Ano:

- Trabalhos manuais com língua pátria;
- Trabalhos manuais com aritmética e desenhos;
- Trabalhos manuais com Geografia e História;
- Trabalhos manuais com ciências e higiene

4º Ano:

- Trabalhos manuais com língua pátria;
- Trabalhos manuais com aritmética e desenho;
- Trabalhos manuais com Geografia e História;
- Trabalhos manuais com Ciências Naturais e higiene;

❖ **Aulas de Geografia do 2º e 3º Anos Primários:**

- Caratinga e as sedes de suas vilas;
- Limites de caratinga;
- Zona do estado de Minas : Mucurí, Rio doce, Zona da mata, Itacambira, Alto Jequitinhonha, Metalúrgica, Médio S. Francisco, Alto S. Francisco, Oeste, triângulo, Alto Parnaíba, Urucuia.
- Divisão de Minas: Zonas de Minas;
- Limites e produções de Minas;
- Sugestões;

❖ **Excursões:**

- As excursões;

❖ **Como devemos preparar uma aula de leitura:**

- Leitura intelectual e leitura expressiva;
- Atividades recomendadas à medida de bons resultados;
- Motivo;
- Meios empregados;
- Observações;
- Trabalho básico de reconhecimento e de

			pesquisas dos erros cometidos;
Aritmética Primária	Antônio Trajano	***	❖ A Caligrafia, o Ditado e as Composições no 1º Ano Primário: • Caligrafia; • O ditado; • A higiene; A Aritmética Primária aborda princípios de estudo dos números e do cálculo até as frações e o sistema métrico, compondo-se de: • Definições; • Numeração; • Operações fundamentais (somar, diminuir, multiplicar, dividir); • Propriedades dos números; • Frações; • Frações decimais; • Sistema métrico; • As quantias e a moeda atual.
Aritmética Elementar Ilustrada	Antônio Trajano	***	O livro visa um ensino teórico prático seguindo a exploração dos itens: • Definições; • Numeração; • Operações fundamentais (somar, diminuir, multiplicar, dividir); • Igualdade; • Propriedades dos números; • Frações; • Frações decimais; • Sistema métrico; • Números complexos; • Razão; • Proporções; • Regra de três; • Falsa posição; • Porcentagem; • Juros; • Abatimento e desconto; • Divisão em partes proporcionais; • Média aritmética; • Mistura e liga; • Câmbio; • Quadrados e cubos; • Análise aritmética; • Divisibilidade; • Submúltiplo; • Número primo; • Número múltiplo; • Princípios de divisibilidade; • Caracteres de divisibilidade; • Prova dos nove; • Máximo divisor comum;
Arithmetica Intuitiva	Olavo Freire	Curso Medio	

**Primeiros Passos na
Matemática**

Célia Côrtes
Abdon

- Meio de conhecer se um número é primo;
- Decomposição de um número em seus fatores primos;
- Divisores múltiplos;
- Mínimo múltiplo comum;
- Fatores correspondentes;
- Igualdade;
- Parênteses e colchetes;

A fim de poderem ser utilizados em classe, com economia de tempo para professor e alunos, foram impressos, em separado, cadernos individuais para os alunos, baseados no conteúdo deste livro, os quais puderam ser adquiridos a baixo preço. O livro explora os seguintes conteúdos:

- Noção de tamanho, quantidade e posição;
- Numeração;
- Números pares e ímpares;
- Adição e Subtração;
- Multiplicação;
- Noção de dobro;
- Noção de metade;
- Noção de dúzia;
- Numeração romana;
- Conhecimento do relógio;
- Conhecimento prático das moedas;
- Noções de Geometria.

FONTE: Material didático coletado nos arquivos da professora Noêmia Campos - Grupo Escolar Vidal de Negreiros – década de 1940.

APÊNDICE 4
Cadernos escolares catalogados

CADERNOS ESCOLARES	SÉRIE	ANO	Nº TOTAL DE PÁGINAS	Nº DE PÁGINAS (MATEMÁTICA)	TEXTOS DIVERSOS	CONTEÚDOS
01	-	-	24	10	-	• Números fracionários; • Unidades de medida; • Problemas • Contas; • Estudo das horas
02	-	-	38, destas, 12 foram utilizadas com desenhos	13	01 carta aos alunos; 02 biografias	• Contas; • Geometria; • Problemas; • MMC e MDC
03	-	1952	27	11	01 horário com carga horária por disciplina	• Geometria; • Expressão aritmética; • Números fracionários.
04	1º ano "B"	1947	30	08	-	• Números fracionários; • Unidades de medida; • Números ordinais, cardinais e multiplicativos • Problemas; • Estudos de anos, séculos;
05	2º ano primário	-	34	13	01 horário de aula semanal	• Unidades, dezenas e centenas, • Algarismo romano; • Ordem crescente e decrescente; • Problemas; • Horas; • Dinheiro; • Geometria.
06	-	-	64	64	-	• Conjuntos; • Problemas; • Fração; • Algarismos Romanos;
07	-	-	26	8	Notas de alunos;	• Problemas; • Geometria; • Frações próprias

					Elaboração de prova	e impróprias;
--	--	--	--	--	---------------------	---------------

FONTE: Material didático coletado nos arquivos da professora Noêmia Campos - Grupo Escol de Negreiros – década de 1940.

APÊNDICE 5

Livros Teóricos de apoio pedagógico utilizados pela professora Noêmia

TÍTULO	AUTOR	EDITORA	ANO	EDIÇÃO	CONTEÚDO
Tratado de Pedagogia	Monsenhor Pedro Anizio	A.B. C. Limitada	1937	3ª	A pedagogia e a educação; O fim da educação; Os ideais educativos; A educabilidade do homem; A educação moral; O sentimento ético; A consciência moral; O hábito e o caráter moral; Os fatores educativos, a herança e o meio; Pedeutologia; Teoria do método; Teoria dos meios didáticos; A organização escolar.
Aritmética Primária	Antônio Trajano	Francisco Alves	1947	118º	Operações fundamentais; Frações próprias e impróprias; Propriedades dos números; Relação entre unidade e fração;
Aritmética Elementar	Antônio Trajano	Francisco Alves	1948	122ª	Definições; Numeração; Tabuada; Adição, Subtração, Multiplicação, Divisão; Problemas; Abreviação do sistema métrico; Frações decimais; Câmbio; Juros; Porcentagem.
Noções de Prática de Ensino	Theobaldo Miranda Santos	Companhia Editora Nacional	1951	2ª	O ensino e aprendizagem; Técnicas de ensino; Planos de ensino; Matérias de ensino; A realização de ensino; A verificação do ensino.
Metodologia da matemática	Irene de Albuquerque	Conquista	1954	2ª	Fixação da aprendizagem: exercícios sistematizados; O treino do raciocínio e os problemas de matemática; A aprendizagem dos fatos fundamentais das quatro operações de inteiros;

					Cálculo mental abreviado; Perímetros, áreas e volumes; Noções fundamentais do sistema métrico; Noção de proporcionalidade e regra de três; Noção de área.
--	--	--	--	--	---

FONTE: Material didático coletado nos arquivos da professora Noêmia Campos - Grupo Escolar
Vidal de Negreiros – década de 1940.

ANEXO 1**Aprovação pelo Comitê de Ética**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA- PRPGP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

FORMULÁRIO DE PARECER DO CEP – UEPB

PROJETO CAAE Nº: 0367.0.133.000-11

PARECER

X APROVADO

NÃO APROVADO

PENDENTE

TÍTULO: “Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professores e ex-alunos”.

PESQUISADORA: Eliane de Moura Silva

DESCRIÇÃO: Trata-se de uma pesquisa histórico-qualitativa. O projeto encontra-se bem estruturado, bem fundamentado e com metodologia claramente definida. Durante o desenvolvimento da pesquisa, os pesquisadores adotarão os princípios éticos dispostos na RESOLUÇÃO 196/96 do CNS/MS. Assim sendo, somos de parecer favorável à realização do projeto, salvo melhor juízo.

Campina Grande, 15 de agosto de 2011.

Relator: 04

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA


Profª Dra. Doralúcia Pedrosa de Araújo
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

ANEXO 2

20

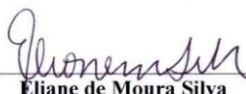
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE
(OBSERVAÇÃO: para o caso de pessoas maiores de 18 anos e não incluídas no grupo de vulneráveis)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, M^{te} Divanira de Souza Azevedo em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

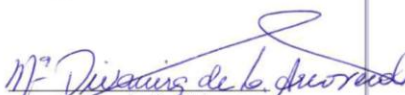
O trabalho **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**, terá como objetivo geral a análise da cultura escolar na década de 40 no Estado da Paraíba; tendo como referência a institucionalização dos grupos escolares e as práticas cotidianas das professoras em sala de aula.

Ao voluntário só caberá a autorização para uso das informações coletadas em entrevistas sendo que não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 3315-3398 com **Eliane de Moura Silva**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.


Eliane de Moura Silva
- Pesquisadora -

Print 10 de agosto de 2011


Assinatura do Participante

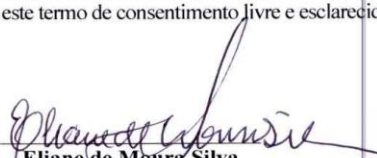
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE
(OBSERVAÇÃO: para o caso de pessoas maiores de 18 anos e não incluídas no grupo de vulneráveis)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Lyda de Paula Costa Leite, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**, terá como objetivo geral a análise da cultura escolar na década de 40 no Estado da Paraíba; tendo como referência a institucionalização dos grupos escolares e as práticas cotidianas das professoras em sala de aula.

Ao voluntário só caberá a autorização para uso das informações coletadas em entrevistas sendo que não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 3315-3398 com **Eliane de Moura Silva**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.


Eliane de Moura Silva
- Pesquisadora -


Assinatura do Participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE
(OBSERVAÇÃO: para o caso de pessoas maiores de 18 anos e não incluídas no grupo de vulneráveis)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Marthas Benício dos Santos, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e ex-alunas**, terá como objetivo geral a análise da cultura escolar na década de 40 no Estado da Paraíba; tendo como referência a institucionalização dos grupos escolares e as práticas cotidianas das professoras em sala de aula.

Ao voluntário só caberá a autorização para análise dos dados coletados através de entrevistas semi-estruturadas. Não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 3315-3398 com **Eliane de Moura Silva**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Eliane de Moura Silva
Eliane de Moura Silva
- Pesquisadora -

Marthas Benício dos Santos
Assinatura do Participante

Curité, 10 de agosto de 2011

20

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE
(OBSERVAÇÃO: para o caso de pessoas maiores de 18 anos e não incluídas no grupo de vulneráveis)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Noêmia Viana Campos, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e ex-alunas**, terá como objetivo geral a análise da cultura escolar na década de 40 no Estado da Paraíba; tendo como referência a institucionalização dos grupos escolares e as práticas cotidianas das professoras em sala de aula.

Ao voluntário só caberá a autorização para análise dos dados coletados através de entrevistas semi-estruturadas. Não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número **(083) 3315-3398** com **Eliane de Moura Silva**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Eliane de Moura Silva
Eliane de Moura Silva
- Pesquisadora -

Anti 10 de agosto de 2011

Noêmia Viana Campos
Assinatura do Participante

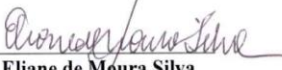
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE
(OBSERVAÇÃO: para o caso de pessoas maiores de 18 anos e não incluídas no grupo de vulneráveis)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Márcia da Fonseca Costa, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e ex-alunas**, terá como objetivo geral a análise da cultura escolar na década de 40 no Estado da Paraíba; tendo como referência a institucionalização dos grupos escolares e as práticas cotidianas das professoras em sala de aula.

Ao voluntário só caberá a autorização para análise dos dados coletados através de entrevistas semi-estruturadas. Não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número **(083) 3315-3398** com **Eliane de Moura Silva**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.


Eliane de Moura Silva
- Pesquisadora -

Márcia da Fonseca Costa
Assinatura do Participante 10-08-2011

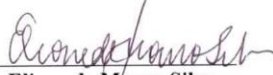
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE
(OBSERVAÇÃO: para o caso de pessoas maiores de 18 anos e não incluídas no grupo de vulneráveis)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, M^a Camélia Pessoa da Costa, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e ex-alunas**, terá como objetivo geral a análise da cultura escolar na década de 40 no Estado da Paraíba; tendo como referência a institucionalização dos grupos escolares e as práticas cotidianas das professoras em sala de aula.

Ao voluntário só caberá a autorização para análise dos dados coletados através de entrevistas semi-estruturadas. Não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número **(083) 3315-3398** com **Eliane de Moura Silva**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.


Eliane de Moura Silva

- Pesquisadora -

M^a Camélia Pessoa da Costa
Assinatura do Participante

Quinta 10 de agosto de 2011

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE
(OBSERVAÇÃO: para o caso de pessoas maiores de 18 anos e não incluídas no grupo de vulneráveis)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Maria Albani de L. Fonseca, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **Cultura Escolar do Grupo Escolar Vidal de Negreiros na década de 40: um estudo qualitativo na perspectiva de ex-professoras e alunas**, terá como objetivo geral a análise da cultura escolar na década de 40 no Estado da Paraíba; tendo como referência a institucionalização dos grupos escolares e as práticas cotidianas das professoras em sala de aula.

Ao voluntário só caberá a autorização para uso das informações coletadas em entrevistas sendo que não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 3315-3398 com **Eliane de Moura Silva**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.


Eliane de Moura Silva
- Pesquisadora -

Culê 10 de agosto de 2011


Assinatura do Participante